

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

## **A CASA DO MINHO**

Uma reflexão sobre o habitar

Francisco Areias Moreira de Sá

Docente Orientador: Professor Doutor José Júlio Cabral Faria Frias Dias

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto 2017

A presente dissertação foi escrita tendo como referência o novo acordo ortográfico. O texto do corpo principal é apresentado todo em português. Nas notas de rodapé não foram efectuadas traduções.



A TODOS QUANTOS TORNARAM ESTE TRABALHO POSSÍVEL...

... aos meus pais.

... à Francisca.

... aos meus amigos de sempre.



## Resumo

Este trabalho, apresentado sob o título “A Casa do Minho”, implantar-se-á numa zona consolidada em Vila Nova de Cerveira, Gondarém. A dissertação de mestrado será a síntese da reflexão pessoal e crítica sobre um conjunto de temas fundamentais, relacionados com a questão da habitação unifamiliar. Serão abordados, sobretudo, assuntos de interesse, não só para o curso de arquitetura, como também para a vivência diária. Desta forma, esta dissertação terá a possibilidade de se tornar numa oportunidade de realizar um projeto real, com clientes reais, para uma casa de férias e fins-de-semana.

Uma primeira leitura do lugar, feita de aproximações, avanços e recuos, procurará analisar a área de estudo e aquilo que a define, para que, em seguida, entre a “realidade e o desenho”, se dê forma a parte dessas leituras, em projeto.

O objetivo deste trabalho, será o de produzir uma proposta de habitação unifamiliar, que incitará uma reflexão sobre o habitar. Serão postos em destaque alguns temas que, através das hipóteses formuladas pelo processo de projeto e pela comparação com outras obras arquitetónicas, servirão de base para fundamentar a reflexão. O questionamento destes conceitos, servirá para fundamentar as decisões projetuais apreendidas, no desenvolvimento do projeto.

Sintetizando, a dissertação desenvolver-se-á através do programa, enquadramento e análise; descrição dos processos de conceção; questionamento de temas e conceitos, e por fim, a apresentação, fundamentada, do projeto final. Efetivamente a tese centra-se no projeto e as reflexões são em torno do tema que o envolve, habitação unifamiliar.

**Palavras-chave:** Escala | conforto | privacidade | limites | paisagem | contemplação

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

## Abstract

This work, presented under the title “A Casa do Minho”, will be established in a consolidated area in Vila Nova de Cerveira, Gondarém. The master dissertation will be the synthesis of personal and critical reflection on a set of fundamental themes related to the topic of single-family housing/dwelling. Topics of interest will be addressed, not only for the architecture course, but also for daily living. In this way, this dissertation will have the possibility to realize a real project, with real clients, for a vacation home and weekends.

A first reading of the place, made up of approximations, back and forward, will seek to analyze the area in study and what defines it, so that, between “reality and drawing”, part of these readings are formed, in project.

The purpose of this work will be to produce a proposal for single family housing, which will stimulate a reflection on the theme dwelling. It will highlight some themes that, through the hypotheses formulated during the design process and the comparison with other architectural works, will serve as a basis to base the reflection. The questioning of these concepts will serve to justify the seized project decisions in the development of the project.

Summarizing, the dissertation will be developed through the program, framework and analysis; description of design processes; questioning of themes and concepts, and finally, the reasoned presentation of the final project. Effectively the thesis focuses on the design and reflections are around the theme that connects it, single-family housing.

**Keywords:** Scale | Comfort | Privacy | Limits | Landscape | contemplation

11 **Introdução**

19 **PARTE I | Motivação e pertinência**

21 Cliente e Justificação do Tema

27 Objetivos

31 Objeto

35 Metodologia

39 **PARTE II | Programa, enquadramento e análise**

41 O Terreno: enquadramento

49 Região, Ambiente e História

63 O Programa: Inquietações e estratégia

69 **PARTE III | Processo de Conceção**

71 Lugar

79 Implantação e intenções

83 Hipóteses e referências de projeto

127 Espaço, Forma e Função

<b>PARTE IV   Reflexões em torno do projeto</b>	135
Natureza   Relação interior- exterior	143
Privacidade   Público – Privado	151
Conforto	157
Tempo   Momento   Surpresa	165
<b>PARTE V   O projeto</b>	171
<b>PARTE VI   Conclusão</b>	189
<b>PARTE VII   Referências bibliográficas</b>	197
<b>PARTE VIII   Anexos</b>	211

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



## **Introdução**

“Entender a importância das componentes do lugar bem como a relação interior/ exterior entre a obra e a paisagem tornam-se (...) essenciais. Assim, julgo que um dos aspetos mais particulares (...) é a abordagem ao lugar e a sua conceção de instrumentalização (...), particularmente no que se refere à transformação do sítio para uma melhor caracterização desse lugar.”<sup>1</sup>

**Eduardo Souto Moura**

---

<sup>1</sup> FERNANDES, Laetitia Mendes - **Eduardo Souto Moura, Arquitetura e Paisagem**, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, apresentado à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. p 17

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



**Fig.1** The Woven Child, Louise Bourgeois, 2002.

Os espaços fazem parte da arquitetura e da vivência do ser humano. A procura incessante pelo abrigo tornou-se fulcral para qualquer indivíduo. O abrigo vem substituir o útero materno, a primeira morada do Homem, onde se sente bem e seguro. Portanto, a procura de um refúgio será a pesquisa de um lugar de bem-estar, prazer e segurança que o ser humano deseja habitar.<sup>2</sup> Esta ideia de procura deste lugar de conforto é um dos objetivos a atingir na Casa do Minho.

O ato de habitar está vinculado à memória que molda o indivíduo, influenciando as opções e desejos da ocupação, uso e gozo do espaço. Não se pode resumir às funções ou à execução das tarefas. O habitante tem de conter em si a experiência passada de habitar, para que a casa não fique limitada ao planeamento do espaço e do tempo.<sup>3</sup>

O espaço e o tempo são dimensões primordiais de habitar, conseguindo transformar um espaço sem significado, num espaço especial, um lugar. O espaço acomoda-se na consciência do habitante e este adapta-se, sendo que o lugar se transforma numa exteriorização e numa extensão do seu ser, do ponto de vista físico e mental.<sup>4</sup>

“O ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo.”<sup>5</sup>

É uma qualidade mental e experimental, um cenário funcional, material e técnico. O ato de habitar torna-se num ato simbólico que organiza todo o mundo do habitante. A casa, por norma, é compreendida em relação ao espaço, como forma de controlar o mesmo, devendo controlar igualmente o tempo, através do domínio da escala, tornando-a compreensível.<sup>6</sup>

Cada pessoa tem o seu modo de “habitar”, embora a procura de bem-estar seja um denominador comum e uma vontade maior. É como se o habitante quisesse regressar à sua primeira casa, às suas raízes habitacionais, ao “útero materno”.<sup>7</sup>

Neste contexto, o arquiteto precisa de conceber um espaço que, consoante o programa, as condicionantes físicas, a interpretação que faz do cliente e a sua própria

---

2 PEREIRA DA SILVA, Ana Sofia – *La intimidad de la casa*. Espanha: Diseño Editorial, 2015. p. 36.

3 Idem p.40.

4 PALLASMAA, Juhani – *Habitar*. Barcelona: Editorial, Gustavo Gili, 2016. p. 7.

5 Idem p. 7.

6 PALLASMAA, Juhani – *Habitar*. Barcelona: Editorial, Gustavo Gili, 2016. p. 8-9.

7 PEREIRA DA SILVA, Ana Sofia – *La intimidad de la casa*. Espanha: Diseño Editorial, 2015. p.48.

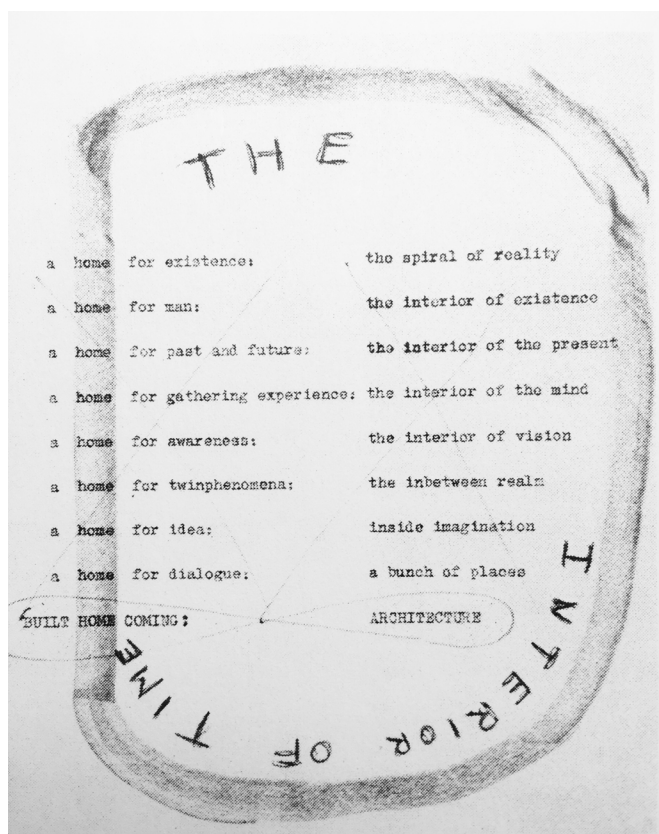


Fig.2 Diagram, Aldo Van Eyck.

forma de interpretação do habitar, criará um determinado efeito no habitante.<sup>8</sup> Este efeito estará relacionado com os sentidos do ser humano, na medida em que a arquitetura tem a capacidade de estimular cada um deles, através dos materiais físicos e dos ambientes que consegue criar. A arquitetura proporciona e potencia a vida, isto é, direciona à vivência e gera condições para a mesma. Assim sendo, o artista, o arquiteto, sente primeiro o “sitio” onde quer chegar e só depois vê, com “olho espiritual”, que vê para lá da realidade do olho orgânico, os espaços que quer criar.<sup>9</sup>

“Para mim, qualquer tipo de arquitetura, independentemente da sua função, é uma casa. Eu projeto apenas casa, não arquitetura. As casas são simples. Elas mantêm sempre uma relação interessante com a verdadeira existência, com a vida.”<sup>10</sup>

A questão levanta-se, (porquê a casa?), porque é onde tudo se condensa, desde logo pela necessidade aguda de intimidade, de conforto, de limite espacial para o conforto ou o que o induza. Louis Kahn disse que, o quarto é o princípio da Arquitetura, por comportar em si valores essenciais no que toca à intimidade e conforto do ser humano, e nesse sentido condensar os princípios básicos desta disciplina.

Assim sendo, o quarto está inserido na casa, lugar concreto, íntimo e único da vida de cada um, por conseguinte, a casa, através dos seus costumes, usos e gostos dos seus habitantes é a tipologia que melhor caracteriza a arquitetura.<sup>11</sup> É o mais completo dos contextos para a reflexão que se procura neste trabalho. A casa é o local de vida mais complexo, onde as tensões entre usos são mais evidentes, onde a necessidade de um ambiente rico e que satisfaça a natureza e as aspirações do Homem é também mais evidente. A casa nunca se pode esgotar no quotidiano e nos usos pelos habitantes.

Os espaços só serão entendidos se forem percorridos, isto é, apenas se houver uma experiência física e sensorial. A Arquitetura tem o poder de oferecer ao ser humano a possibilidade diária destas experiências. Portanto, ver e sentir as qualidades físicas dos espaços “significa tornar-se o sujeito dos sentidos”<sup>12</sup>.

8 PEREIRA DA SILVA, Ana Sofia – *La intimidad de la casa*. Espanha: Diseño Editorial, 2015. p.44 - 45.

9 Idem p.45.

10 Apud PALLASMAA, Juhani – *Habitar*. Barcelona: Editorial, Gustavo Gili, 2016. p. 7.

11 ROSSI, Aldo – *A Arquitetura da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2016. p.143

12 HOLL, Steven – *Questions of perception: phenomenology of architecture*. San Francisco: William Stout Publishers, 2006. p.40.



Todos os sentidos serão despertados apenas pela arquitetura. A sua experiência é ativada pela passagem do tempo, da luz, da sombra e da transparência, pelos fenômenos cromáticos, texturas, materiais e detalhes, etc. Todas estas sensações combinam-se numa experiência, complexa, fenomenológica do habitar, que passa a estar articulada e a ser específica quando sentida pelo habitante. Logo, a Arquitetura “consiste em estimular tanto a percepção interior como a exterior” realçando a experiência fenomenológica e simultaneamente, expressando a sua função, tendo em conta o desejo de dar resposta às particularidades do lugar.<sup>13</sup>

Este trabalho terá início com um estudo geral da zona do Minho, especificamente de Vila Nova de Cerveira. A primeira aproximação servirá para o entendimento do terreno de trabalho. Após a contextualização do mesmo e da respetiva envolvente, apresentar-se-ão as possibilidades de projeto a desenvolver, que serão, por sua vez, exploradas em paralelo com os desejos do cliente e as condicionantes do terreno. Posteriormente, o objetivo será o de observar, questionar, imaginar e perceber quais os temas de maior interesse para a vivência e dinâmica dos espaços a criar. Assim sendo, esta dissertação consiste no desenvolvimento do projeto da Casa do Minho, localizando-o no espaço e no tempo.

Em suma, este trabalho pretende ser uma reflexão sobre o habitar e todas as questões que envolvem este tema tão primordial e eterno. Pretende-se explorar conceitos intrínsecos ao ato de habitar, como o conforto, a intimidade, a privacidade, a envolvente, o tempo... Deseja-se a criação de um lugar com espaços em sucessão, que permitam ao habitante experienciar diferentes sensações. Todos estes fatores sensoriais culminaram numa proposta de projeto, sendo que o trabalho terá maior incidência sobre a componente sensitiva. A Arquitetura é muito mais do que apenas função. Aldo Rossi, já nos anos de 1960, expressou a desacreditação do funcionalismo ingénuo, recusando a função como matéria determinante da Arquitetura que minorizava o destaque que deveria e deve (hoje) ser dado à intencionalidade estética e à componente emocional ou espiritual.<sup>14</sup> A casa é matéria espiritual. As questões relativas ao habitar são essenciais devido ao seu papel fundamental na constituição da arquitetura.<sup>15</sup>

---

13 HOLL, Steven – *Questions of perception: phenomenology of architecture*. San Francisco: William Stout Publishers, 2006. p. 41.

14 ROSSI, Aldo – *A Arquitetura da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2016. p.51

15 PALLASMAA, Juhani – *Habitar*. Barcelona: Editorial, Gustavo Gili, 2016. p. 10.





## **PARTE I**

### **Motivação e pertinência**

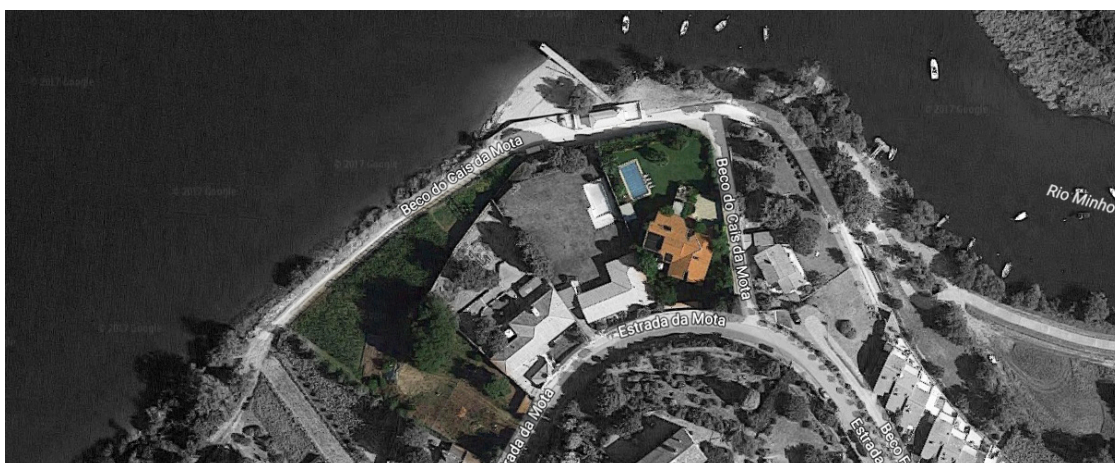
“Nesta época de excessiva especialização, a fusão total da dimensão arquitetônica da casa e da dimensão privada e pessoal da vida só se produziu em casos especiais (...) produto de uma amizade e interação excepcionais entre o arquiteto e o seu cliente.”<sup>16</sup>

**Juhani Pallasmaa**

---

16 PALLASMAA, Juhani – **Habitar**. Barcelona: Editoria, Gustavo Gili, 2016. p. 16.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



**Fig.3 e 4** Fotografia da casa de férias dos Clientes; Ortofotomapa: Terreno de estudo e Casa de férias dos clientes.

## Cliente e Justificação do Tema

A presente dissertação consubstancia-se no processo de estudo para um projeto de habitação unifamiliar, localizada em Gondarém, no concelho de Vila Nova de Cerveira.

Quando este projeto de fazer uma dissertação de mestrado se iniciou, pensou-se em variados assuntos. Logo após uma reflexão contida e ponderada sobre os mesmos e qual seria o que melhor se encaixava neste culminar do curso de arquitetura, surge a ideia de trabalhar o tema que mais nos motivou durante todo o curso, a habitação unifamiliar. Uma vez que este momento será o último em que se fará um trabalho académico, com as vantagens e desvantagens que um projeto universitário implica.

Decidiu-se investir num projeto que de certo modo, se aproximasse bastante do que se prevê que venha a ser, a nossa atividade profissional daqui em diante: tem-se em conta que o projeto parte de um terreno e cliente reais e um programa pré-definido pelo cliente. É a primeira vez que passaremos a barreira do ato de projetar académico, para o ato de projetar para um cliente real, em que as exigências são outras, as condicionantes muitas mais, e servirá assim de base para o trabalho de investigação e reflexão que é a Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura.

Conseguiu-se juntar a possibilidade de “sonhar” o projeto, uma última vez, sem ter a responsabilidade de pensar em custos nesta fase inicial, mas especulativa ou motivada por questões conceptuais e disciplinares. Isto é, o projeto tem terreno, cliente e programa real, como já referido e embora os custos não sejam calculados com total rigor, serão motivo de preocupação. Quer-se com isto dizer que não será com total ignorância relativamente ao tema que o projeto irá ser desenvolvido. Aliás, o cliente pretende a realização do projeto de execução numa fase posterior. Assim sendo, esta dissertação servirá para refletir sobre a ideia inicial da proposta, para uma encomenda real, e será sobre os seus fundamentos que pretenderão incidir os questionamentos arquitetónicos teóricos e desenhados.

A proposta para o projeto, que se desenvolve no âmbito desta dissertação, surge de um enorme desejo do cliente de fazer uma segunda casa de férias/ fins-de-semana, num terreno bem próximo da sua presente casa de férias. O objetivo desta segunda habitação



**Fig.5** Chegada ao terreno a nascente.

será para efeito de ampliação da família. Será para as filhas do casal usufruírem desta nova casa de forma a conseguirem uma maior privacidade relativamente à “casa dos pais”.

O cliente, neste caso os clientes, a família Neves, são amigos que já conheço há cerca de dez anos. Fui e sou visita regular na casa do quotidiano e na casa de férias e fins-de-semana. Estes factos concedem uma aproximação e saber sobre as vivências, as necessidades, os gostos e como se movem e usam a habitação, sendo que este fator excepcional, não acontecerá por norma na atividade profissional. Tem uma enorme vantagem ter conhecimento sobre os clientes, uma vez que facilita o entendimento do que é pretendido. Para além disso, muito antes de saber que iria algum dia projetar no terreno em questão, já o conhecia. Já o tinha sentido e percorrido, inocentemente e sem pretensões de estudo. Apenas percorria, e contemplava sempre a sua impactante paisagem. Desde a cota alta até à cota baixa. Onde se sente a paisagem de diferentes formas. Estas são algumas das fundamentações para a escolha deste sítio e tema *a priori*.

A Casa do Minho define-se como título, devido à enorme ligação do terreno e dos clientes com a zona do Minho e o Rio em particular. O sentido de pretenção do sítio para os utilizadores torna-se crucial para a decisão do título.

A ligação ao terreno sempre foi muito fugaz e de circunstância porque o lugar onde se encontra a “casa mãe” está separado por duas habitações com o mesmo tipo de utilização.

Desde logo o entusiasmo, a colaboração e disponibilidade da família Neves foi imediata, permitindo várias visitas ao terreno e acesso a toda a informação necessária sobre o mesmo. As reuniões para aferir os desejos, tanto do programa como da estratégia, irão acontecer á medida que os esboços surjam. Os clientes estarão sempre a par de cada atitude projetual, no sentido de encontrarmos uma possível solução, unindo as convicções de cada um e resolvendo as eventuais condicionantes legais e do terreno.

Complementarmente, o nosso objetivo será o de concretizar a casa. Esta é pensada para as suas filhas e respetivas futuras famílias. Tendo a possibilidade de usufruir de





**Fig.6** Chegada ao terreno a poente.

um ambiente mais calmo e sossegado, para férias ou simplesmente para um refúgio de descanso para os fins-de-semana.

Uma das preocupações será a de que o terreno e a topografia sejam trabalhados, de forma a não provocar grandes transformações no panorama geral da paisagem (a ponte) e relativamente à rua (a nascente). Considerar-se-á a organização espacial em boa conformidade com a vida dos utilizadores. Pretender-se-á que, o interior, seja feito à medida dos moradores, para satisfazer as suas tarefas e para agradar os seus momentos de lazer, potenciando através dos espaços a vivência dos mesmos. Em suma, Um bom enquadramento para suportar a liberdade e imprevisibilidade da vida.





## Objetivos

Esta dissertação tem como principal objetivo, a compreensão de conceitos fundamentais à temática da arquitetura habitacional. Neste sentido, definiu-se que o projeto deve apresentar uma forma de materializar alguns temas chave, questionando e analisando, matérias intrínsecas à habitação. Este estudo terá como contexto, a zona norte do país, junto ao leito do Rio Minho.

Com esse propósito, o trabalho em questão formular-se-á a partir de uma proposta de projeto de habitação unifamiliar, como se disse. Com o desenrolar do mesmo e conforme os temas se venham a revelar, propõe-se uma reflexão e questionamento, no sentido de encontrar hipotéticas ideias-chave, com o objetivo de aplicá-las no projeto. Conforto, privacidade, espaço privado, qualidade espacial, limites, caracterização espacial com base na experiência do movimento e da diversidade sensorial, são alguns dos temas que serão abordados e questionados no decorrer da elaboração do projeto de habitação.

A principal premissa inicial, incide na separação público-privado. Tanto da rua para a habitação propriamente dita; como na própria habitação, da zona social para a zona íntima. Desde o início, ficou bem explícito que este tema devia ser pensado de forma a conseguir uma eficaz divisão entre os espaços. Desta forma, deseja-se estabelecer inequívocos limites visuais e físicos, tanto do exterior para o interior e vice-versa, como no contexto privado da própria habitação, conforme já referido.

O tema da privacidade, será desenvolvido desde o primeiro momento, de modo a conseguir chegar a um desenho satisfatório para o cliente e mais do que para o cliente, para o que se entende ser o espaço de intimidade.

A integração na envolvente é outro tema bastante forte a ser equacionado. O terreno encontra-se entre duas propriedades pré-existentes, que de certo modo se tornam condicionantes. Esta casa situa-se numa zona urbanizada e ocupada por habitação unifamiliar dispersa (com baixa densidade), que está alinhada ao longo da rua, com definição de uma frente tendencialmente estruturada. A intenção deverá, assim, ser de integração, tanto a nível formal e volumétrico, como material. Através do diálogo estabelecido entre a volumetria e os materiais existentes na envolvente, constituindo também uma matéria

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

de reflexão, na procura de pertença e de autonomia, neste difícil contato com o pré-existente.

A frente única para o rio será desde logo uma condicionante, quando se fala na implantação no terreno. Os limites estabelecidas, pelos muros laterais e pela linha de limite de construção em relação ao rio, serão desafiantes, condicionando o espaço e o perímetro da habitação.

De qualquer modo, apesar das áreas da casa, do seu tipo de uso e de todas estas premissas iniciais, que serão tidas em conta no desenvolvimento do projeto. Todos os compartimentos têm que assegurar conforto, como uma experiência espacial em si própria, dando ao utilizador o desejo de permanecer, independentemente da sua própria hierarquia, no conjunto da habitação, para cumprir este propósito.

“(...)Bem, um dos meus critérios é que nunca quero nenhum espaço que não seja confortável, até o mais pequeno e mais servil dos espaços, o bengaleiro, a lavandaria, têm que ser espaços onde eu pessoalmente, gostaria de estar(...)”<sup>17</sup>.

Assim, em função das circunstâncias do programa e do sítio, desejamos encontrar, através da reflexão, do processo de projeto e da pesquisa bibliográfica, um modo de questionamento e um processo para encarar o tipo de temas/ problemas em análise. Estes, serão desenvolvidos em relação com o projeto, de forma a aplicar cada conceito abordado. As soluções de projeto variam, sempre, em função do tempo, do lugar, das circunstâncias, ect. O objetivo será, também, em termos gerais, dar um contributo parcelar, para encarar este tipo de contextos em transformação e onde a ordem não impera. Ou seja, no modo como se lida com a envolvente, o projeto testará um modo de intervenção (volumétrico, de implantação, espacial, material, ect) que terá em conta o complexo contexto em que se insere.

---

17 PAWSON, John - *Em Conversa com John Pawson*. Disponível em: [\[www.barrocal.pt/pt/residences/pawson-house/\]](http://www.barrocal.pt/pt/residences/pawson-house/)

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

Encontrando-se o terreno numa área de habitação consolidada, o projeto tem como propósito, preencher o único vazio existente na zona do Cais da Mota. O programa proposto pelos clientes é bastante denso, o que torna o projeto mais desafiante.

Ao apresentar uma possível resposta ao problema, uma proposta para uma habitação unifamiliar em Cerveira, chegaremos a possíveis soluções, no sentido de justificar cada decisão de projeto. Formar-se-á, um juízo crítico em relação às diferentes abordagens de cada tema analisado. Sendo que, o objetivo não passa por desenvolver exaustivamente o objeto de arquitetura, como se se tratasse de um projeto de execução.

As grandes potencialidades do terreno focam-se na paisagem, que absorve todo o olhar, bem como no declive acentuado que faz a transição da cota alta para a cota baixa, junto ao rio Minho, tornando-se bastante estimulante para o programa pretendido. O declive natural estabiliza em três cotas, pretende-se com a intervenção recriar o presente, de modo a ter a referência do pré-existente. Assim, trabalhar-se-á com patamares nas cotas relativas ao declive.

Cada arquiteto tem uma forma própria de pensar e viver o mundo, ou seja, tem métodos próprios de ver e fazer projeto, que o limitam.

*“[Isto é, tem] consciência dos vínculos existentes entre os modos de pensar, de ver o mundo, de viver, e as técnicas de projeto, já que estas não são neutras, mas ao contrário, limitam e contêm em si mesmas o potencial do nosso trabalho”.*<sup>18</sup>

Na Casa do Minho especificamente, assim que surgiram as primeiras abordagens ao terreno, rapidamente foram encontrados os limites, que acabaram por reduzir o espaço de implantação. A partir daí, juntamente com outras limitações, procurou-se associar o ponto de vista do autor, em relação ao mundo, conciliando com as pretensões do cliente. Deste modo, ao resolver o terreno, tendo em conta as suas restrições, tentou-se sintetizar um conjunto de temas, que se desenvolveram no sentido de satisfazer o cliente, aliado ao modo de pensar do arquiteto.

<sup>18</sup> ÁBALOS, Iñaki - *A Boa-Vida*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003. p.8

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

O tema da habitação unifamiliar, é por si só condicionada por bastantes conceitos ligados ao quotidiano. Quando pensamos nesta matéria, ocorre-nos de imediato a questão da qualidade espacial dos diferentes espaços. Coloca-se também, a questão em torno da diferença espacial que pode e deve existir entre uma habitação unifamiliar para utilizar no quotidiano em confronto com uma habitação de uso sazonal.

Naturalmente que, por exemplo, no caso da habitação sazonal, as áreas de utilização coletiva, poderão eventualmente ser mais subdimensionadas. Isto explica-se por estarem associadas a maior disponibilidade de tempo e circunstância dos habitantes para usufruírem dos espaços comuns. No caso do quotidiano, essas mesmas áreas, por norma têm utilização mais particularizada e em tempos mais concretos, isto é, o habitante não dispõe de tanto tempo para ações relacionadas com o lazer, tendo, por norma horários de trabalho fixo que o condicionam.

Em suma, o projeto serve de base para a realização da dissertação, levantando uma série de questões que se desejam pertinentes, relativas à arquitetura do habitar, no sentido de procurar uma possível resposta para cada ideia, trabalhando através do questionamento dos temas abordados. Deste modo, estes conceitos serão analisados e aplicados na Casa do Minho, pondo em prática o que se vai investigando na abordagem teórica, tanto no desenvolvimento dos conceitos, como na confrontação com obras já existentes. O objetivo parte, então, da premissa do projeto, tencionando o levantamento de alguns conceitos, que serão questionados, aplicados e trabalhados no desenvolvimento do projeto.





## Metodologia

Neste trabalho, a metodologia a desenvolver será moderada pela leitura e análise bibliográfica e documental (de autores e projetos de arquitetura), pela reflexão teórica sobre essas referências, sobre os temas de pesquisa que informem ou permitam questionar o projeto a realizar e pelas ações de desenho e de construção de maquetas. Noutro âmbito, a ligação com entidades licenciadoras, as reuniões com o cliente e as sessões críticas com professores e colegas, terão também um importante papel.

A estrutura metodológica é cruzada e não hierarquizada, porque interessa-nos a utilização de diferentes meios de expressão (desenho, maqueta, fotografia, escrita, 3D, montagem de imagens, ...). Importa-nos também a relação teórico-prática, no sentido de se complementarem.

Não estando apenas focados num caso de estudo específico, a parte teórica levantará questões, suscitará comparações, que ajudarão na tomada de decisões de projeto. Auxiliarão, também, a definir os temas que serão aprofundados na análise e aplicados na parte prática.

Neste sentido, pretende-se explorar a proposta, passando pelas diferentes hipóteses, até à consolidação do projeto final.

Com a inter-relação entre parte teórica e prática, o trabalho ganha configuração, estruturando-se no seu curso natural, com o fim de questionar realidades tão normais, nesta temática arquitetónica do habitar. O projeto adquire forma na relação entre as circunstâncias físicas (terreno, sítio) e as determinações funcionais (programa, etc), e as reflexões disciplinares, tendo a informação teórica um papel central. Será, também, na encruzilhada das determinações legais que o projeto ganhará forma, como o reflexo do questionamento, sobre as circunstâncias e motivações de partida, as reflexões suscitadas no entorno entre a informação bibliográfica e documental e a crítica sobre o processo de projeto.

Propõe-se repartir a estrutura em quatro partes contínuas, de forma a fortalecer o domínio deste exercício.



Na primeira parte, será feita uma pesquisa alargada da bibliografia essencial, reunindo matéria de interesse referencial, para o desenvolvimento do projeto. Elaborar-se-ão textos de reflexão, tendo como pano de fundo alguns escritos de referência. Fá-lo-emos de forma a encontrar algumas premissas iniciais, para os primeiros desenvolvimentos projetuais, sem pretensões de ser exaustivo. O intuito será, abrir pistas mais claras no modo de encarar o projeto, de acordo com as pretensões pessoais e o curso do seu desenvolvimento.

Na segunda parte, apresentar-se-á o enquadramento do projeto, a localização do terreno e a sua história, as condicionantes, as premissas, o programa e pretensões do cliente, bem como o modo como surgiu a encomenda.

A terceira parte, concentrar-se-á na abordagem crítica dos temas que surgirão na sequência da execução do projeto. Comparar-se-ão conceitos aplicados em obras já existentes e em diferentes abordagens. Aplicar-se-ão as ideias-chave no projeto em execução, conforme vão surgindo. Isto é, cada tema terá o seu devido destaque, mas todos serão desenvolvidos no desenrolar do processo projetual.

A última parte, será constituída pelas considerações finais, que resumirão todo o processo de desenvolvimento de projeto e sintetizarão a reflexão decorrente desse mesmo processo. Fá-lo-emos à luz das preocupações que o motivaram, referindo os temas abordados, tais como a questão público-privado, o conforto, a privacidade, os limites, entre outros.

Assim, no processo para construir a reflexão pessoal, utilizaremos, como forma de comparação, obras já executadas de diferentes arquitetos, com diferentes modos de abordagem. Com o desenvolvimento do trabalho, teremos a possibilidade de confrontação de cada conceito abordado. Resumidamente, a metodologia seguirá a linha de trabalho conforme o projeto se desenvolva. A reflexão sobre os temas irá ajudar a potenciar o projeto, do ponto de vista da construção espacial e espiritual.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

## **PARTE II**

### **Programa, enquadramento e análise**

Quando se pensa no projeto do ponto de vista da análise, compreende-se que qualquer edifício está sujeito a imposições que, de algum modo, constroem uma orientação, desde o primeiro desenho até à proposta final. Estas imposições variam entre o terreno, o programa, o tipo de edifício, as exigências do cliente, o enquadramento em que se insere, entre outros. Deste modo, o contacto com o terreno revela-se de extrema importância, pois é através dele que o lugar se dá a conhecer e o projeto se desenvolve.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

## O Terreno: Enquadramento

“A arquitetura é feita de encontros e o arquiteto precisa de tempo para ver, ouvir e sentir os locais e procurar a fina teia de relações que neles existe.”<sup>24</sup>

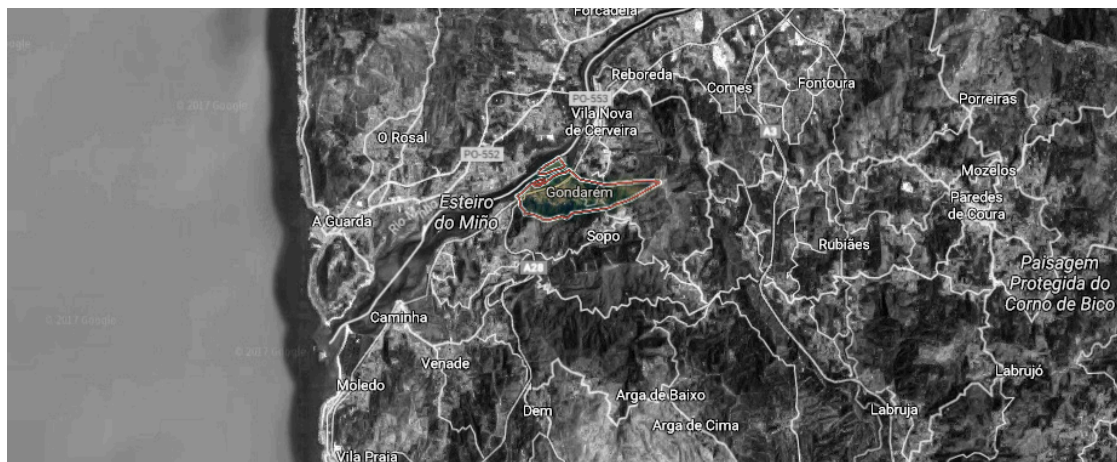
**Juan Domingo**

Vila Nova de Cerveira situa-se no Noroeste Peninsular. Um de 10 Municípios do distrito de Viana do Castelo. Nasce na margem esquerda do rio Minho, confinando a

---

<sup>24</sup> COELHO, Alexandra Prado - O arquiteto que se apaixonou por uma fábrica abandonada. *Entrevista a Juan Domingo*, ao Público. Disponível em: [https://www.publico.pt/2016/09/07/culturaipilon/noticia/o-arquitecto-que-se-apaixonou-por-uma-fabrica-abandonada-1743316]

## Uma reflexão sobre o habitar



**Fig. 9, 10, 11** - Ortofotomapas da aproximação ao Lugar de Gondarém.



Norte com o Concelho de Valença, a Este com o de Paredes de Coura e de Ponte de Lima, a Sul com o Concelho de Caminha e a Oeste com o rio Minho e a vizinha Galiza.

O concelho de Vila Nova de Cerveira surge em plena Idade Média. No processo de reconquista ganha expressão territorial como Terras de Cervaria, sendo que só mais tarde adquire o nome pelo qual é conhecido hoje em dia. O rio Minho passa a assumir, em definitivo, o papel de fronteira através da edificação de pontos fortificados.

A urbanização mudou a paisagem. Com o aumento populacional em crescimento, nas ultimas décadas, a paisagem sofreu, pelas mãos do Homem, grandes alterações. Sen-te-se a presença humana em quase toda a envolvente.

Apesar do aglomerado populacional ser ainda, bastante inferior ao das grandes cidades, tem-se vindo a sentir um crescente aumento de habitações, essencialmente de carácter sazonal.

A Freguesia de Gondarém, onde se localiza o terreno da casa, estende-se desde a margem esquerda do rio Minho (onde estão também as ilhas da Boega e dos Amores), até ao cimo dos montes de Goios e Pena. O terreno a intervencionar situa-se no Vale do Minho. Entre o verde da montanha e o azul do rio Minho.

Seguindo na Estrada Nacional 13, no sentido ascendente, após ter passado o concelho de Caminha, mais concretamente a freguesia de Lanhelas, chegando ao Alto da Mota, entra-se no concelho de Vila Nova de Cerveira, através da freguesia de Gondarém.

Aproximação ao local

Como se disse, o local de intervenção fica situado na freguesia de Gondarém, junto ao rio Minho, concelho de vila Nova de Cerveira. Situa-se entre Caminha e o centro de Vila Nova de Cerveira, numa zona de forte tradição de desportos náuticos, de atividades piscatórias e de segunda habitação.

A partir das fotografias aéreas, é possível ter uma perceção da densidade ocupacional da zona junto ao leito do rio Minho, com maior destaque para a mancha urbana a nascente do local de intervenção; correspondente a grande parte da área habitacional da

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

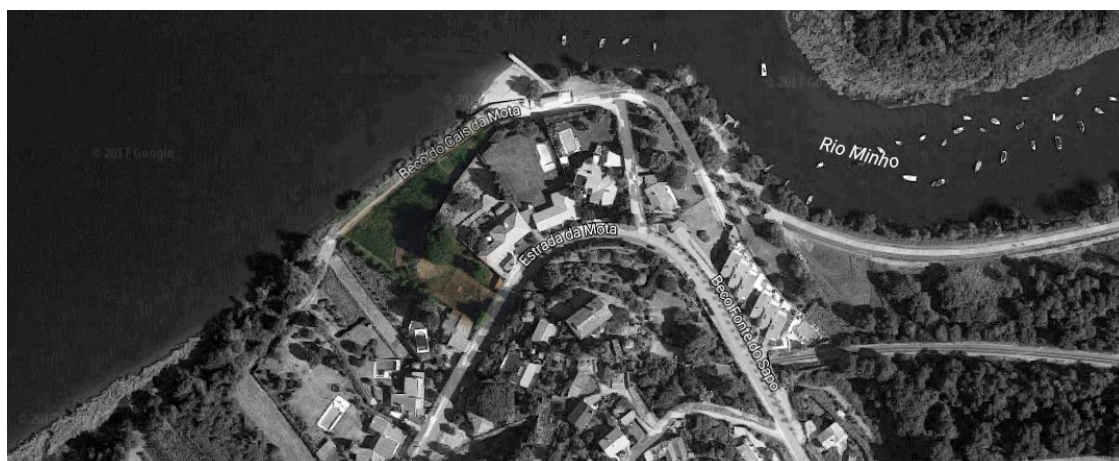


Fig. 12, 13, 14 - Ortofotomapas da aproximação ao Terreno de estudo.

freguesia de Gondarém. É perceptível a menor densidade da mancha edificada na área de intervenção. O terreno usufrui de uma situação topográfica favorável, uma vez que, os principais eixos viários existentes na proximidade são, a A28, onde tem o seu término, na chegada ao terreno; e a N13 que se inicia quando termina a via anteriormente referida. A A28 é um eixo de extrema importância no sentido que garante a ligação do terreno em questão com os grandes polos habitacionais.<sup>25</sup>

A localização do terreno, por estar numa zona tão próxima do rio Minho, está condicionada, sendo exigidas distâncias de construção relativas ao leito do rio, isto é, devido ao facto de se encontrar tão próximo da margem, não é possível construir na cota baixa dos terrenos. Este facto, faz com que as habitações, naquela zona específica sejam dispersas, o que se percebe a partir da mancha verde existente e confere ao lugar um ambiente ainda mais relacionado com a natureza.

Percebe-se que a população local mantém uma tradição agrícola, sendo que a principal produção é de carácter hortícola. As hortas são, por norma para consumo próprio, não tendo grande impacto na paisagem. A zona de cota baixa do terreno é usada para efeitos agrícolas (essencialmente plantação de milho), sendo que neste caso em específico, acaba por ter alguma presença na paisagem, pelas dimensões do terreno e por ser na cota baixa, junto ao leito do rio.

A parcela tem como frente de acesso a Rua Estrada da Mota, do lado inverso encontra-se o Rio Minho, com a paisagem arrebatadora formada pelos montes espanhóis de fundo. As confrontações laterais são rodeadas, a Sul e a Norte, por habitações qualificadas, de uso sazonal, que parecem ter sido construídas em momentos distintos.

O terreno situa-se, geograficamente, com um ligeiro declive para poente, a cota baixa (cinco) junto ao rio e a alta (catorze), na cota da entrada a nascente. Usufrui assim, de uma boa exposição solar e de uma vista amplamente privilegiada, sobre o rio. A área

---

<sup>25</sup> Nota: A ligação com a casa de habitação permanente dos clientes encontra-se a aproximadamente 100Km de distância do lugar de análise. Com a autoestrada tão próxima, “encurtou-se” em tempo e em distância as duas habitações, tornando bem mais confortável a viagem entre os dois pontos.





**Fig. 15** - Vista do terreno, Poente-Nascente.

é de 3400 m<sup>2</sup>, limitada pelo rio Minho, a poente, e pela rua, a nascente. A zona onde se encontra este terreno caracteriza-se como uma área de transição entre o vale fluvial, a poente, e o interior montanhoso, a nascente. A paisagem apresenta ondulações e colinas de alta altitude, sentindo-se como se as montanhas abrigassem a zona do vale do rio.

Na envolvente mais próxima destaca-se, a ecopista, que tem vindo a aumentar em dimensão e que passará pelo limite poente do terreno, junto ao rio. As particularidades de maior destaque da zona são sem dúvida a marcante paisagem, caracterizada por terrenos verdes de grandes dimensões, e pela frente do rio. Relativamente ao edificado, o que predomina são as habitações unifamiliares e em menor quantidade, como é natural, os equipamentos culturais.

Condicionantes legais

Relativamente ao terreno e aos seus limites foi publicado em Diário da República, nº 188/98, III série, segunda-feira, 17 de Agosto de 1998, pelo Ministério da Defesa Nacional, sector de Comissão do Domínio Público Marítimo, a aprovação do auto de delimitação. Consiste em validar os limites de domínio público marítimo no cais da mota, vendo o cliente, assim, formalmente reconhecidos os limites do terreno.

Obteve-se a viabilidade de construção com a informação requerida na Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira. Foram analisados documentos como o PDM do Município de V.N. de Cerveira<sup>26</sup> e o Regulamento Municipal de Urbanização e edificação.

Segundo a planta de ordenamento do PDM, o terreno está inserido numa área de solo rural<sup>27</sup>, de espaços urbanos de baixa densidade, de espaços urbanizáveis de baixa densidade e de proteção ambiental, urbanística e cultural.

A área de solo rural abrange uma zona de espaço agrícola, na cota baixa do terreno, integrada na RAN<sup>28</sup>. Inclui, também, uma zona de espaço florestal de proteção, igualmente na cota baixa, que constitui uma subcategoria de solo com aptidão florestal onde prevalece a função de proteção do solo, nomeadamente a proteção do solo contra a ero-

26 Publicado em *Diário da República*, 2ª série – Nº126 – 2 de Julho de 2012; p.23174-23194

27 Nota: O uso desta oposição entre rural e urbano, aplica-se para simplificação de linguagem.

28 Nota: integram-se nessa categoria, as áreas que integram a Reserva Agrícola Nacional (RAN) e as áreas marginais ou complementares à RAN, que possuem características adequadas à atividade agrícola.



**Fig. 16** - Vista do terreno, Nascente-Poente.

são, a proteção da rede hidrográfica, a proteção microclimática e a proteção ambiental.

Os espaços urbanos de baixa densidade executam funções urbanas dominantes, que são constituídas por zonas qualificadas pela existência de um tecido urbano consolidado e regularizado, dispondo de infraestruturas básicas e equipamentos de utilização coletiva, bem como as áreas dispersas que, constituem zonas de desenvolvimento prioritário do tecido urbano. A subcategoria em que o terreno se insere é o nível I, destinado predominantemente à função habitacional, sendo admissíveis habitações unifamiliares isoladas ou geminadas.

As áreas de proteção ambiental, urbanística e cultural contêm toda a zona do Cais da Mota onde se localiza o terreno, a estrutura ecológica municipal e as zonas inundáveis. A primeira constitui um sistema de salvaguarda, proteção e valorização ambiental. A segunda, refere-se apenas à cota baixa, sendo constituída pela zona contígua à margem do Rio Minho e correspondendo a uma área ameaçada pelas cheias. Nesta área, qualquer ação, plano, projeto ou operação urbanística, carece de parecer da autoridade competente nos termos do enquadramento legal que estabelece titularidade dos recursos hídricos.

A partir da análise das plantas de condicionantes, percebe-se que o terreno se inclui numa área de proteção da paisagem dos recursos naturais do ambiente urbano e dos habitantes. Sendo que só é possível construir a partir de 50 metros das margens do Rio Minho. A zona suscetível a inundações está condicionada pela cota máxima de cheia conhecida, que é de cinco metros.<sup>29</sup>

O terreno encontra-se numa zona de Reserva Ecológica Nacional (cota baixa) e Reserva Agrícola Nacional que condicionam o local onde é possível construir, uma vez que estas zonas são protegidas e contêm regulamento que exige uma série de parâmetros a serem cumpridos. Está inscrito na Rede Natura 2000, no território do concelho

---

29 “Nas áreas ameaçadas por cheias, a realização de qualquer ação, plano, projeto ou operação urbanística, carece de parecer da autoridade competente nos termos do enquadramento legal que estabelece titularidade dos recursos hídricos. Único – A edificabilidade, quando admitida, deverá respirar em qualquer caso, a cota de máxima de cheia conhecida.” Seção II, artigo 20º, Regime. **Plano Diretor Municipal**, Município de Vila Nova de Cerveira. Diário da República 2ª série – Nº 126 – 2 de Julho de 2012

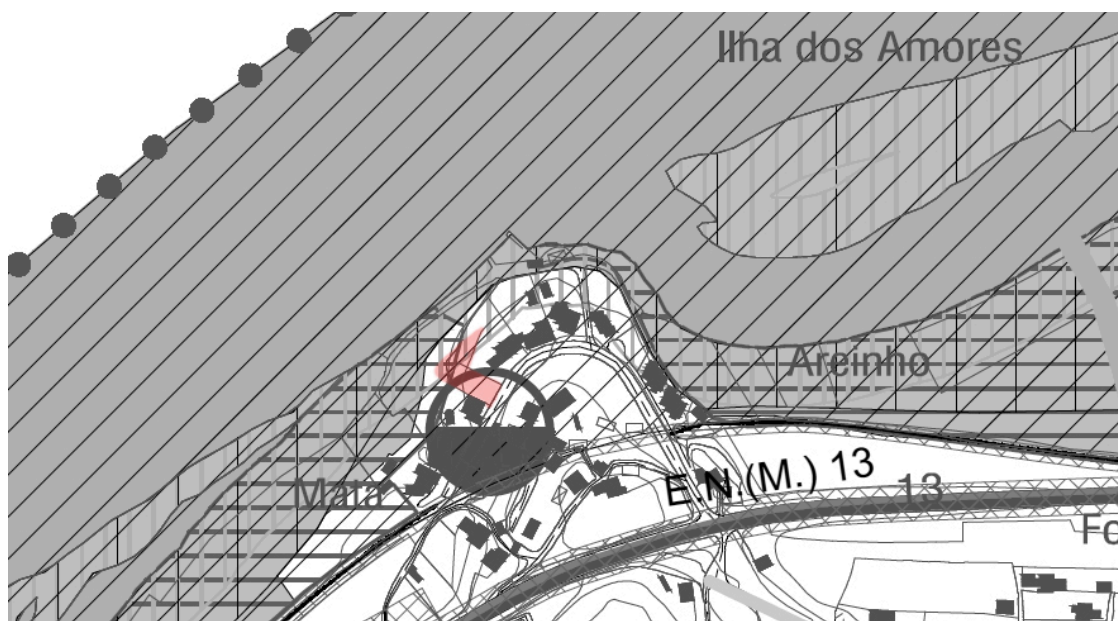


Fig. 17 - Planta de Condicionantes



de Vila Nova de Cerveira, que integra o sítio de importância comunitária do Rio Minho (PTCON0019) e a zona de proteção especial dos estuários dos rios Minho e Coura (PT-ZPE0001).

O Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação do Município de Vila Nova de Cerveira, que regula as disposições relativas a edificações em zonas urbanas e rurais é outro dos condicionadores do projeto. A implantação dos edifícios deverá assegurar, relativamente aos limites do respetivo lote, metade da altura da fachada, com o mínimo de 1,50m.

É permitida a implantação de edifícios destinados a habitação unifamiliar de um só piso, nos limites, desde que as respetivas fachadas não excedam, em todos os pontos, a altura de 1,50m relativamente ao terreno vizinho. As aberturas de vãos com caixilharia fixa e de vidro translucido são permitidas, quando o afastamento aos limites do terreno sejam, iguais ou superiores a metade da altura da fachada, com o mínimo de 1,5m.

Em resumo, as plantas de ordenamento e de condicionantes, juntamente com a análise do PDM, vêm impor uma série de restrições que se impõem no terreno e que naturalmente influenciam o projeto. Desta forma, pode dizer-se que todas estas condicionantes que influem o projeto serão obrigatórias, para que seja aprovado. Terão bastante influência no caminho que irá seguir, regulando-o. De enfatizar a complexidade dos requisitos legais e o seu efeito condicionador nas decisões projetuais, que justificam a intensa descrição feita neste tópico.

Evolução e história  
do terreno

Este ponto é desenvolvido com base nas conversas com o cliente e a respetiva família, onde se percebe de que forma obteve o terreno em questão e qual a sua evolução histórica.

Foi adquirido antes da compra da atual casa de férias e fins-de-semana, com o objetivo de construir uma segunda habitação. Contudo, entretanto, surgiu a oportunidade da compra, ainda em fase de construção, de uma casa localizada a dois lotes do terreno.



Fig. 18 e 19 - Zona dedicada a fins agrícolas (cota baixa do terreno); Zona dedicada ao acolhimento de animais (cota alta do terreno).

Assim, este acabou por ficar sempre destinado a outros fins e só recentemente decidiram que seria para a construção de uma casa para as filhas , sendo que sempre usam o terreno para fins agrícolas na zona de cota baixa (5) e de acolhimento de animais de sustento (galinhas, patos, porcos) na cota superior (14). Foram também plantadas algumas árvores de fruto, espalhadas pela zona dos animais.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

## **Região, Ambiente e História**

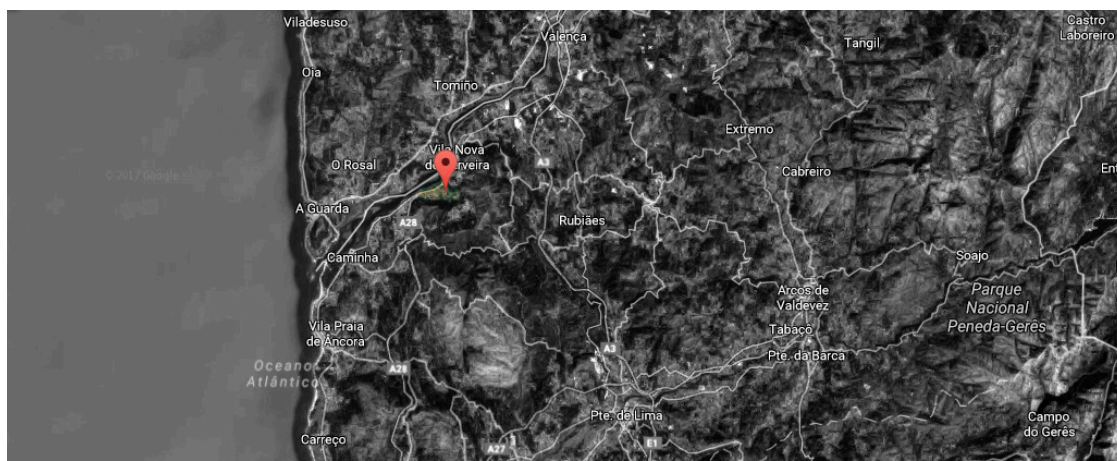
“O principio básico é este: todas as paisagens humanas têm valor cultural, por mais simples que sejam. As nossas paisagens humanas são a nossa autobiografia inconsciente, refletem os nossos gostos, os nossos valores, as nossas aspirações e até os nossos medos, de uma forma visível e tangível.”<sup>19</sup>

**Pedro Leão Neto**

---

19 NETO, Pedro Leão [coord]; SILVA, Olívia Marques da 2013 - **Topografias a Norte**. Porto: Scopio Editorial Line, 2003. p.17

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



**Fig.7** - Ortofotomapas da zona do Minho.



O Minho é a região mais a Norte de Portugal. Para além do vale que lhe dá nome, é delimitado pelos vales do Lima, Cávado e parte dos do Ave e Tâmega. Em tempos fez parte de uma região maior chamada Entre-Douro-e-Minho, que se desdobrava entre a margem norte do rio Douro e a margem sul do rio Minho. Hoje em dia divide-se em Alto e baixo Minho.

A zona Norte do País é das regiões mais pluviosas de Portugal, criando assim, uma condição climática única. Tem repercussões na paisagem, resultando em grandes números de riachos e pequenos rios que marcam o território. Estas particularidades servem de estímulo para a vasta vegetação florestal que se tem vindo a desenvolver.

Por outro lado, as povoações aglomeravam-se nas zonas do vale, apresentando limites definidos, com desenho irregular. Desenvolviam atividades de sustento, como sendo a agricultura ou a criação de gado. As áreas de altitude mais baixas contêm níveis mais elevados de ajuntamentos, em contrapartida, as áreas de grande altitude, por o terreno ser mais acidentado e de maior inclinação, apresentam fatores de menos povoação.

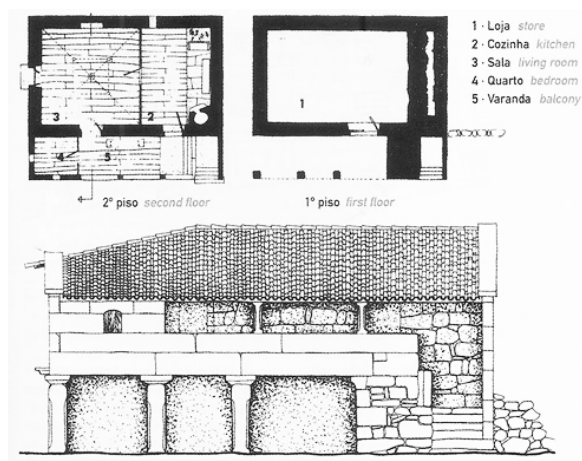
Nesta região o solo é do tipo granítico e xistoso, mas o primeiro adequa-se mais à prática de cultivo, porque impede a disseminação da água, que não chega a ser totalmente absorvida pela terra.

“(...) a região que se convencionou chamar o Minho tem uma identidade própria. Como sempre, é preciso começar por procurá-la na terra. No fecundo chão que os Minhotos pisam e donde tiram o sustento. Foi a partir das suas condições naturais peculiares que eles criaram hábitos de trabalho, formas de organização, ocupações predominantes, padrões culturais, ritos e provérbios.”<sup>20</sup>

De facto, a formação da paisagem do Minho é bastante característica. Não se constrói unicamente de movimentos de terras, divisões, apropriações de terrenos e construções, sendo possível afirmar que, os terrenos têm uma ligação com a terra, o solo, o clima, o lugar, com os traçados, as estradas e os caminhos que são percorridos há inúmeras

20 DAVEAU, Suzanne; MATTOSOS, José - *Portugal: O Sabor da Terra: um retrato histórico e geográfico por regiões*. Maia: Circulo de leitores, 2013. p.7 e 8.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



**Fig.8** Típica Casa Minhota



gerações e que tornam esta zona tão única e emblemática. A imagem distinta do local de estudo é construída pelas condicionantes geográficas que influenciam e condicionam o tipo de arquitetura que se pratica na zona norte.

“O Minho é, pois, uma região relativamente pequena, mas de grandes contrastes e com uma enorme variedade de situações.”<sup>21</sup> Isto significa que, o território acaba por ficar repartido dentro de si próprio, devido às condições climáticas particulares, sendo que oferece liberdade no modo de construir e de vida. Tradicionalmente, a população minhota implanta-se naturalmente na cota baixa, junto aos cursos de água, que ajudavam no desenvolvimento agrícola. Por fim, o Noroeste de Portugal é uma zona bastante convidativa para viver, para passar temporadas de férias (como é o caso dos clientes em questão), ou até mesmo para um simples passeio.

#### A casa minhota

Absorvido pela terra que o alimentava, a si e à sua família, o minhoto, pedia à casa só um abrigo, sem luxo nem conforto. O desenvolvimento da lavoura e uma vida de maior desafogo vieram exigir mais daquela que passou a ser também a sua habitação.

“Como resultante das dominantes geográficas locais, e da prolongada evolução da sociedade rural minhota, o povoamento disseminado caracteriza-se, (...), pela fixação do lavrador e da sua família junto das terras que trabalha.”<sup>22</sup>

A típica casa minhota, de granito e de carvalho, funde a habitação humana e o curral do gado. A casa de lavrador constitui-se como organismos unifamiliares e autossuficientes, eram compostos pela moradia e as construções anexas, consoante as necessidades.

As casas são de planta retangular e geralmente de dois pisos baixos: o primeiro andar, para habitação, e o térreo, para o gado, para o armazenamento, para as lojas, adega e por vezes para o celeiro. “No corpo maior, maciço, quase sem aberturas, estão no rés-do-chão, semienterradas, as lojas, e no andar superior, os quartos e salas da casa.”<sup>23</sup> Uma escada de pedra, de

21 DAVEAU, Suzanne; MATTOSOS, José - **Portugal: O Sabor da Terra**: um retrato histórico e geográfico por regiões. Maia: Circulo de leitores, 2013. p.10

22 A.A.V.V. - **Arquitetura Popular em Portugal**. Lisboa: Edição da Associação dos Arquitetos Portuenses, 1980. p.37

23 A.A.V.V. - **Arquitetura Popular em Portugal**. 2ªed. Lisboa: Edição da Associação dos Arquitetos Portugueses, 1980. p.46.



um só lance, sobe geralmente ao longo da fachada, coberta por norma por um alpendre, por onde se entra no sobrado. É frequente a casa dar acesso a uma varanda de granito, no seguimento da escada, corrida ao longo da fachada.

A cobertura, muito baixa, apoia em singelos pilares que albergam arrumos. É geralmente de duas águas, pouco inclinadas, de telha ou nos casos mais rústicos, de colmo e giesta. O espigueiro ou canastro é uma pequena construção que caracteriza a arquitetura do Minho. Serve para arrecadar em quantidade o milho, principal colheita destas “terras de regadio”. São verdadeiros silos, erguidos sobre colunas e inatingíveis aos seus principais inimigos: os ratos e os pássaros.

A arquitetura popular é uma fonte preciosa para o estudo da criação arquitetónica, pois ajuda a perceber os primórdios da arquitetura Popular em Portugal nessa região e as diferentes características das várias zonas do país. Demonstra, ainda, o claro funcionamento dos edifícios rurais e a sua estreita correspondência com os fatores geográficos, o clima, bem como as condições económicas e sociais.

Assim, ajuda-nos a ter perceção do percurso da arquitetura popular portuguesa e a conseguir comparar com o que se tem vindo a fazer, de que forma se evoluiu e como a arquitetura contemporânea pode interpretar estes valores tão únicos na nossa região. Com a mudança de paradigma (fim da agricultura e da pecuária como atividades exclusivas), com o surgimento de atividades como a indústria, no séc.XIX, o turismo e o lazer, o modelo ancestral de arquitetura perde o domínio. Características como, uma certa austeridade e ligação à terra, ao solo, pretendem-se trabalhar no projeto da casa do Minho.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

## **O programa: Estratégia e condicionantes**

“Não há arquitetura sem um programa, a arquitetura não é uma atividade artística. Também é preciso bom senso.”<sup>30</sup>

**Eduardo Souto Moura**

---

<sup>30</sup> CREMASCOLI, Roberto; MILANO, Maria - Eduardo Souto de Moura. *Gosto de Chegar a Casa. A Casa de Quem Faz as Casas*. Lisboa, Cardume Editores, Lda, 2016. p. 25

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

Desde logo, o programa foi debatido com o cliente, que se mostrou recetivo a sugestões, de forma a encontrar o uso mais adequado para o terreno. O programa está definido de forma clara, para que fique explícita a distinção entre os espaços de uso privado e coletivo.

A zona privada será constituída por cinco quartos, com casa de banho. Um dos quartos deverá ter um tratamento diferente dos outros, de forma a conferir algumas vantagens (a nível espacial), sendo o quarto dos donos da casa. Falamos de um quarto que terá de conter uma zona de vestir, uma zona de casa de banho e zona de dormir. A exigência foi realizada no sentido de este quarto ser para os clientes usufruírem do mesmo de uma forma mais contemplativa. Não se tratará apenas que cumpra as necessidades de descanso noturno, mas sim de um espaço que possa proporcionar maiores condições de conforto. De todo o modo, todos os quartos devem conceder ao utilizador zonas com qualidade espacial.

A zona coletiva, terá, por inerência, um carácter mais de convívio, sendo que ficou estabelecido que as zonas sociais deveriam estar interligadas. A mesma conterá uma cozinha com espaço para refeições rápidas e a zona de tratamento de roupas, anexa. Incluirá, no espaço de distribuição, uma zona de serviço que dará apoio a toda a zona social. Conterá uma sala de jantar que estará ligada com a zona de preparação de alimentos e uma sala de estar, que a sucede. Por fim, incluirá uma sala polivalente com ligação ao exterior. A função desta sala ficará em aberto, encontrando-se apta a poder servir como zona de diversão para crianças ou sala de jogos, criando, de certa forma, uma extensão da sala de estar

Na parte exterior do edifício, uma piscina, que deverá obrigatoriamente usufruir da vista privilegiada a poente. Os primeiros esboços irão de imediato originar a opinião dos clientes, que, naturalmente, será tida em conta. A piscina necessitará de um espaço de apoio para a zona técnica e para os utilizadores: dois espaços, um que irá conter as máquinas necessárias ao funcionamento da piscina e outro de duche e apoio de roupa.

Espaços exteriores, não só de contemplação, mas igualmente de uso, fazem também

GARAGEM :	70 m <sup>2</sup>
HALL DE ENTRADA :	10 m <sup>2</sup>
4 QUARTOS :	70 m <sup>2</sup>
QUARTO PRINCIPAL :	20 m <sup>2</sup>
5 SANITÁRIOS :	30 m <sup>2</sup>
LAVANDARIA :	5 m <sup>2</sup>
COZINHA :	20 m <sup>2</sup>
SALA DE JANTAR :	30 m <sup>2</sup>
SALA DE ESTAR :	50 m <sup>2</sup>
SALA POLIVALENTE :	20 m <sup>2</sup>
BALNEÁRIO :	15 m <sup>2</sup>
ÁREA TÉCNICA :	15 m <sup>2</sup>
ÁREA TOTAL BRUTA : 355 m <sup>2</sup>	

**Fig. 20** - Tabela estimativa das áreas do programa.



apoio á cozinha e zona de refeições, bem como, às zonas de estar.

Os clientes pretendem que a proposta esteja intrinsecamente relacionada com a paisagem envolvente. Não tencionam que a obra se imponha na paisagem nem à face da rua. A privacidade é o tema mais marcante das conversas, expressando um forte desejo de conseguir o máximo de restrição visual relativamente a estranhos. Pretendem também que a habitação não se desenvolva em mais do que dois pisos.

Assim, a estratégia estará em conseguir dispor harmoniosamente este programa extenso. O maior desafio será harmonizá-lo no terreno, com as condicionantes que o mesmo apresenta, uma vez que está bastante limitado pela área possível de implantação e pela largura do lote, bem como pelas restrições legais e regulamentares. Esta zona é restrita, sendo permitido contruir, apenas, na cota alta do terreno, a nascente, reduzindo a área de implantação para metade do terreno. O programa, embora desde o início seja bem definido pelos clientes, ao longo das diferentes propostas, haverá possibilidade de adaptações, ficando isto, explícito nas conversas, de forma a atingir as melhores soluções espaciais e as relações com o terreno entendidas como mais convenientes. O projeto terá de tirar partido deste espaço de liberdade “concedido” pelos clientes.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

### **PARTE III**

#### **Processo de Conceção**

“Uma obra pode dispor de qualidades estéticas, quando as suas diversas formas e conteúdos se fundem num ambiente base forte que nos consegue tocar. Esta arte nada tem a ver com configurações interessantes ou com a originalidade. Trata de compreensão, bom senso e, sobretudo, de verdade. E se calhar a poesia é a verdade inesperada. A sua presença requer silêncio. Conferir uma forma a esta expectativa silenciosa é a tarefa artística da arquitetura. Porque a própria obra nunca é poética. Apenas pode possuir estas qualidades delicadas que, em momentos especiais, nos deixam perceber o que antes nunca tínhamos percebido.”<sup>31</sup>

**Peter Zumthor**

---

31 ZUMTHOR, Peter - *Pensar a Arquitetura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2009. p. 18 e 19.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

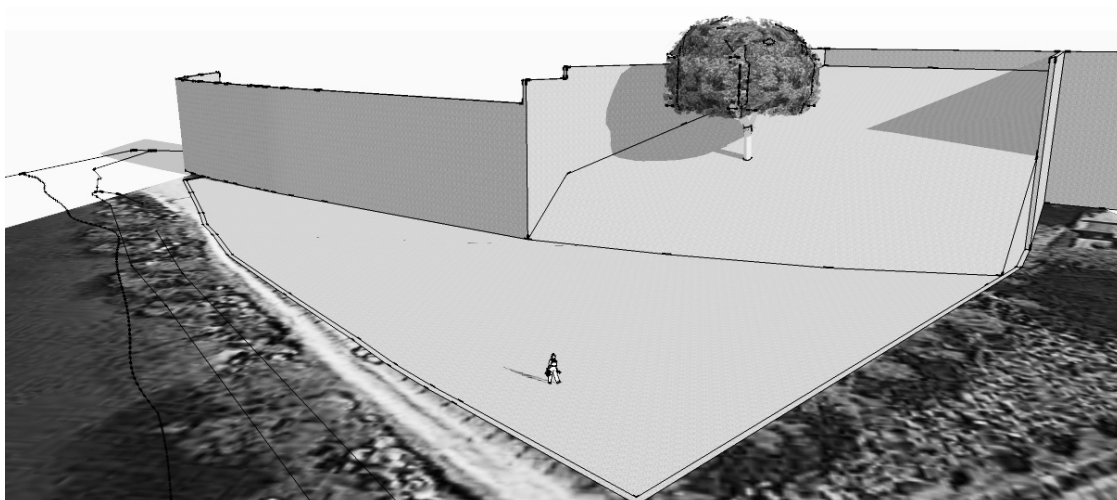
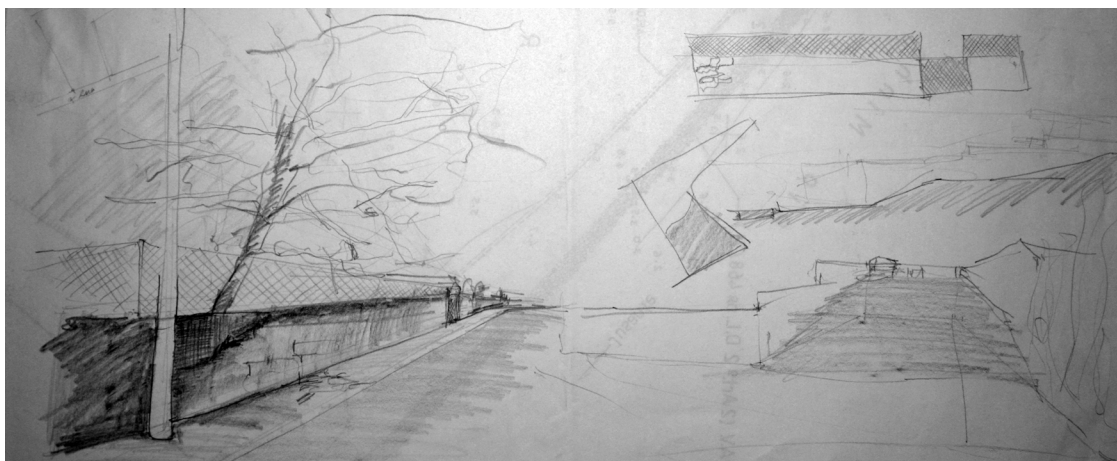


Fig. 21, 22, 23 - Entrada a Nascente; primeiros esboços do terreno, a nascente e poente; Experiência em modelo 3D do terreno.

“A criação arquitetónica nasce de uma emoção, a emoção provocada por um momento e por um lugar.”<sup>32</sup>

Álvaro Siza Vieira

### Aproximações

A primeira abordagem ao lugar depois de iniciar a dissertação foi feita com o intuito de estudo e não apenas de contemplação, como até aí acontecia. A abordagem ao lugar foi realizada com um olhar mais crítico, tentando detetar as particularidades e as características mais sensíveis, a fim de perceber as condicionantes e quais as possibilidades de implantação da casa. Antes mesmo dos esboços iniciais, foi importante este “primeiro” contacto para que, posteriormente a construção do pensamento tivesse como referência o que foi visto e analisado no local.

O percurso pelo lugar foi feito de aproximações e recuos, de forma a detetar pontos que pudessem ser interpretadas no projeto. Os registos desta “primeira” aproximação foram assinalados em fotografias, desenhos e escritos.

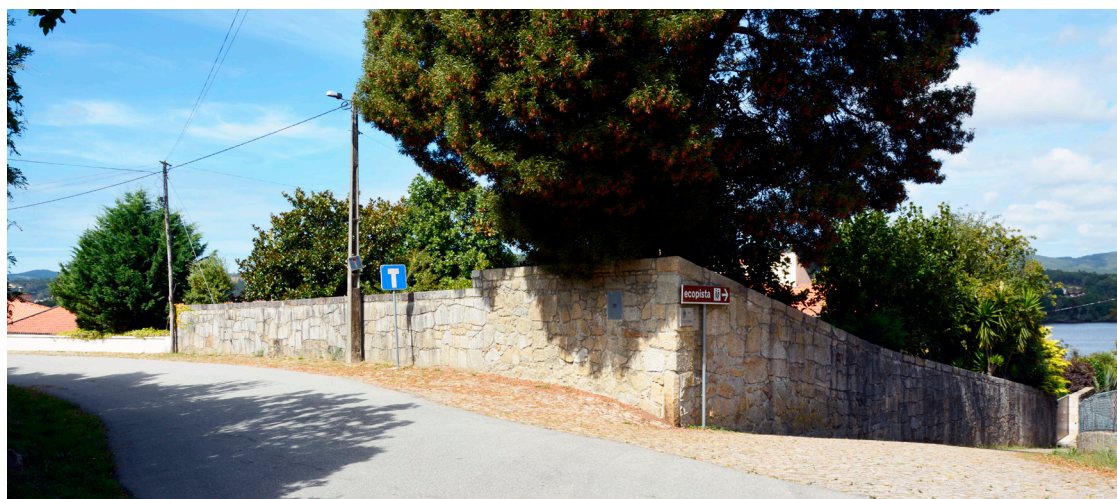
Este ponto tem como objetivos, explorar e expor notas pessoais da atmosfera do lugar. Trata-se de algo marcante que o possa descrever de forma tanto real como impressiva, com o objetivo de que a essência do sítio chegue ao leitor. Se por um lado se procura percorrer uma via mais impressiva, por outro, procura-se identificar um conjunto de elementos, de uma forma mais objetiva. Sabe-se que a leitura da realidade, o modo como a vemos, é mais importante do que a realidade em si mesma para o juízo que fazemos dela.

Como diz Peter Zumthor, na citação inicial desta parte, a própria obra nunca é poética, pode apenas, possuir qualidades delicadas que, em momentos especiais, nos deixam perceber o que antes nunca tínhamos percebido. Ou seja, as coisas não têm um valor ou significado em si mesmas, somos nós que com a nossa cultura, personalidade e emoções, lhes atribuímos sentido.

As duas formas de leitura, impressiva e objetiva, servirão para comunicar o território e a investigação. Complementar-se-ão, intersetando-se, gerando provocações ao projeto. Muitos destes momentos não poderão ser vistos como condição de projeto,

---

32 Apud RODRIGUES, António Jacinto - Álvaro Siza / Obra e Método. Porto: Civilização, 1992. p.9



**Fig. 24** - Vista do caminho da “Casa Mãe” para o Terreno.



no entanto, serão de extrema importância para a consciência do lugar. Conhecer quem o usa ou usou, quem já presenciou alguma mudança ao longo dos anos, serão leituras que complementarão o conhecimento do local.

Estas análises, juntamente com os esboços do pré-existente, ajudarão a criar estratégias de intervenção. Neste caso, falamos de uma curta história, reduzida ao uso agrícola, onde apenas existe uma construção de reduzida dimensão, que serve de abrigo para pequenos animais (galinhas). Desvalorizar o uso, por esse mesmo motivo e acentuar as características físicas e as impressões e sensações que o terreno/ local suscita.

Chegada

Sáimos do Porto em direção a Vila Nova de Cerveira. Sexta-feira. A azafama da cidade, no final do dia e da semana, sente-se no frenesim dos carros, que à medida que percorremos a A28, estrada que liga o Porto a Cerveira, se vai dissipando. O percurso é muito apazível, quase sempre pelo meio da vegetação e com as montanhas de fundo, até que chegamos ao final da via rápida e seguimos pela esquerda, onde entramos na rua Estrada da Mota. Sentimos de imediato a paisagem que nos envolve. Em frente, o rio. Nas costas, as montanhas. Seguimos pela rua até ao entroncamento que nos leva à casa de fins-de-semana do cliente. Estacionamos o carro na garagem e pernoitamos.

Sábado de manhã. Sáimos, a pé, em direção ao terreno. A manhã acordava. O nascer do sol radiante iluminava uma parte do rio e dos caminhos. Subimos a rua inclinada, com o rio nas costas. O caminho é bastante estreito, onde só cabe um carro. De um lado o muro de pedra com cerca de dois metros, não permitindo qualquer tipo de apropriação visual para a casa. Do outro um muro baixo, igualmente em pedra, com o restante da altura em grade verde, permitindo visualizar alguns dos momentos da casa vizinha.

No final da subida a rua estabiliza, contendo uma pendente a descer ligeiramente para a zona do terreno, à direita. Seguimos com casas de um lado e do outro. No lado esquerdo apenas grandes muros com as habitações bastante recuadas. Do lado direito uma série de habitações à face, com pequenos muros, que permitem o alcance visual. Este conjunto de construções é interrompido pelo vazio do terreno. Localiza-se a duas casas da habitação do cliente.



**Fig. 25** -Vista de Nascente para Poente (cota alta).



Chegamos. A nossa visão é de imediato invadida pela paisagem impactante, mesmo com a guarda, constituída pelo muro de pedra, que termina em arame verde, a separar o público do privado. Dois castanheiros. Um de pequeno porte, situado junto à guarda, onde a sua copa ultrapassa a zona privada. Outro de grande porte, a meio do terreno, bloqueando uma parte da panorâmica para o rio.

Entramos. O terreno divide-se em diferentes cotas. A primeira, localiza-se na cota de chegada, onde se sente a paisagem do ponto mais elevado. A segunda, sucede a entrada e desce para a cota estável, que se prolonga até meio do comprimento total. A terceira, estabiliza-se abaixo, cinco metros da anterior. O que as separa é um talude bastante íngreme, onde se localiza a árvore de grande porte.

Abre-se o portão de rede verde. Desce-se o talude íngreme feito para aceder à cota inferior e permitir que o carro de mão e o trator consiga vencer o desnível. Vê-se as galinhas e os patos a circular livremente na zona que lhes foi atribuída. No lado direito junto ao muro do limite, a nascente, encontra-se uma estrutura para abrigo dos animais, durante a noite. Existe em frente um pequeno lago. Duas árvores de fruto fazem também parte deste espaço para os animais. Seguimos em frente. Passamos a separação de rede verde, para que os animais não passem para o resto do terreno. Estamos na cota que mais surpreende relativamente à vista. A paisagem sente-se de um ponto intermédio do terreno, não tão alto como o da chegada, mas com maior ângulo de visão, que nos permite vislumbrar o rio Minho, com os montes espanhóis de fundo, em quase 180 graus. A árvore de grande porte encontra-se no cimo do desnível intermédio.

Descemos em direção à cota mais baixa e vemos que metade da sua extensão é usada para plantação de milho, couves, batatas e alguns alimentos para manter os animais e para uso próprio. A delimitação do terreno é feita com uma rede, que serve de guarda entre o caminho de terra batida, junto ao rio, e o terreno.

Pode dizer-se, finalmente, que este lugar é sem dúvida um sítio edílico para se viver, seja permanente ou temporariamente. A pouca densidade urbana traz ao local a possibilidade de se envolver com a natureza de uma forma única. Acaba por se tornar num



**Fig. 26** - Vista do final de tarde, no extremo do terreno (cota baixa)

“retiro” espiritual e físico da cidade. Vê-se o “campo” como um espaço de reflexão e descanso da semana de trabalho.

O local apela a todos os sentidos humanos. A visão é preenchida por uma paisagem distinta e única. A audição é levada pela música dos pássaros e pelas árvores a tocar, com as folhas a surrarem umas nas outras, ao sabor do vento. O olfato, a receber todo o ar puro que se faz sentir pela natureza que o circunda. O cheiro único, que tão comum é sentir-se nas zonas mais afastadas da cidade, faz, também parte integrante deste local. O tato faz-se sentir através das texturas envolventes, criadas pelo solo, pela pedra, pelas árvores, pela vegetação e pela água. O paladar é certo que se fará sentir na mesa do habitante minhoto, tendo um lugar marcante e presente nas sensações de quem por lá passa.

Ao mesmo tempo que o sítio traz todas estas sensações a quem o percorre, sente-se um silêncio que vem da calma que lhe é inerente, característica de zonas menos povoadas. É talvez a grande vantagem de se viver num sítio como este.

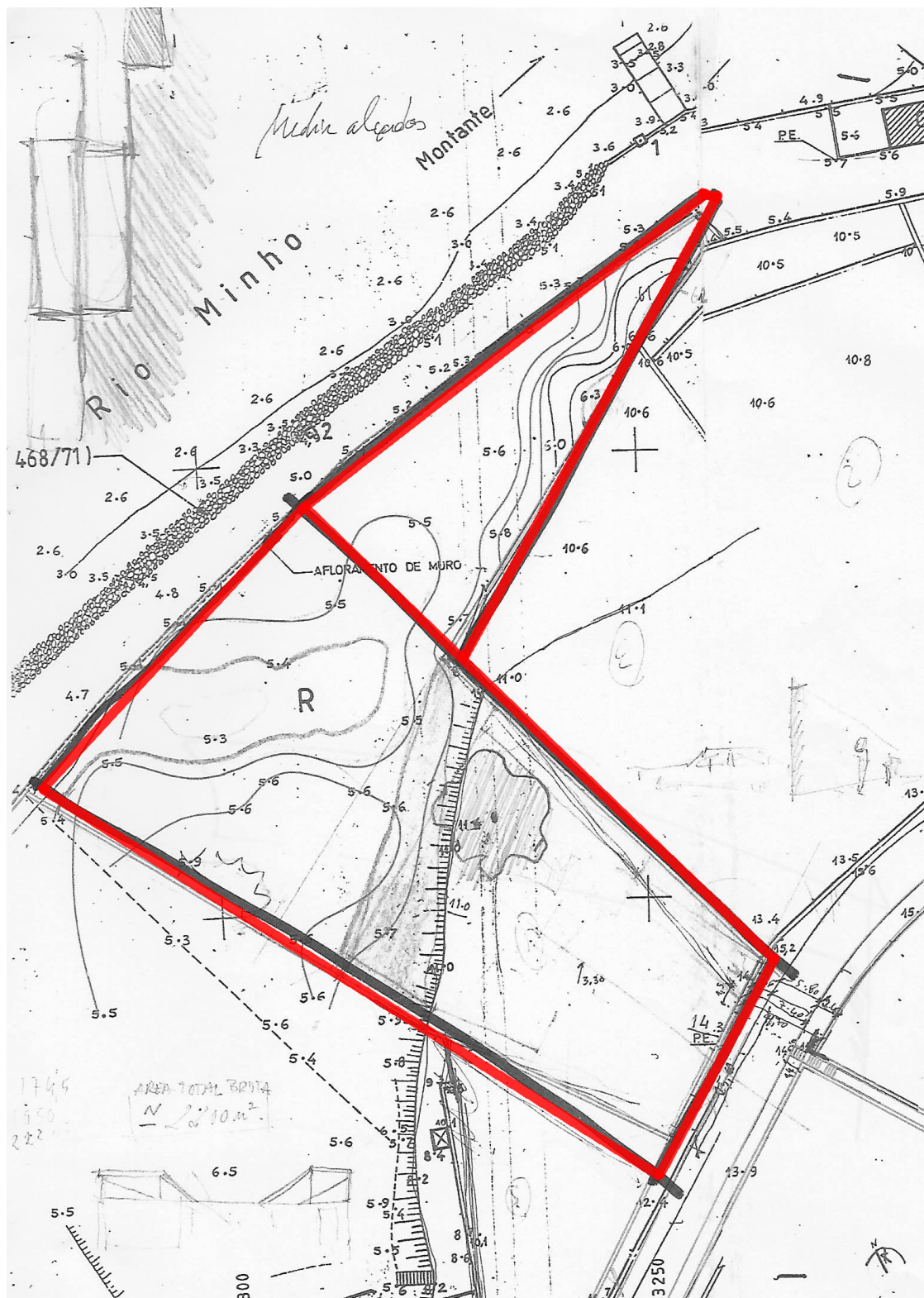


Fig. 27 - Primeiro contato com a planta existente, geometria do Terreno.

## Implantação e intenções

“Como Souto de Moura refere, o arquiteto além de pensar na integração da obra no lugar, deve, caso haja necessidade e se mostre a melhor solução, manipular o solo, o lugar, para que arquitetura e lugar (co)respondam entre si.”<sup>33</sup>

**Marta Sofia Martins**

Esta ideia vem ao encontro da abordagem pretendida para este terreno, perseguir-se a integração da casa na paisagem e no cadastro pré-existente. Como objetivo inicial, deseja-se uma ligação harmoniosa entre arquitetura e lugar, sendo que para isso, o terreno, terá de sofrer manipulações. A arquitetura resulta quase sempre do encontro entre a construção e o terreno segundo a sua própria vocação transformadora.

Após uma primeira análise e pesquisa, percebemos que o possível local de implantação é bastante reduzido, uma vez que o PDM define que só é permitido construir a 50 metros da margem do rio. Assim, este fator torna-se fulcral nas decisões de desenho.

O terreno como se encontra numa zona consolidada, acaba por resultar numa forma bastante assimétrica. A zona de maior dimensão localiza-se na cota baixa, que consiste num retângulo que afunila de poente para nascente, e num triângulo que se junta a norte. Este, juntamente com a parte de maior dimensão do retângulo, forma a zona de proteção do rio Minho. Portanto, a área de implantação fica reduzida á cota superior, a nascente, onde o retângulo é mais estreito.

Outras condicionantes identificadas consistem, na árvore pré-existente, que os clientes pretendem manter, e no declive, que se revela acentuado na zona de intervenção, reduzindo ainda mais o espaço a intervir. Assim, o terreno torna-se desafiante, uma vez que o programa é extenso e a zona de implantação se demonstra limitada pelas premissas iniciais físicas e legais.

As primeiras intenções projetuais desenvolvem-se em torno destas premissas, tendo desde logo grande influência no desenvolvimento do projeto. O objetivo inicial

---

<sup>33</sup> MARTINS, Marta Sofia Vara - *Pensar em Arquitetura através da Arquitetura: percepção do homem no [e do] espaço arquitetónico*; Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, apresentado à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. p.151



é o de expor por completo a paisagem a cada compartimento. Contudo, tão importante quanto viver a paisagem visualmente do interior, será, conseguir vivê-la no exterior. Por este motivo, o pátio será um tema abordado desde início, tentando-se inseri-lo em diferentes espaços, tanto nos mais íntimos, como nos menos reservados.

Contudo, as decisões fruto das primeiras orientações e desejos, apesar de condicionados pelos fatores já enunciados, serão analisados, interpretados e desenvolvidos, e darão origem ao projeto final.



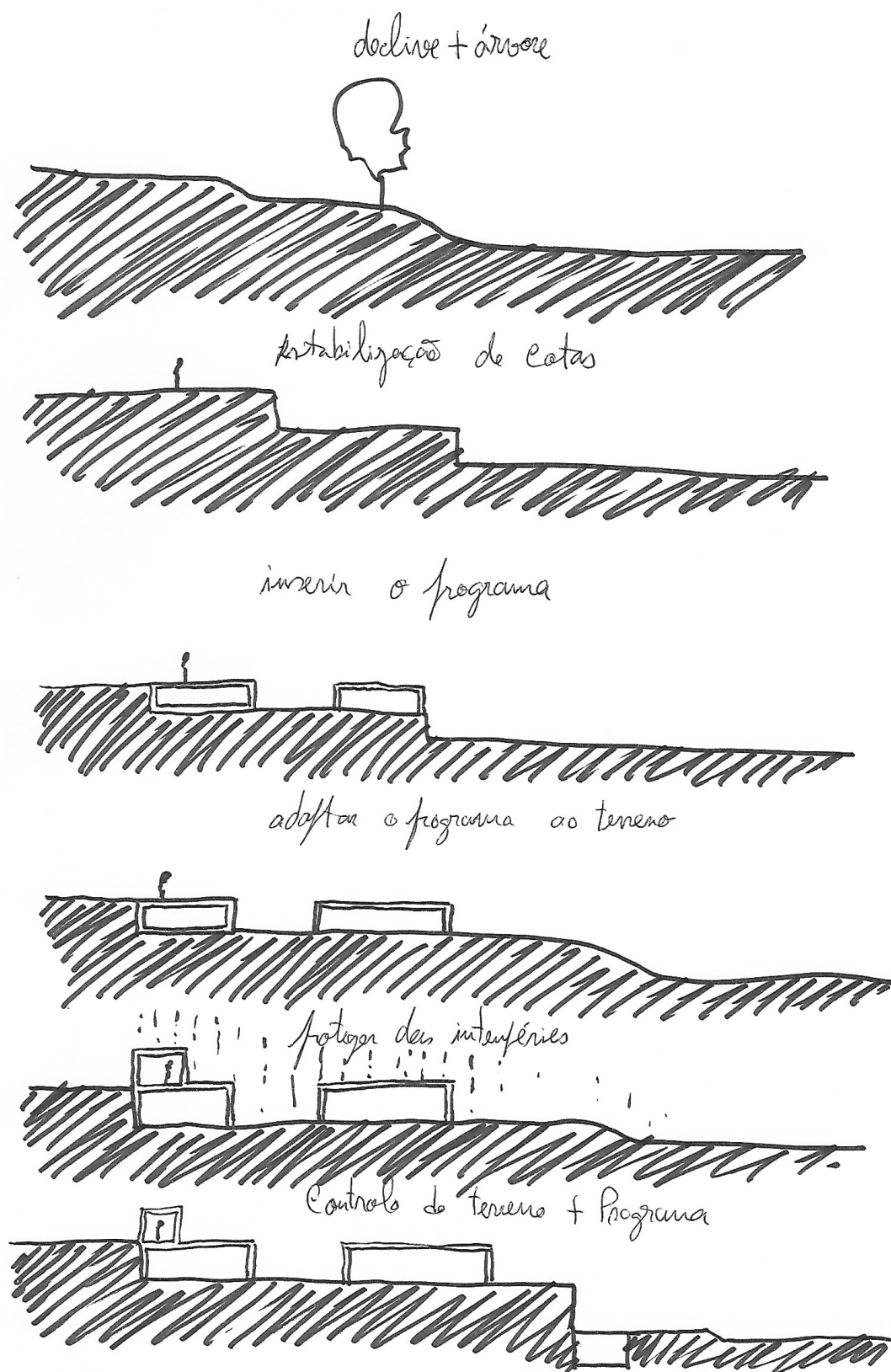


Fig. 28 - Esquema geral da evolução do Terreno.



## Hipóteses e referências de projeto

“Não deve haver tipologia na História da Arquitetura mais complexa e difícil do que a casa. Desenhar uma casa é um ato “esquizoide” de reduzir o mundo a um objeto vital.”<sup>34</sup>

**Eduardo Souto Moura**

Evolução e o processo  
de conceção

Desenhar uma casa é sem dúvida um processo bastante complexo, embora possa parecer simples. Existem alguns elementos essenciais, para além das condicionantes legais, do sítio, do cliente, ect. Conhecer as necessidades básicas da vivência do ser humano é uma parte integrante do processo de pensar uma casa. Torna-se complexo devido ao tema ser tão abrangente e essencial na vida de qualquer indivíduo. Por outro lado, o processo e a evolução de um projeto será sempre uma confrontação, não só de interesses, mas de desejos e emoções. Muitas vezes parte das confrontações ficam-se pelo papel. A arquitetura, pelo menos a arquitetura para ser construída, terá sempre um fim apreciável, isto é, sujeito às limitações do desenho final, que nem sempre consegue refletir as emoções envolvidas no processo.

Do pensamento à materialização existe uma grande distância, perdendo-se muitas vezes uma parte da ideia para os espaços, em favor do pragmatismo que requer a sua realização. Por este motivo, transpor para o papel as ideias nem sempre é tarefa fácil.

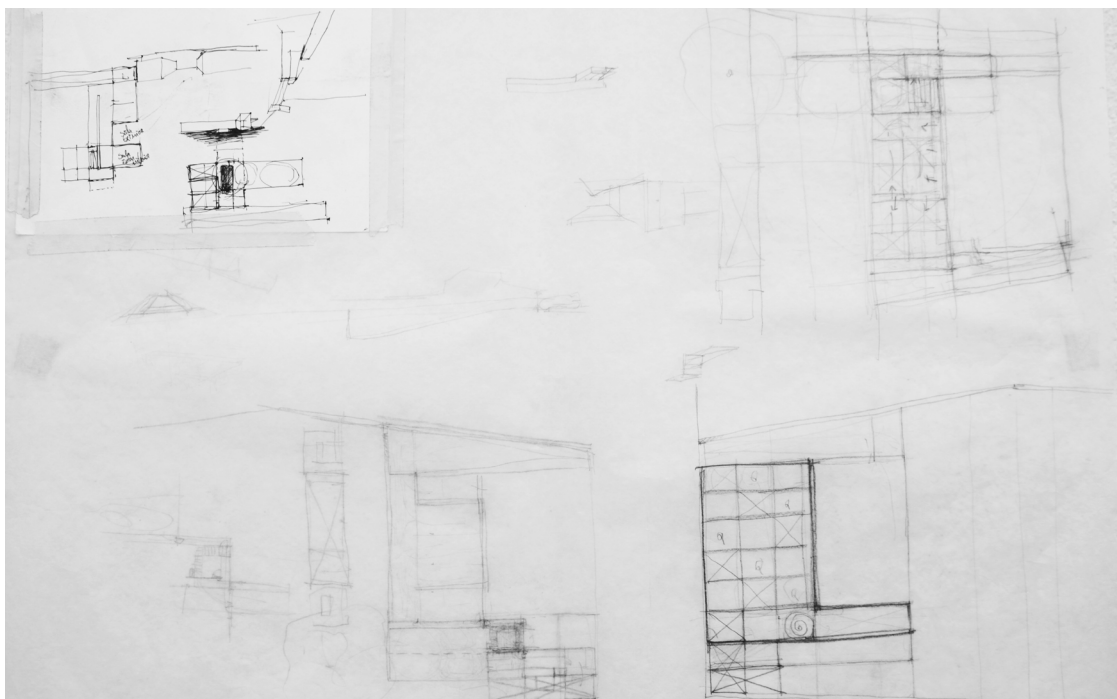
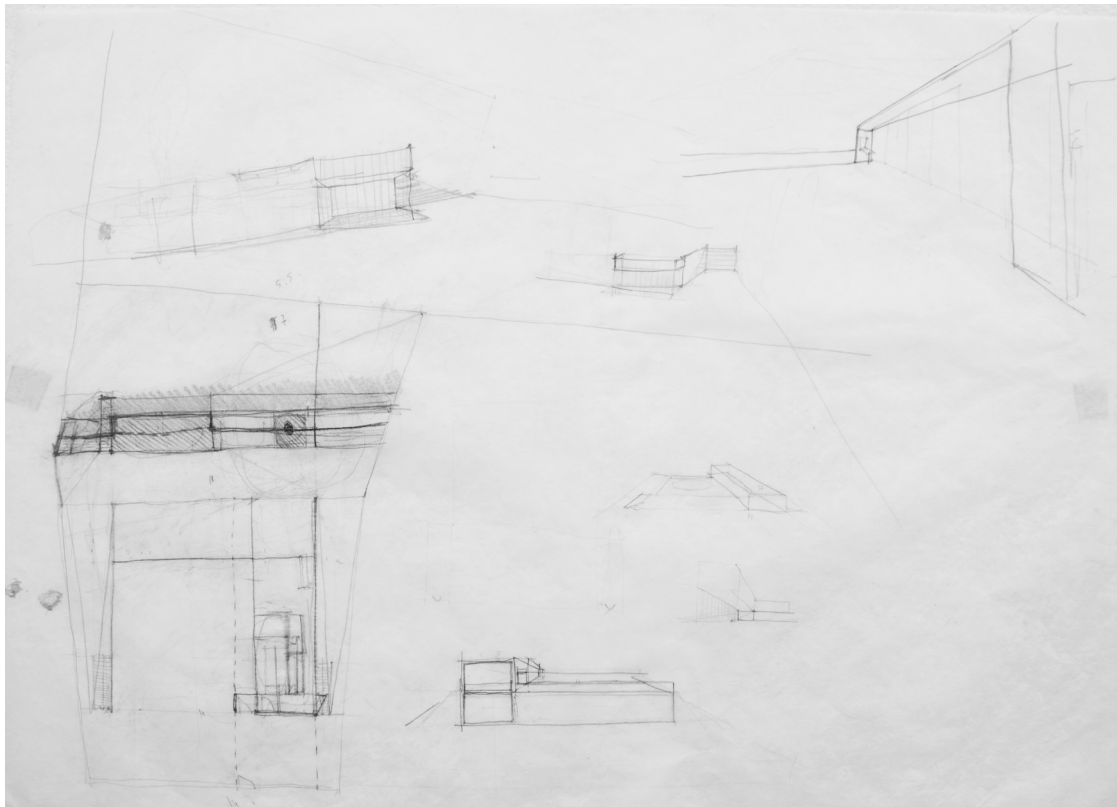
“Arquitetura é o que a natureza não pode fazer.”<sup>35</sup>

É o ato de tomar decisões através da capacidade de proporcionar ao Homem o sentimento entre o espaço e o tempo. É ter a capacidade de manipular o espaço e a forma, desenvolvendo movimentos entre luz, planos e texturas, desencadeando a capacidade de sentir. Assim, a arquitetura reflete os sentidos do Homem, criando memórias que perdu-

<sup>34</sup> ESPOSITO, António; LEONI, Giovanni - *Eduardo Souto de Moura*. Barcelona: GG, 2003. p. 92

<sup>35</sup> ROTH, Leland M. - *Entender a arquitetura*, seus elementos, história e significado. Brasil: GG, 2016. Introdução.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



**Fig. 29 e 30** - Esquissos do início de duas das fases do processo.

ram e apelam a outras memórias. Estabelece-se desse modo a ligação entre o Homem e o lugar.

“A arquitetura continua a ser detentora da grande tarefa humana: fazer a medição entre o mundo e nós mesmos e proporcionar um horizonte de entendimento da nossa condição existencial.”<sup>36</sup>

A arquitetura assumiu um papel fundamental durante toda a evolução do Homem e da sociedade, são exemplo disso as cavernas da pré-história. Podemos considerar que a natureza sempre fez e continuará a fazer parte da arquitetura através da intervenção do Homem, desde que o Homem desenvolve o abrigo, a caverna, até á contemporaneidade, em que a sociedade apresenta novas necessidades.

Este capítulo pretende expor o processo de conceção da “Casa do Minho”, desde o primeiro esboço até ao projeto final. O método nem sempre é linear, uma vez que está sujeito ao confronto constante entre os estímulos do cliente e as várias condicionantes de um lado, e as leituras desses impactos e a interpretação de quem desenha, do outro. O ato de projetar torna-se numa ação iterativa onde, se coloca à prova as decisões tomadas anteriormente, revelando-se como via fundamental no processo de consciencialização. É do confronto entre realidades, desejos e possibilidades, que se alimenta o processo, enriquecendo-o.

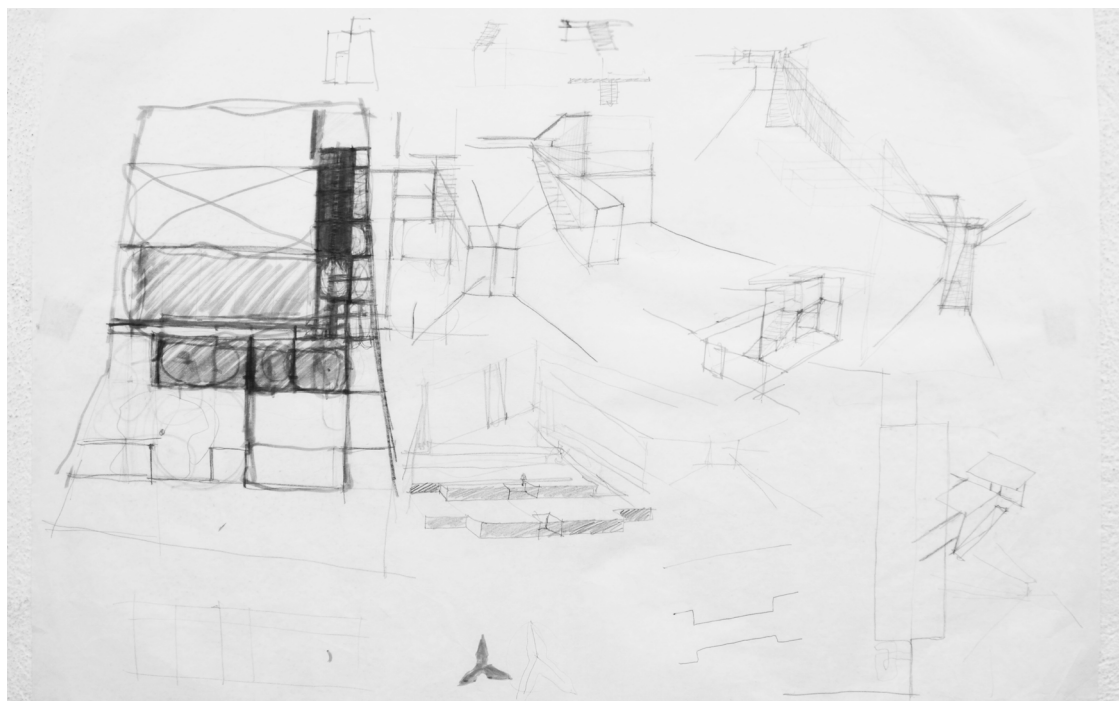
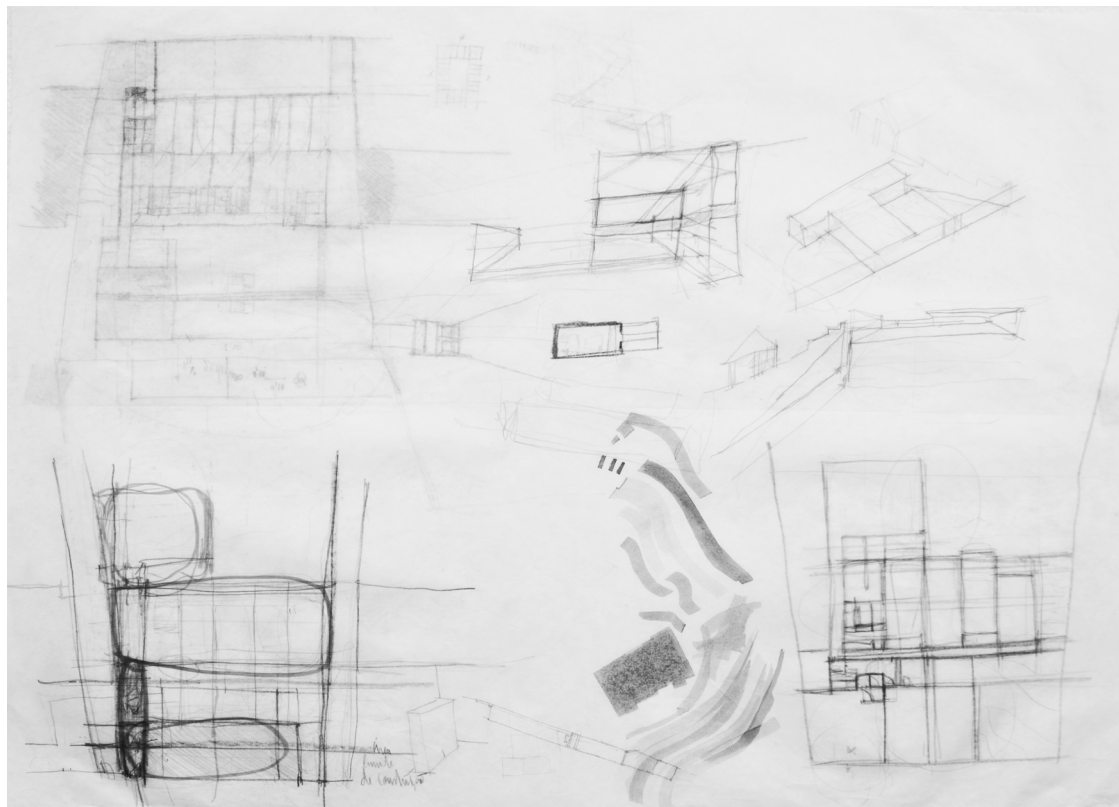
Pretende-se transmitir uma visão o mais pessoal possível da evolução e do processo de conceção, esperando que consigam ser transmitidos os motivos que condicionaram as opções tomadas ao longo do percurso. Procurar-se-á um exercício de afastamento em relação ao processo que decorreu durante vários meses. Recorrer-se-á à memória, bem como aos elementos gráficos de diferentes fases do processo.

Tentar-se-á transpor para texto as ideias e opções projetuais, acompanhando-as sempre com linguagem gráfica. Deseja-se que este relato seja o mais próximo da reali-

---

36 PALLASMAA, Juhani – *Habitar*. Barcelona: Editorial, Gustavo Gili, 2016. p. 75.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

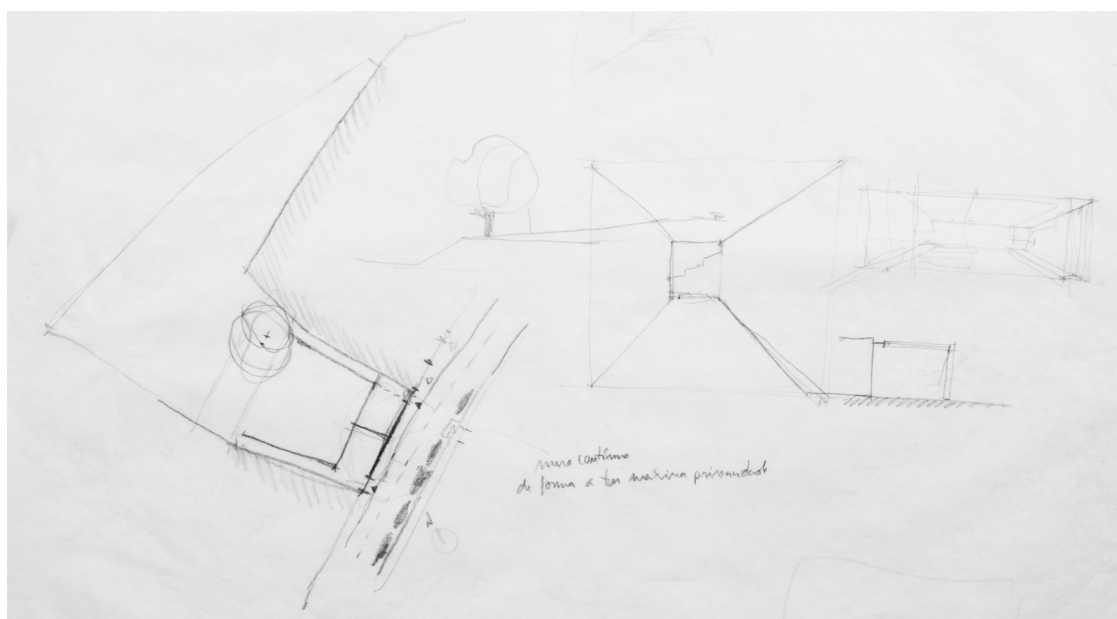
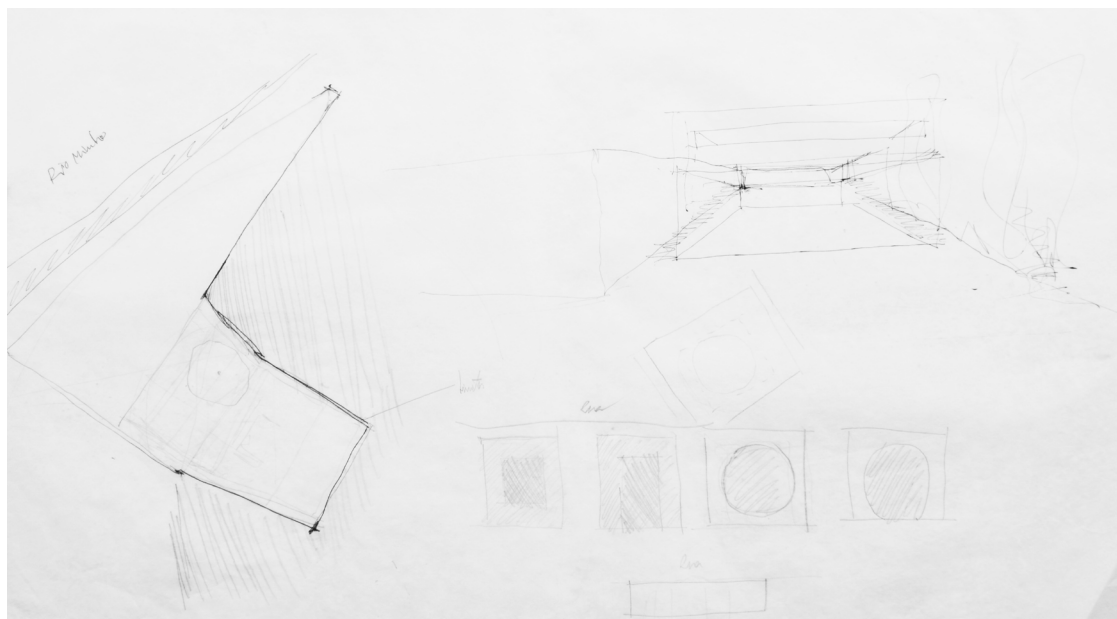


**Fig. 31 e 32** - Esquissos do início de duas das fases do processo.

dade, tendo consciência que, num processo que se iniciou há algum tempo, marcado por avanços e recuos, bem como sucessivas evoluções, muito ficará por dizer.

Perceber as várias fases do projeto, que caminho este acaba por seguir, influenciado por fatores que justificam cada mudança projetual, traduziu-se num exercício bastante rico a nível pessoal. Em cada fase, após a observação dos desenhos e a devida seleção dos mais representativos da evolução do processo de projeto, acaba por se encontrar referências que se agarram a fatores determinantes. São exemplo disso, a relação com o lugar e as suas condicionantes, as exigências do cliente, mas também, o método de projetar. As diferentes fases desenvolvem-se, sempre, com o intuito de dar resposta ao programa definido pelo cliente, embora com o intuito de o superar e aos requisitos funcionais.

Em suma, ao longo deste capítulo, procura dar-se a conhecer o processo de conceção do projeto em concreto, uma casa de férias, a partir de seis momentos especiais, que correspondem a cinco propostas. Desta forma procura-se explicar quais os estímulos, vontades e condicionantes que levaram a formalização da proposta final.



**Fig. 33** - Primeiros esboços.



## Primeiro contato com o papel

“No início de um estudo, confrontamo-nos com tensões contraditórias que determinam os objetivos de uma realidade que tem raízes muito profundas, feitas de transformações, sobreposições e recuperações, diante de experiências e informações preliminares próprias ou alheias, diante de modelos, interesses e contatos. Acredito que nessa rede complexa de factos (...) se encontra, como se fosse uma matriz, quase tudo o que determina o projeto.”<sup>37</sup>

**Álvaro Siza Vieira**

Os primeiros desenhos foram, como é natural, bastante esquemáticos. Sem um grande compromisso com o programa, que ainda estava a ser estabilizado. Transpôs-se para o papel algumas considerações e apontamentos acerca do que poderia vir a ser a implantação, tendo em consideração a exposição solar e outros aspetos reconhecíveis.

Como já referido anteriormente, o local da implantação ficou desde o início bastante condicionado pelo PDM, reduzindo a área de implantação, à cota alta do terreno. Este fator é sem dúvida a primeira grande condicionante, uma vez que o programa se previa extenso.

Os limites foram desde logo uma premissa essencial e que tinha de ser tratada com bastante cuidado. Estabeleceu-se que a frente para a rua seria completamente opaca, não permitindo a visualização para o interior do terreno. O material ficou pré-definido que seria granito, pelo menos numa fase inicial, pretendendo-se dialogar com o edificado envolvente, onde a pedra granítica predomina.

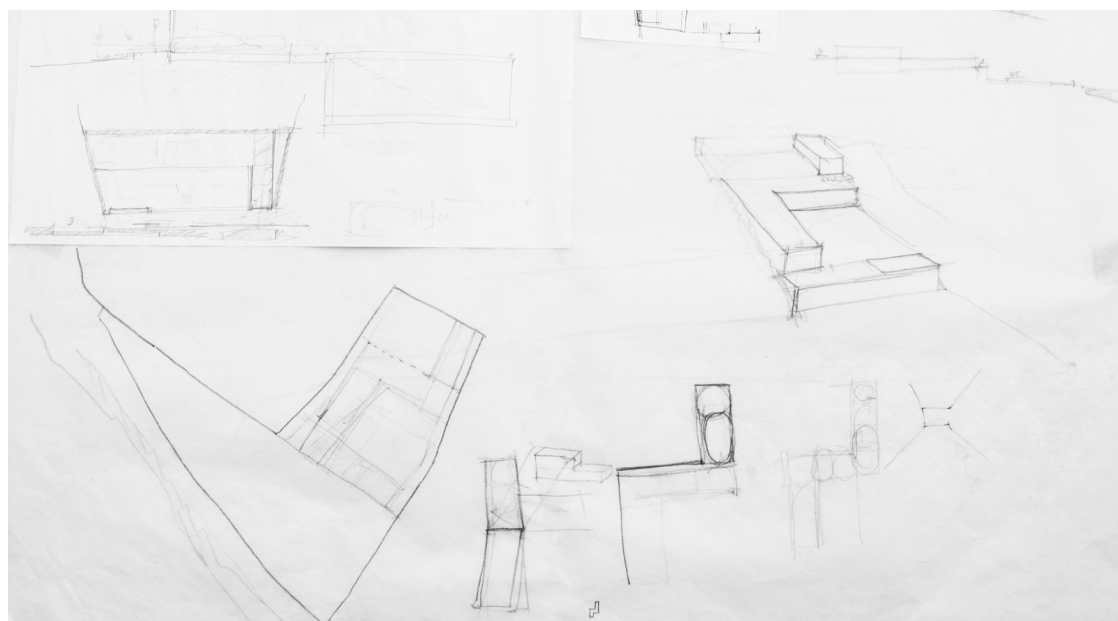
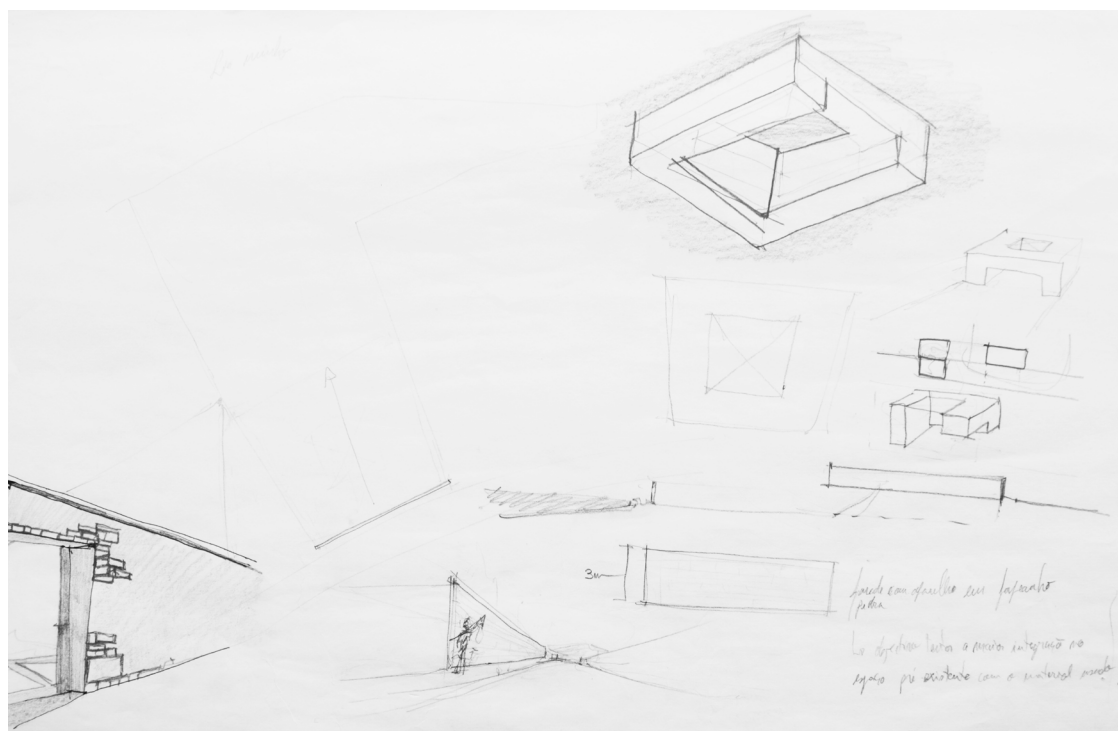
Temas como conforto, privacidade, relação interior-exterior, natureza, tempo, momento e surpresa, foram tomados como “nossos” e desde logo pontos a ter em conta e a serem trabalhados, no sentido de corresponder em projeto a uma série de fatores exigidos pelo cliente.

A nível formal várias hipóteses foram testadas, percebendo qual a que mais se adequava ao sítio e à zona de implantação. A casa não deveria ter mais do que um piso acima da cota de acesso, uma vez que se pretende a máxima integração, tanto para quem atravessa nas cotas de acesso superior e inferiores, como dos limites laterais. Por outro

---

37 MURO, Carles – *Álvaro Siza: Escritos*. Barcelona: U.P.C., 1994. p. 12.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



**Fig. 34** - Esquisto das primeiras intenções de implantação e forma.



lado, a integração não passa só pela volumetria ou área de implantação. Lida com outros fatores menos mensuráveis, como já referido.

À procura da forma espacial, juntamente com as condicionantes que se revelaram até então, surge uma outra, que já tinha sido falada com o cliente aquando da primeira visita ao terreno, a árvore de grande porte, localizada a meio do terreno e que influenciara a implantação da casa. Inicialmente decidiu-se mantê-la, por uma questão de vitalidade da mesma e por ser um elemento marcante, para o cliente, uma vez que a copa acaba por ter bastante presença visual.

Em síntese, a ideia inicial de projeto focava-se no usufruto máximo do terreno, aproveitando, sempre que possível, cada fragmento de vista. As primeiras questões, prendiam-se com os limites, a árvore, a frente única e os desníveis. Nas conversas com o cliente, percebe-se, desde logo, alguns dos seus desejos relativos à casa, tais como, o piso único, a permeabilidade, a permanência da árvore e o espaço para os carros, uma vez que tem um grande gosto pelo tema.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

Após a análise de todos os fatores condicionantes do terreno, do cliente e do programa, surgem os primeiros desenhos de projeto. Nascem com o objetivo inicial de testar, nas hipóteses de projeto, os limites do terreno e a organização programática, com o propósito de encontrar as primeiras dificuldades.

“O problema de desenhar uma casa, é percebermos a identidade, quer do cliente, quer do sítio, para podermos inventar um “heterónimo”.”<sup>38</sup>

Este “heterónimo” corporiza todos os desejos, princípios, premissas e condicionantes que o projeto materializa, encontradas no terreno, e constituídas pelo cliente, e o projetista. Conseguir sintetizar todos os pontos e dar-lhes materialidade e/ ou existência incorpórea é a ambição máxima. Uma vez conseguido, o objetivo é cumprido. Em baixo irá ser descrita uma parte deste processo evolutivo até chegar à última fase.

Este momento surge, com o intuito de descrever, de forma clara, as diferentes hipóteses, os problemas e as decisões de projeto que foram adotadas em cada circunstância. Pretende-se expor as questões mais relevantes, que serviram de fundamentação para as decisões tomadas em função dos problemas que surgiram.

As ferramentas de trabalho adotadas foram o desenho à mão livre, o desenho assistido por computador e a produção de maquetas. Esta última, foi determinante para encontrar e resolver os problemas, como componente extremamente necessária na conceção de qualquer projeto. É o elemento que não consegue “esconder” nada. Por outras palavras, nos momentos de dúvida em relação a decisões tomadas, a maqueta surgia no processo como o componente que esclarecia os problemas e erros identificados. Ao mesmo tempo, sempre serviu de incentivo para o desenvolvimento do projeto. Em resumo, a presença da maqueta foi essencial, em qualquer fase do projeto, para servir de elemento esclarecedor, justificando cada passo tomado nas diferentes soluções.

---

38 MOURA, Eduardo Souto de - *Vinte e Duas Casas*, VI bienal internacional de arquitetura de São Paulo. Lisboa: Ordem dos Arquitetos, 2006. p. 99.

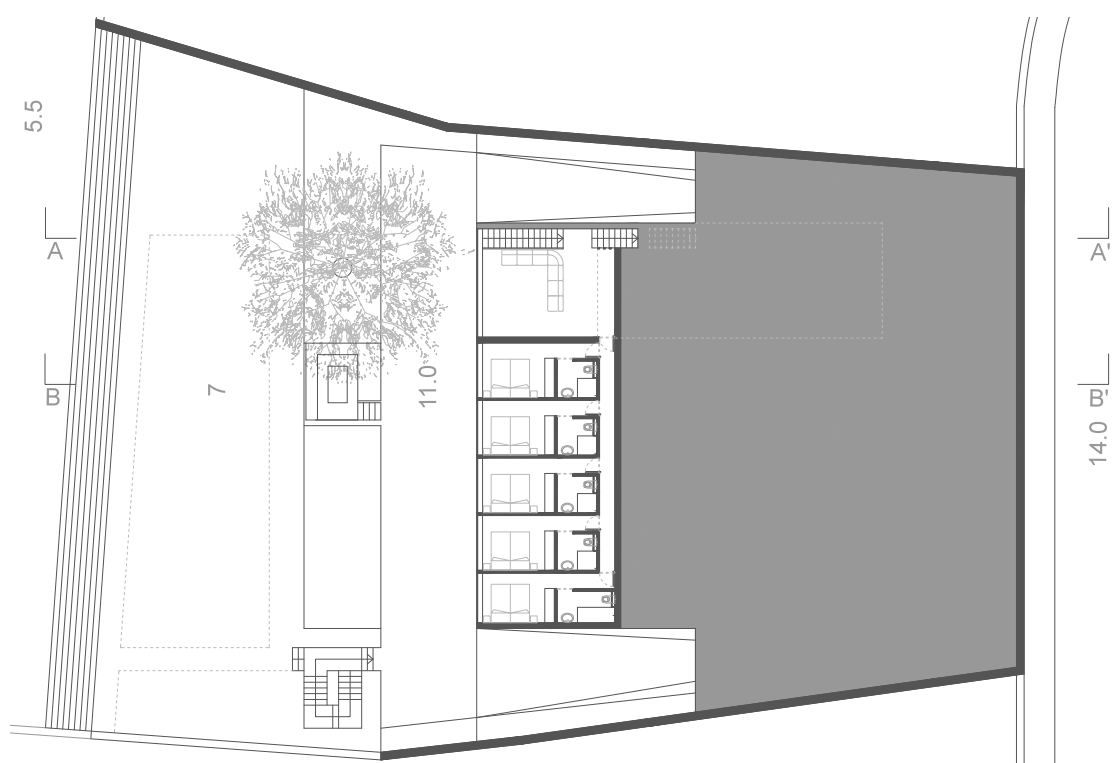
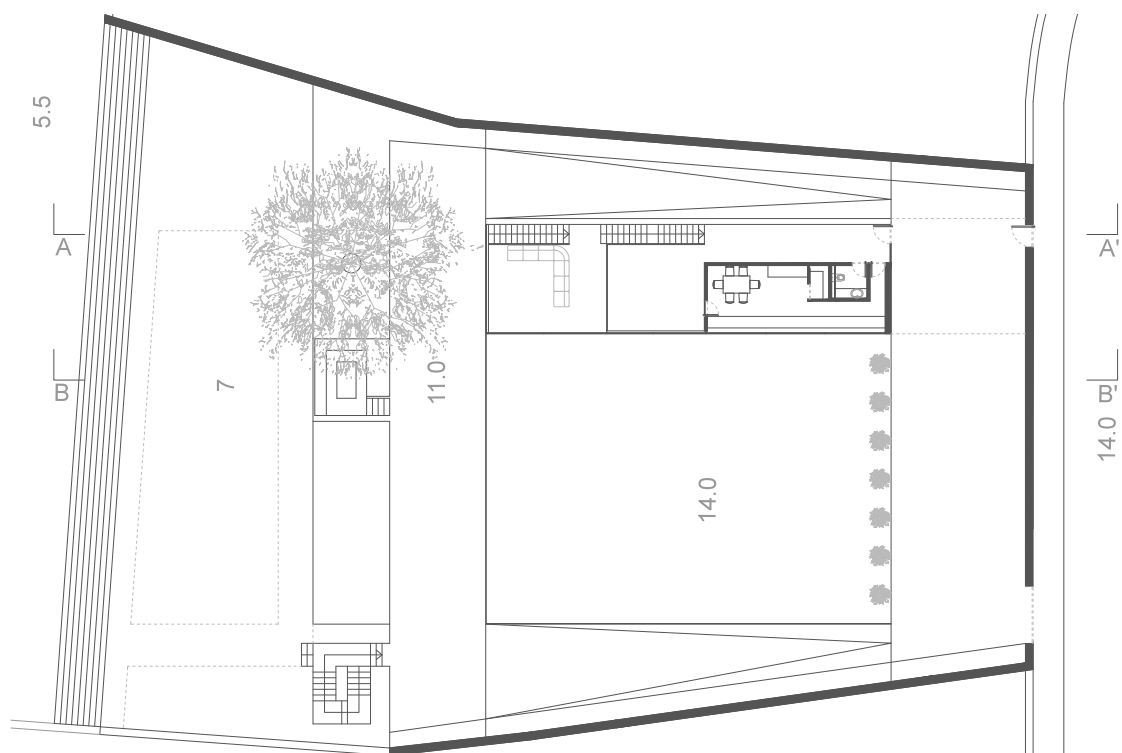


Fig. 35 e 36 - Planta piso 0 e Planta piso -1.

Na decisão inicial optou-se por expor todos os compartimentos para a paisagem, uma vez que o terreno só terá uma frente, a do Rio. A implantação é composta por dois volumes paralelepípedicos, o primeiro estende-se longitudinalmente no terreno, fazendo um ângulo de 90° com o piso inferior, que se encontra parcialmente enterrado, numa posição paralela ao Rio.

O primeiro piso contém as áreas sociais, sendo que a sala acontece no piso inferior com pé-direito duplo. Serve de rótula entre os volumes. No inferior encontram-se a zona íntima. Cria-se assim, um grande pátio que dá apoio à zona social, numa cota mais elevada.

Existe uma pala que faz a transição entre a entrada no terreno e a entrada na casa. A largura da pala dá a dimensão ao espaço de estacionamento, localizado junto ao pátio, com intuito de ligação visual entre os espaços. Esta intenção justifica-se pela paixão por automóveis da parte do cliente, como já referido. Nos limites laterais encontram-se duas rampas, respetivamente, que cumprem o acesso à cota inferior, permitindo que haja permeabilidade.

Começa aqui a pensar-se na possível localização da piscina, posicionando-a na cota intermedia, junto à árvore, com ligação aos quartos e à zona social (sala de estar). Cria pendente para o rio de forma a usufruir ao máximo da vista. Junto à piscina, é desenhado um espaço de estar, numa cota rebaixada, possibilitando um maior aproveitamento da paisagem. Os espaços exteriores que se seguem fazem a transição entre cotas, através de um elemento vertical, que se pretende que tenha um carácter escultórico. Sucede uma zona mais livre numa cota estável, antes de chegar à cota mais baixa do terreno, separada por alguns degraus que acompanham a largura do mesmo.

Contudo, esta solução não avançou. Uma vez que tem bastantes condicionantes e pouco interesse do ponto de vista formal e de organização interna. O grande problema identificado foi a excessiva exposição de todos os compartimentos para a paisagem. Concluiu-se rapidamente que se estava a esgotá-la, no sentido que a ambição de a mostrar era tanta, que acabou por cair no exagero. Assim sendo, a proposta oferecia, tanto na

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

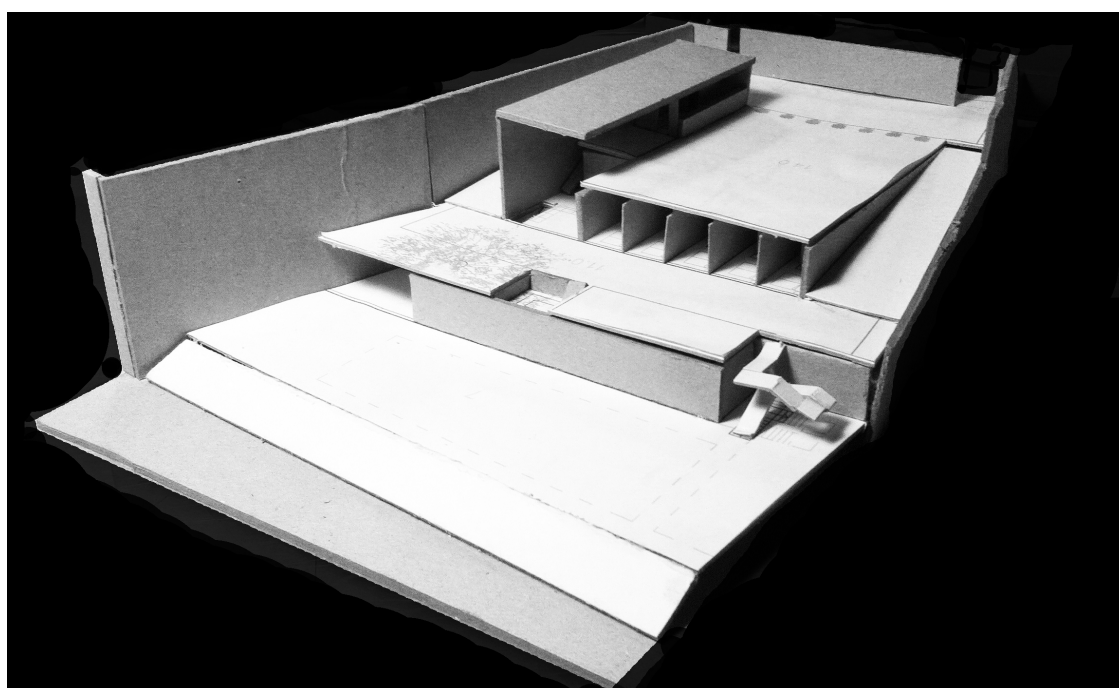
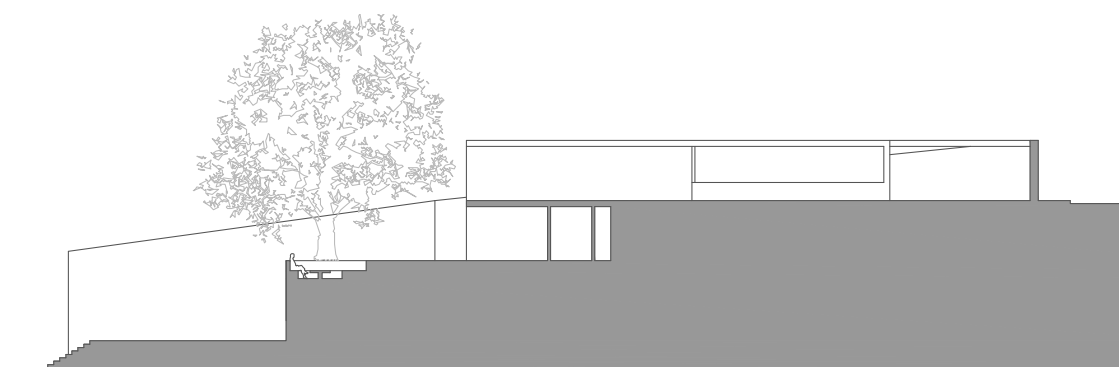
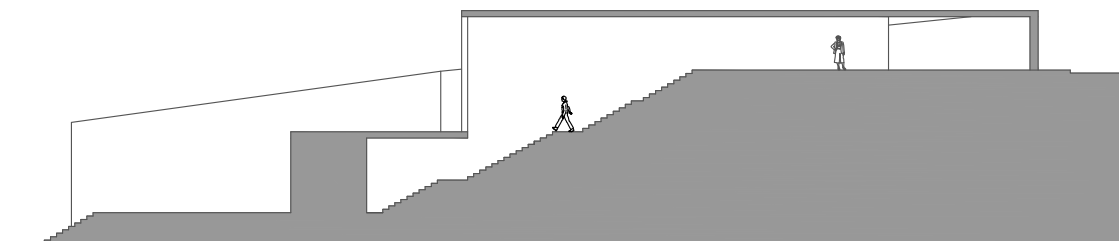
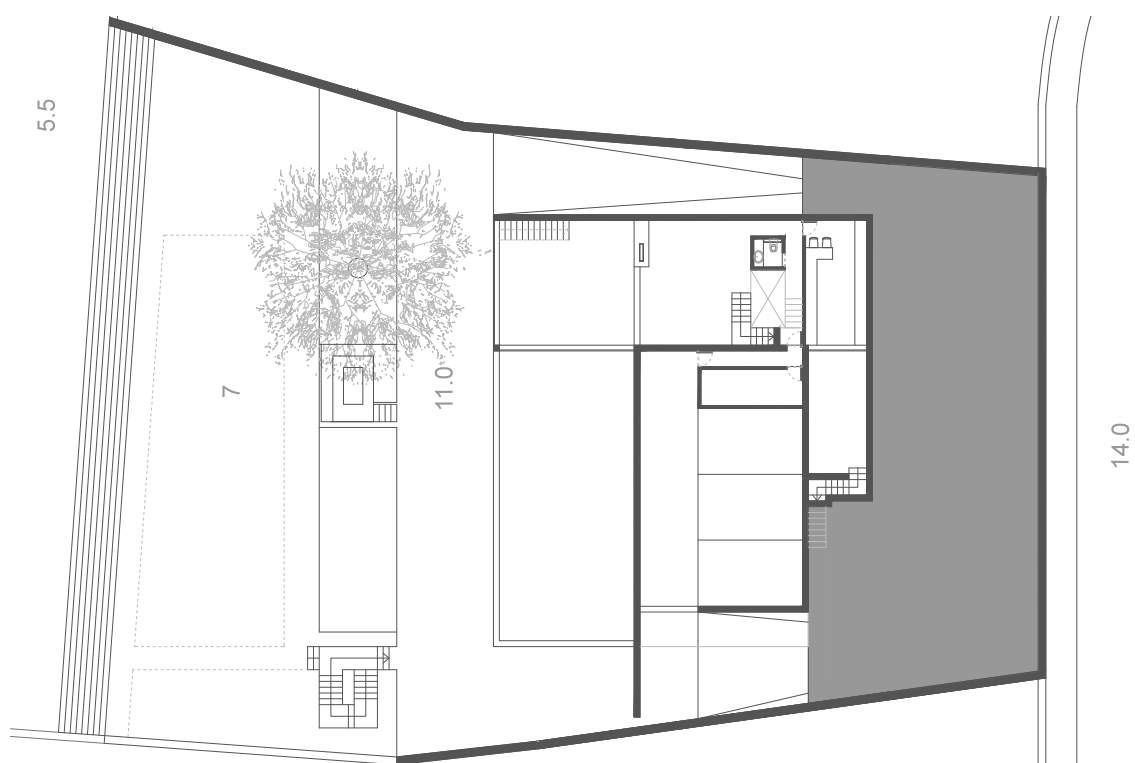


Fig. 37, 38 e 39 - Perfil AA', Perfil BB' e fotografia da maquete de estudo.

zona social como na íntima, vãos de grande escala, trazendo algum desconforto espacial. Isto acabou por se tornar uma fragilidade, quando se pretendia a privacidade como um dos pontos fulcrais nesta casa.

No piso superior, o pátio que dá apoio á cozinha e á zona de refeições estava relacionado com a zona de estacionamento. Todavia, rapidamente se percebeu que seria um problema, tanto ao nível da qualidade espacial, como da qualidade do ar, devido á emissão de gases provocada pelos automóveis, que estariam em contato direto com a zona de refeições e preparação de alimentos.

No piso inferior, a grande questão prendia-se com o confronto direto entre a zona íntima e a zona social exterior. Portanto, conclui-se que estes três pontos foram identificados e devido á sua importância e impacto no projeto, a solução foi modificada em termos formais, programáticos e espaciais. O resultado final, desta primeira fase, demonstra assim, pouca diversidade e individualização dos espaços exteriores e, por consequência, dos interiores, culminando em pouca riqueza espacial.



**Fig. 40 e 41** - Planta piso 0 e Planta piso -1.



Esta proposta surge, no seguimento da anterior, mas apresentando uma linha de pensamento diferente, uma maior complexidade formal e vários tipos de contradições.

A introdução do tema pátio, surge segundo um recurso, proposto como resposta às necessidades de privacidade, que se inicia neste momento e é explorado ao máximo, até à proposta final. O desejo de desenvolver esse tema no projeto surge como um impulso pessoal, e também, pelas possibilidades introduzidas na arquitetura por este dispositivo, com as suas raízes históricas na região mediterrânica. A influência no pátio surge, não só como uma necessidade de intimidade dos espaços, como também da procura de referências, a partir de certo momento, se focar nas “casas pátio”.

A utilização do pátio no curto espaço de implantação em que o projeto se encontra inserido, possibilita a ampliação das fachadas, uma vez que existe apenas uma frente para o rio. Ajuda também no controlo da relação com a envolvente, o que, num contexto habitacional, se torna uma mais-valia. Além da relação com a envolvente, o pátio permite, a clara distinção entre os espaços, funcionando como espaços íntimos.

A segunda solução é diferenciadora da primeira no sentido da disposição das áreas sociais e íntimas, uma vez que, mudam de piso. Os volumes acabam assim por mudar ligeiramente a sua posição e forma.

O volume dos quartos permanece paralelo ao rio, sendo transferido para o piso da entrada (cota alta). Contém os quartos com as devidas casas banho e cada um é iluminado por pequenos pátios. O acesso á casa é feito por este mesmo piso, encontrando-se o ponto de acesso vertical junto á zona de tratamento de roupa. Assim este volume é completamente fechado, voltando-se para o interior, correspondendo ás necessidades íntimas da área.

No piso de baixo, parcialmente enterrado, encontram-se as áreas sociais e a garagem. Ocupa a mesma área do piso superior paralelo ao rio, sendo que, o volume se assume relativamente ao superior, nos extremos a norte, perpendicular, contendo a sala, em direção ao rio e a cozinha na direção oposta.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

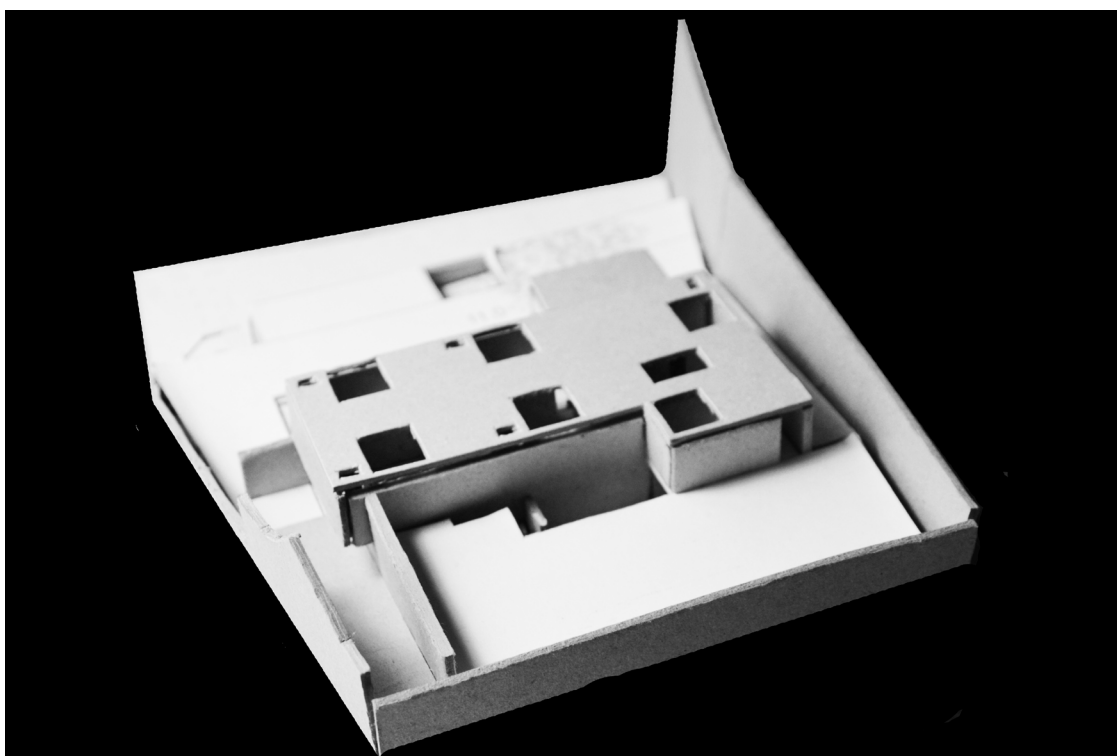
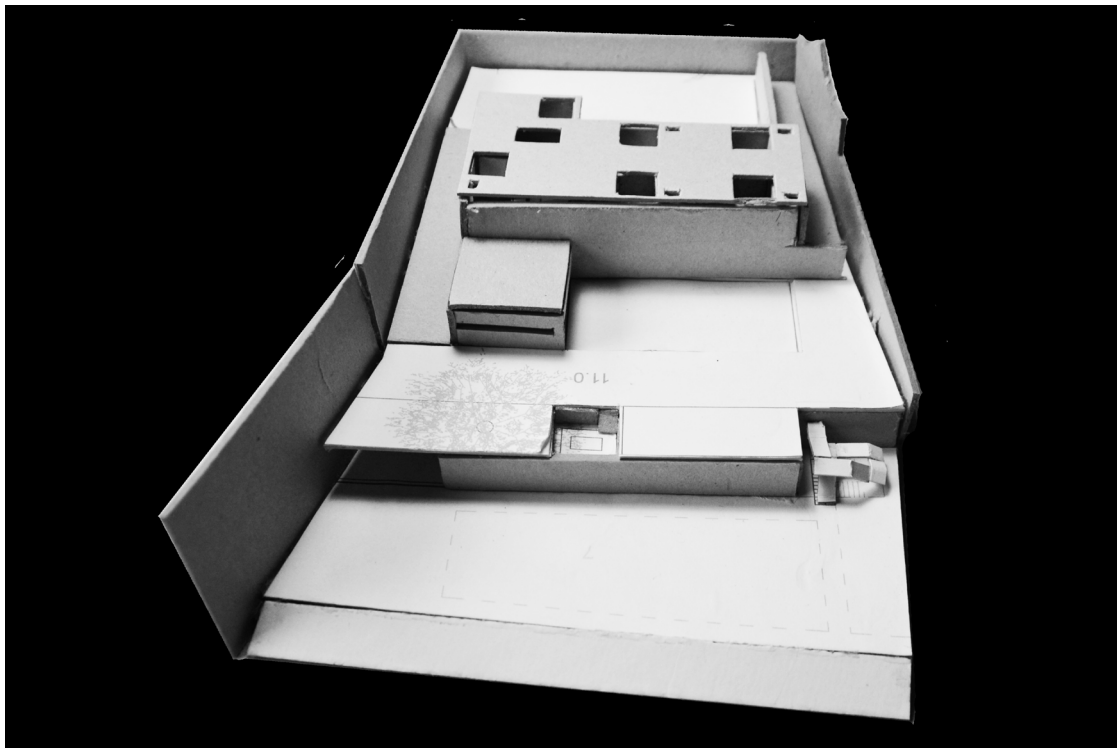


Fig. 42 e 43 - Fotografias da maquete de estudo.

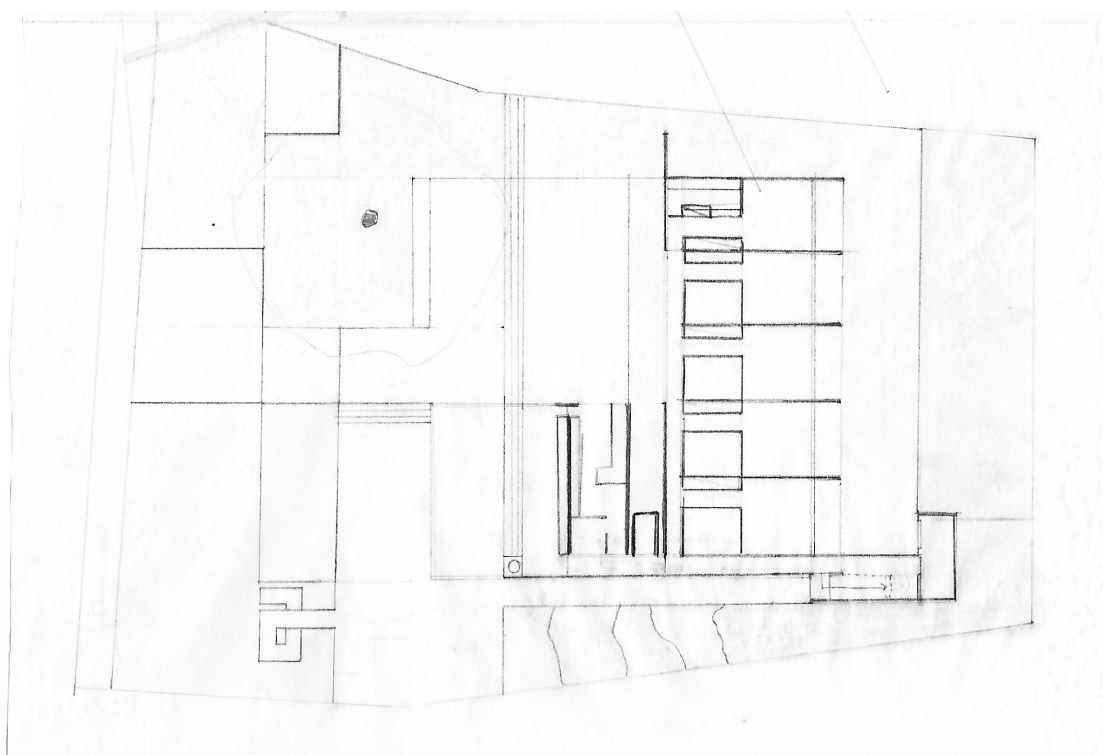
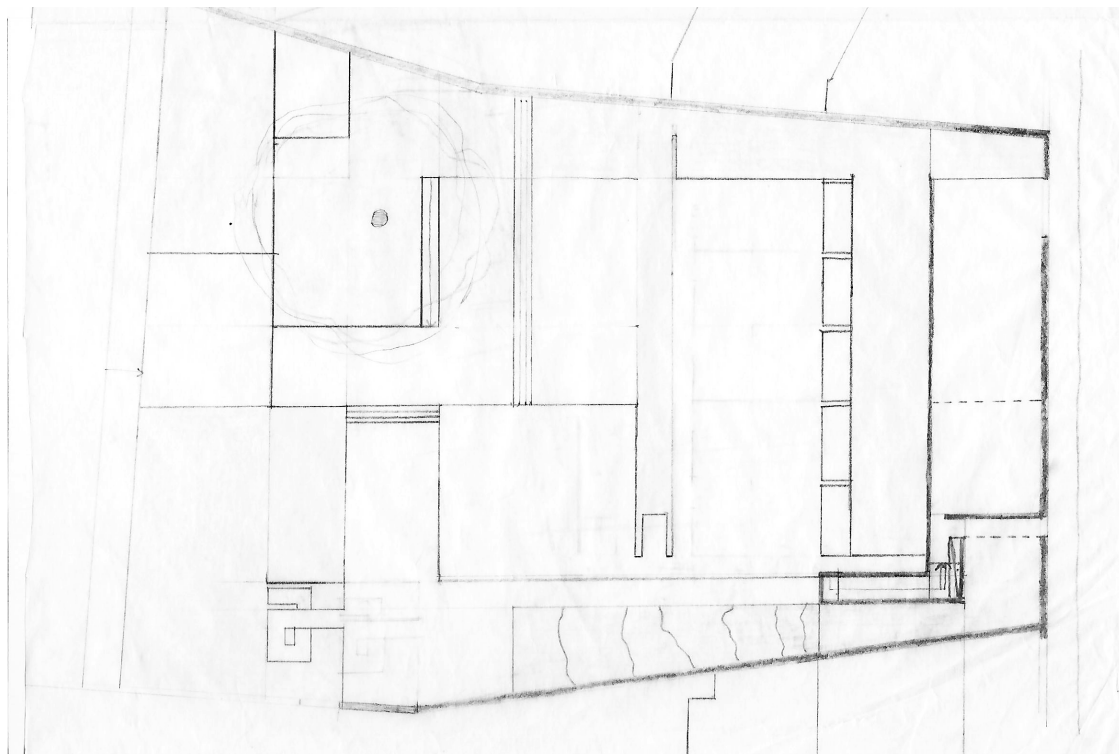
Na zona posterior á cozinha abre-se um pátio com ligação á cota da entrada, com o objetivo de permeabilidade dos espaços e possibilidade de usufruto de uma zona exterior que conteria árvores de fruto e uma pequena horta. Aqui pretende-se que haja a extensão da cozinha para o exterior, conseguindo-se a interação direta entre o produto e o ato de cozinhar.

As rampas de acesso laterais permanecem, mantendo-se a intenção inicial, sendo que, na rampa a sul, introduz-se uma função de acesso à garagem (no piso inferior). As áreas exteriores permaneceram segundo os princípios e forma subjacentes aos da primeira proposta.

Esta solução também foi abandonada, uma vez que os espaços acabaram por ficar excessivamente encerrados sobre si mesmos, embora o tema do pátio esteja sempre presente até à proposta final, como já referido. O piso superior, destinado á zona íntima e á entrada, fecha-se totalmente, criando, para cada quarto um pátio privado, de forma que a vivência esteja confinada aquele espaço. Este volume, contrariamente à proposta anterior, está encerrado para o exterior, vivendo apenas o interior. Esta atitude projetual foi o reflexo da tentativa de resolução das questões da proposta anterior. A qualidade espacial acaba por ficar comprometida, uma vez que os espaços ficam demasiado encerrados.

No piso inferior, encontrava-se a zona social, que ficava com demasiada profundidade e o estacionamento enterrado, onde os acessos se faziam com dificuldade, conseguiu um afastamento relativamente às restantes áreas. A sala de estar abria-se totalmente para o exterior, na mesma linha de abordagem do primeiro momento, ainda que pontualmente, no contexto geral da casa. A sala de jantar alcançava a luz em segundo plano, gerando alguma penumbra no espaço, não sendo, por vezes, muito favorável. A cozinha encontrava-se enterrada, mas possuía um pátio com ligação, exterior, ao piso superior. A zona social exterior estava relacionada com a zona social interior.

Logo, as grandes questões a resolver seriam completamente antagónicas às do momento anterior, uma vez que esta solução se encontrava bastante encerrada para o exterior, não conseguindo ainda chegar a um meio termo.



**Fig. 44 e 45** - Planta piso 0 e Planta piso -1.

Nesta fase, define-se como a mais importante até então, uma vez que se optou por desenhar uma nova proposta, dando, de certo modo, continuidade á anterior, mas com mudanças fraturantes na distribuição do programa, bem como na forma e disposição do mesmo. Esta mudança, deve-se ao fato de o programa, nesta fase, estar mais claro e das críticas feitas às propostas anteriores nos indicarem que o caminho a seguir seria outro.

Enquanto que nos momentos antecedentes os dois volumes continham programa social e íntimo, neste novo caso o programa concentra-se na cota intermédia. Assim, a cota de acesso contém o volume da entrada, com ligação direta com o exterior. O estacionamento situa-se junto da mesma, coberto por uma pala que vem do volume da dita entrada, permanecendo até uma terça parte do espaço para os carros, deixando o restante descoberto. Consegue-se uma forte ligação com a paisagem para quem chega de carro, opondo-se á chegada pedonal, que não tem qualquer tipo de confrontação com a mesma, reserva-se assim, o momento de contemplação para a chegada aos compartimentos seguintes. É pretendido um efeito de surpresa na conquista sequencial dos espaços.

O volume acaba por ficar fragmentado por diferentes pátios. O piso inferior tem um extenso corredor que garante o acesso a todos os compartimentos, tanto sociais como íntimos. Estende-se da cota de entrada para o rio. O volume dos quartos é antecedido por um pátio de carácter mais contemplativo, que permite a entrada de luz e traz a esta zona uma grande ligação com o exterior (natural). Não é encerrado, uma vez que, no seu término, a Norte, o plano vertical não se fecha.

Segue-se o pequeno volume da casa de banho de serviço, que está fisicamente separado dos volumes, conferindo um maior distanciamento entre as diferentes áreas. Acaba por servir de ponto de charneira, juntamente com os corredores.

Por fim, o volume social encontra-se com as três frentes livres, com o objetivo de sentir a envolvente ao máximo. À cozinha sucede a zona de refeições e a zona de estar, separada por quatro degraus e pela lareira, conseguindo uma maior proximidade com a zona de lazer exterior.

Relativamente aos espaços exteriores, estendem-se até quase á zona limite de

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

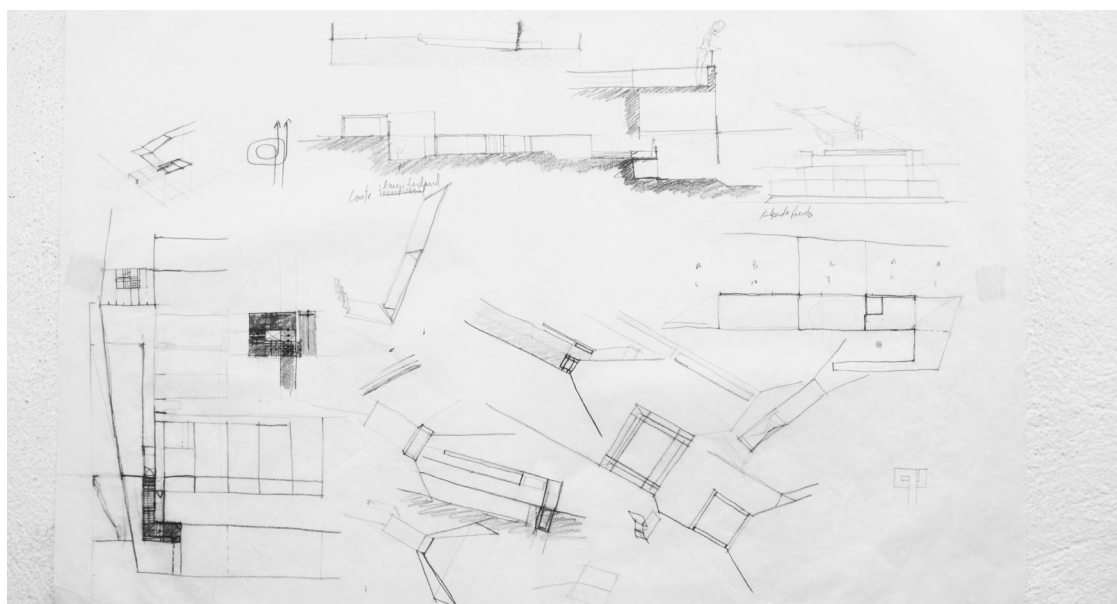
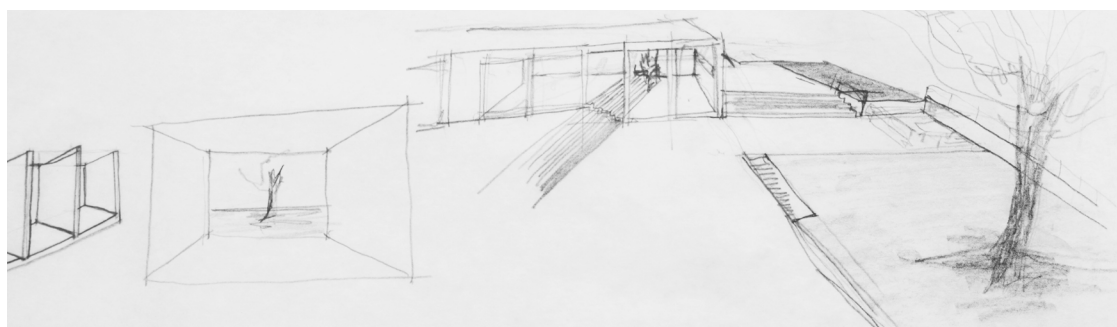


Fig. 46 e 47 - Estudo dos espaços exteriores; esboços do terceiro momento.

construção, permitindo um maior aproveitamento desta área, a uma cota superior. A cozinha consegue permanecer com extensão para o exterior, devido ao pátio formado pelo volume dos quartos e pelos degraus da sala que se estendem ao exterior conferindo

a diferença de cotas. O acesso vertical às cotas seguintes permanece com o mesmo desenho, relativamente ao momento anterior. Neste caso, a árvore ganha mais visibilidade, uma vez que a casa lhe dá espaço, destacando-a. A piscina e o espaço de estar exterior mantêm a mesma forma.

Há um elemento vertical, junto à árvore, que fará a ligação à sala polivalente, localizada na cota baixa. Este posicionamento fundamenta-se com a possibilidade de a ligar visual e fisicamente ao rio e à respetiva margem.

Esta proposta apresenta bastante mais clareza formal, relativamente às anteriores, trazendo novos princípios de distribuição dos espaços, tornando a casa mais sectorizada, no que se refere às áreas íntimas e sociais. Naturalmente que, ainda com bastantes pontos por resolver, esta proposta, dá indícios do que será a proposta final. Os pontos a desenvolver volumetricamente e quanto à articulação espacial, focar-se-ão no acesso à casa, na excessiva sectorização, no posicionamento da casa de banho de serviço e nas zonas exteriores.

Nesta nova fase, mudou-se de estratégia, novamente, a nível de definição formal e de implantação. Enquanto que nos momentos anteriores, o programa estava dividido entre dois pisos, neste caso, e daí em diante, a casa desenvolvia-se no piso inferior, com a exceção do ponto de acesso, na cota superior. Este ponto faz a ligação exterior-interior e liga, verticalmente, os diferentes níveis. Não obstante, os grandes pontos a resolver, passaram pela diminuição do espaço de distribuição, que se prolonga em longos corredores. Desenrola-se pelo espaço exterior dos quartos, uma zona verde de pequena profundidade com um muro de contenção para a entrada (onde, no piso elevado, se encontra o local para estacionamento). A ligação visual entre o ponto de acesso dos veículos e a zona dos quartos resulta, de algum modo, num ponto de fragilidade relativamente à privacidade.

A distinção entre a zona social e a privada estava controlada, embora as aberturas



**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

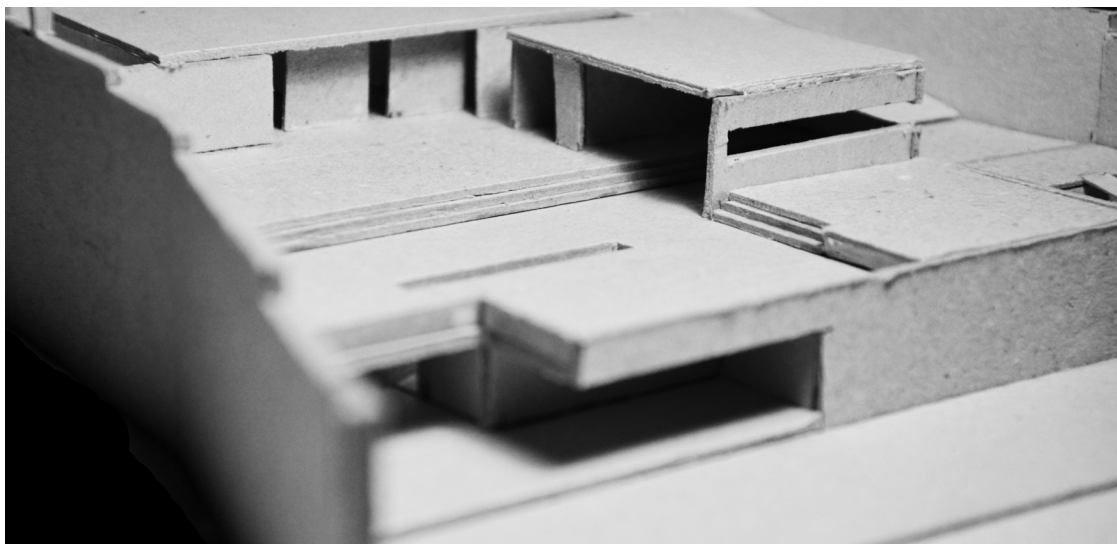
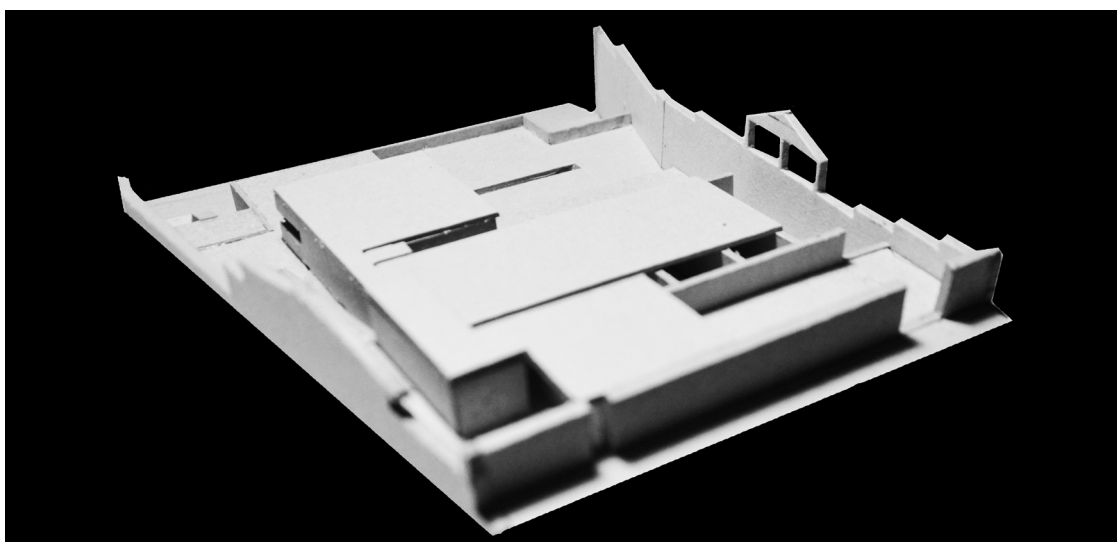
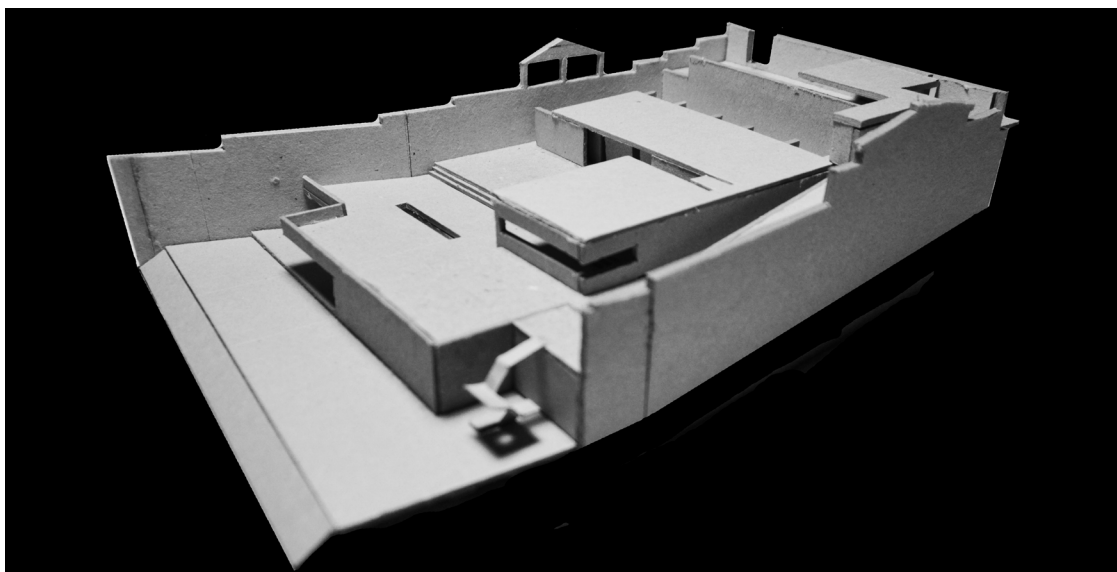
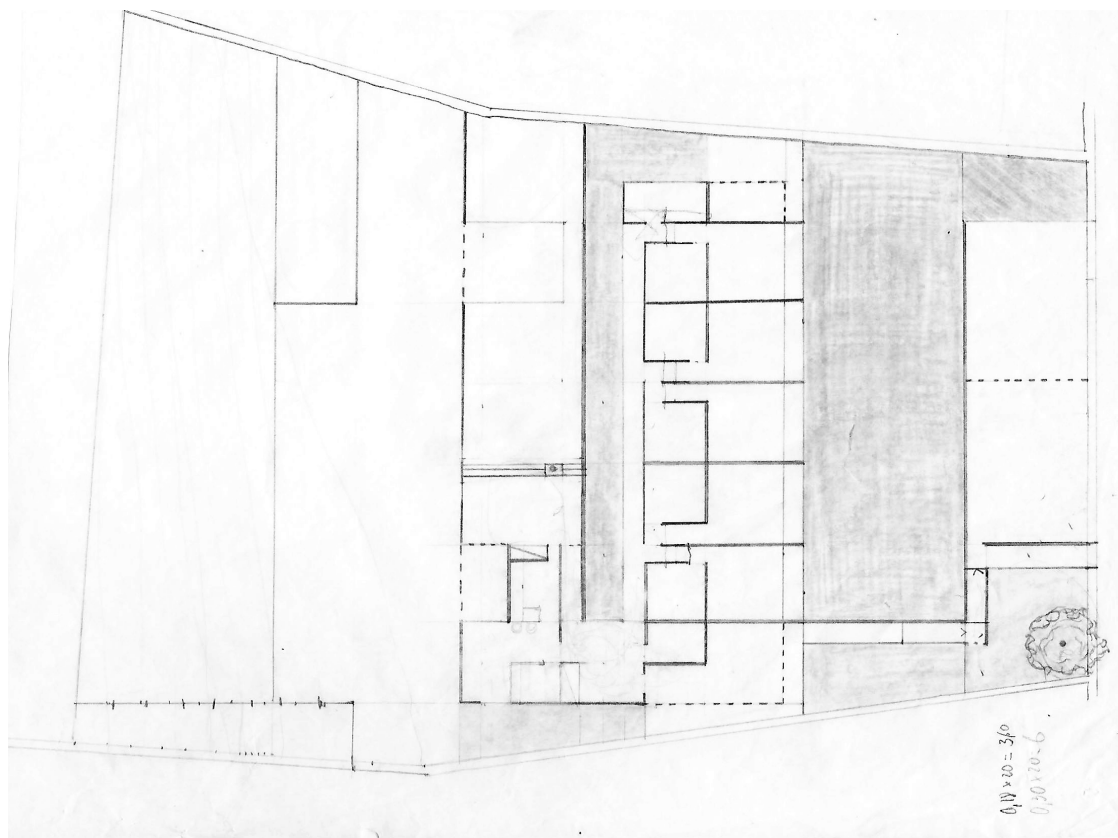


Fig. 48, 49 e 50 - Fotografias da maquete de estudo.



para o exterior ainda estivesse bastante exagerada. Se a paisagem é marcante, como é o caso, então deve-se pontuar e não esgotar. A arquitetura vive de momentos e, principalmente, pela diversidade desses momentos. A casa necessita de espelhar diferentes sensações. Ou seja, a paisagem pode ser “controlada” pela arquitetura, de forma a que vá sendo absorvida gradualmente até chegar ao clímax, no exterior, onde será possível vivê-la livremente.



**Fig. 51** - Plantas sobrepostas, piso 0 e piso -1.

O que marca esta fase é sem dúvida a transformação da área social. As mudanças de estratégia, tanto a nível interior como exterior, dão-se na parte formal. O volume tridimensional, que no momento anterior se assemelhava, na sua base, a um quadrado bidimensional, agora estende-se horizontalmente, paralelo ao dos quartos. Na área exterior, é criado um declive natural com o intuito de “reproduzir” o original, uma vez que, o programa se revelou extenso, não sendo possível permanecer no mesmo local.

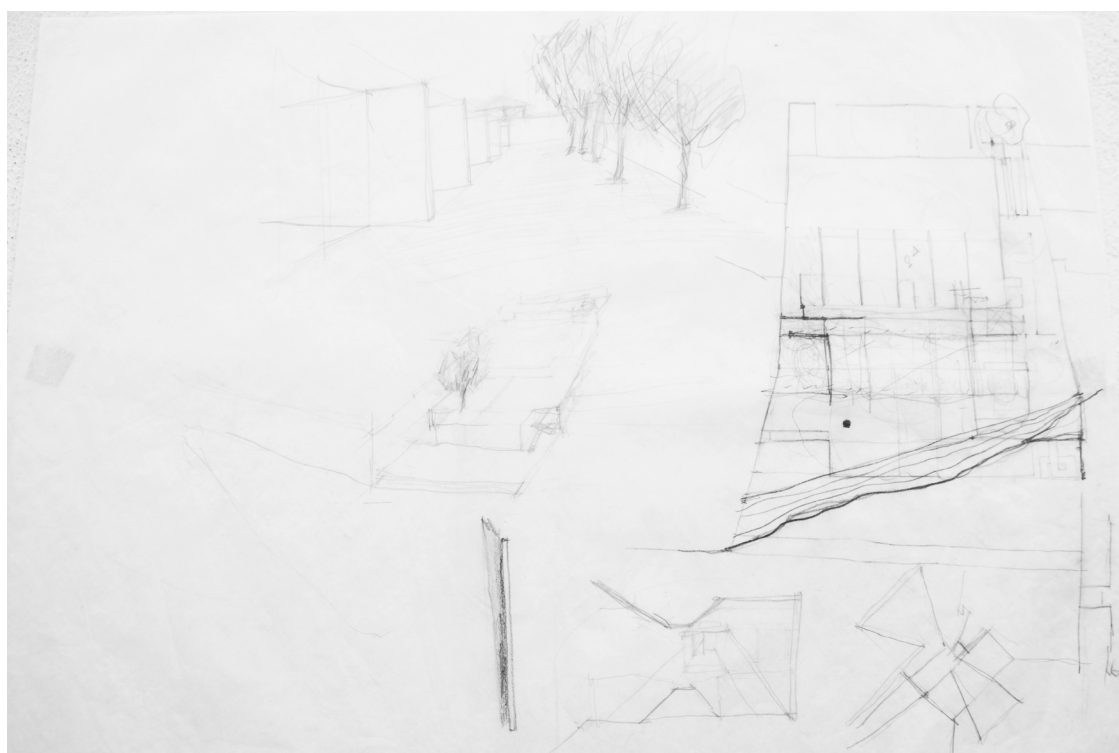
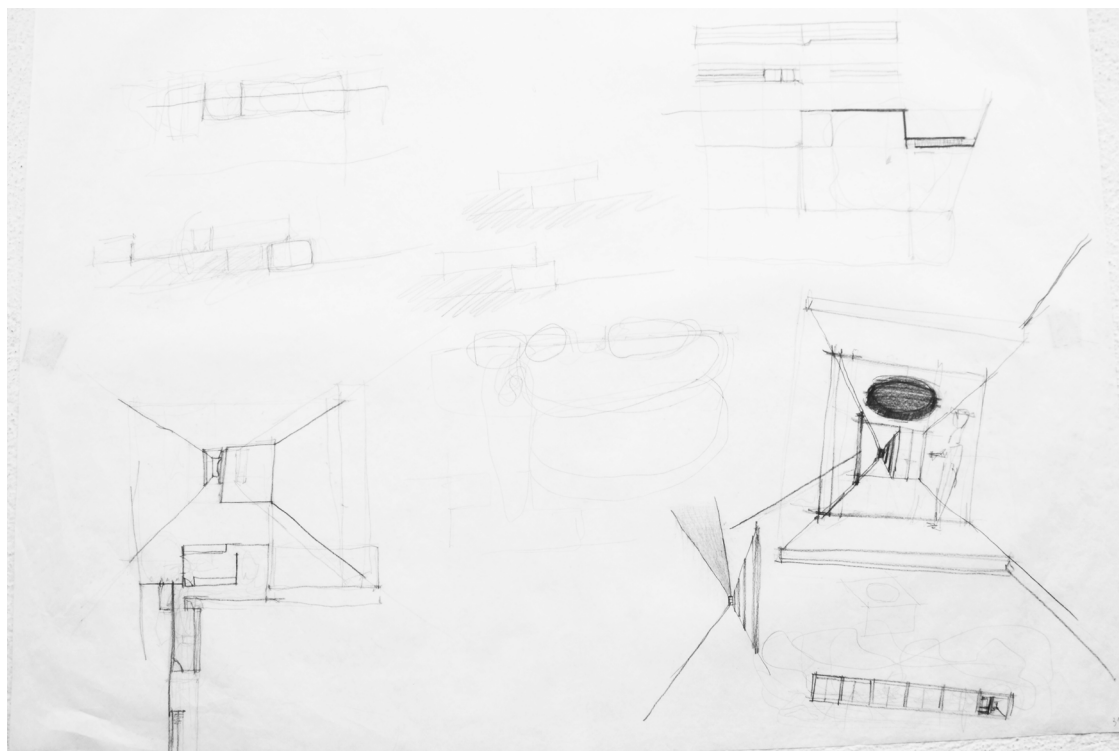
Os esboços começam a seguir uma métrica que ajuda na definição da habitação, estabelecendo três volumes ligados a Sul, por sucessivos espaços de transição.

O primeiro é o da chegada e do estacionamento automóvel, que é constituído por uma composição de palas e por um pátio que ajuda a fazer a ligação entre cotas, conferindo um ambiente mais cómodo a quem chega. Segue-se a zona exterior dos quartos, que separa estes dois volumes, em diferentes cotas. É cercada, a nascente, pelo muro de contenção da entrada, pelo muro da passagem de chegada ao volume dos quartos, a poente, pela fachada dos mesmos e pelo limite lateral norte. A entrada encontra-se no seguimento da chegada, onde a pala segue o limite da cobertura.

O hall serve de ponto de distribuição para as diferentes áreas, incluindo a casa de banho de serviço.

O segundo é constituído pelos quartos e respetivas casas de banho, que têm acesso por um corredor que termina na lavandaria. O volume distancia-se do limite lateral para que seja possível a circulação entre o pátio íntimo e a faixa ajardinada que separa o volume seguinte.

O terceiro contém a área social, que se estende paralelamente ao rio e aos restantes volumes, tal como foi referido. A cozinha aloja a zona de dispensa e de refeições rápidas. Tem ligação á sala de jantar. Esta concentra-se no mesmo espaço da sala de estar, estando separadas por três degraus e pela lareira, como anteriormente já acontecia, na procura da diferenciação e diversificação espacial. O espaço que se segue contém uma zona exterior coberta que separa a zona de estar da sala polivalente.



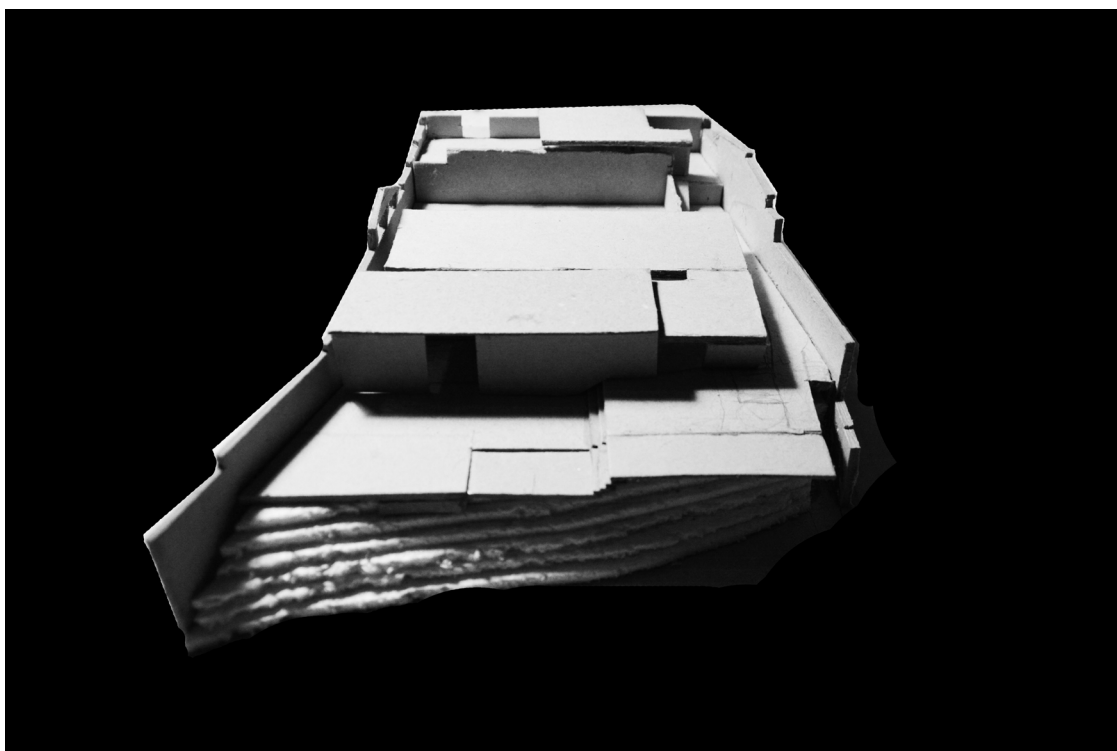
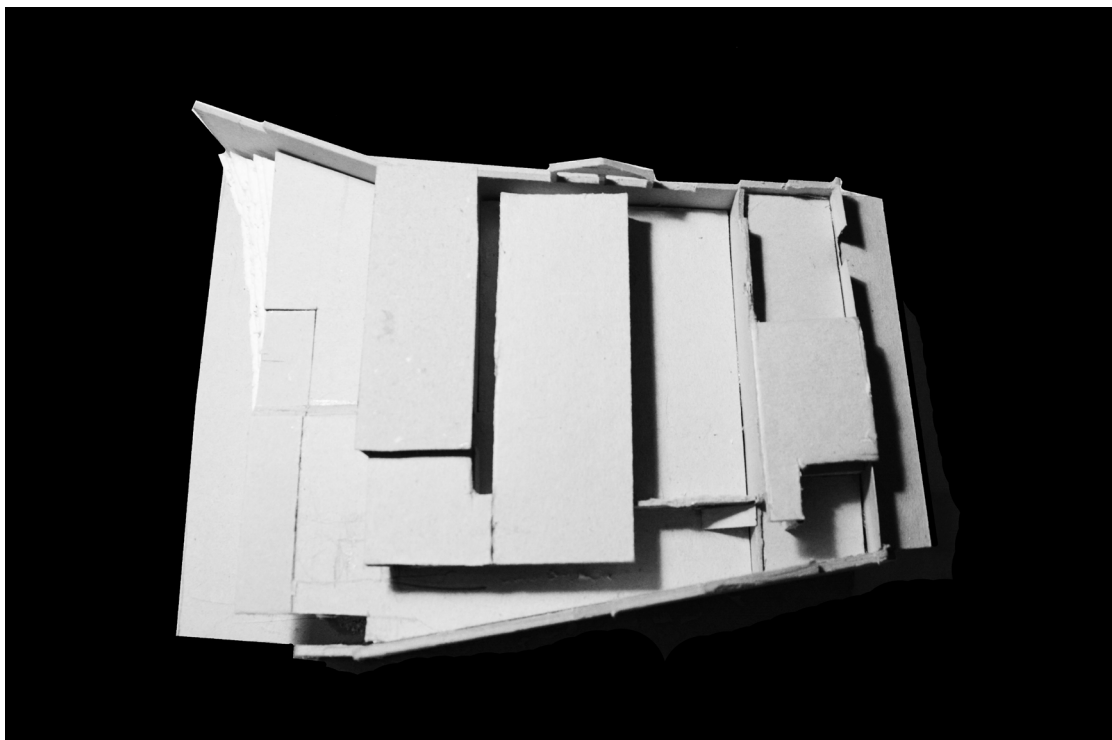
**Fig. 52 e 53** - Estudo das áreas de circulação, Esquissos do pátio dos quartos.

Relativamente á piscina e respetiva zona de lazer, é feita uma “depuração formal”, mas a grande mudança centra-se na eliminação da árvore, por vontade do cliente, uma vez que se avaliou o estado vital da mesma e verificou-se que não se encontra com as condições necessárias para se manter. Este ponto acaba por mudar bastante o modo de intervir no contexto exterior, uma vez que esta condicionante foi tida em conta desde o primeiro momento. Assim, com este novo dado, a piscina ocupa o lugar da árvore, juntando-se ao limite norte. Permanece em pendente, conferindo, a possibilidade de um novo ponto de vista mais privilegiado sobre a paisagem. A partir desse momento a diferença de cotas é vencida por um elemento vertical, que se desenvolve no limite oposto. O espaço que se inscreve entre a cota intermédia e o início da cota baixa, é preenchido com declive natural.

Em suma, esta fase na sequência da anterior, vem avizinhar o que de futuro se prevê como resposta final a este projeto. Vem revelar também a mudança de estratégia, mediante as novas condicionantes. Fala-se essencialmente da grande mudança relativa á premissa inicial da árvore. Efetivamente, a liberdade por parte do cliente, tanto na definição do programa, como na medida em que o projeto é descoberto, torna-se essencial para o desenrolar do desenho da casa e da sua reflexão.

A nível formal, tentou-se unificar e reorganizar os volumes e os espaços exteriores, de modo a conseguir uma melhor distribuição dos espaços interiores. Os arranjos exteriores ficam assim com um desenho mais claro. Crê-se que os princípios espaciais estão bem definidos, uma vez que cada volume corresponde a zonas distintas: área social, íntima e volume da entrada.

As duas entradas ajudam a criar um maior momento, desde o exterior ao interior verdadeiramente dito. Sendo que a primeira, tem como intenção dar acesso do exterior público, para a zona privada (descoberta), a segunda, serve para entrar no espaço interior da casa, ou seja só a partir desta entrada é que se chega á habitação verdadeiramente dita. Portanto, consegue-se que o habitante sinta, física e psicologicamente, a mudança entre o mundo exterior e o seu próprio mundo.

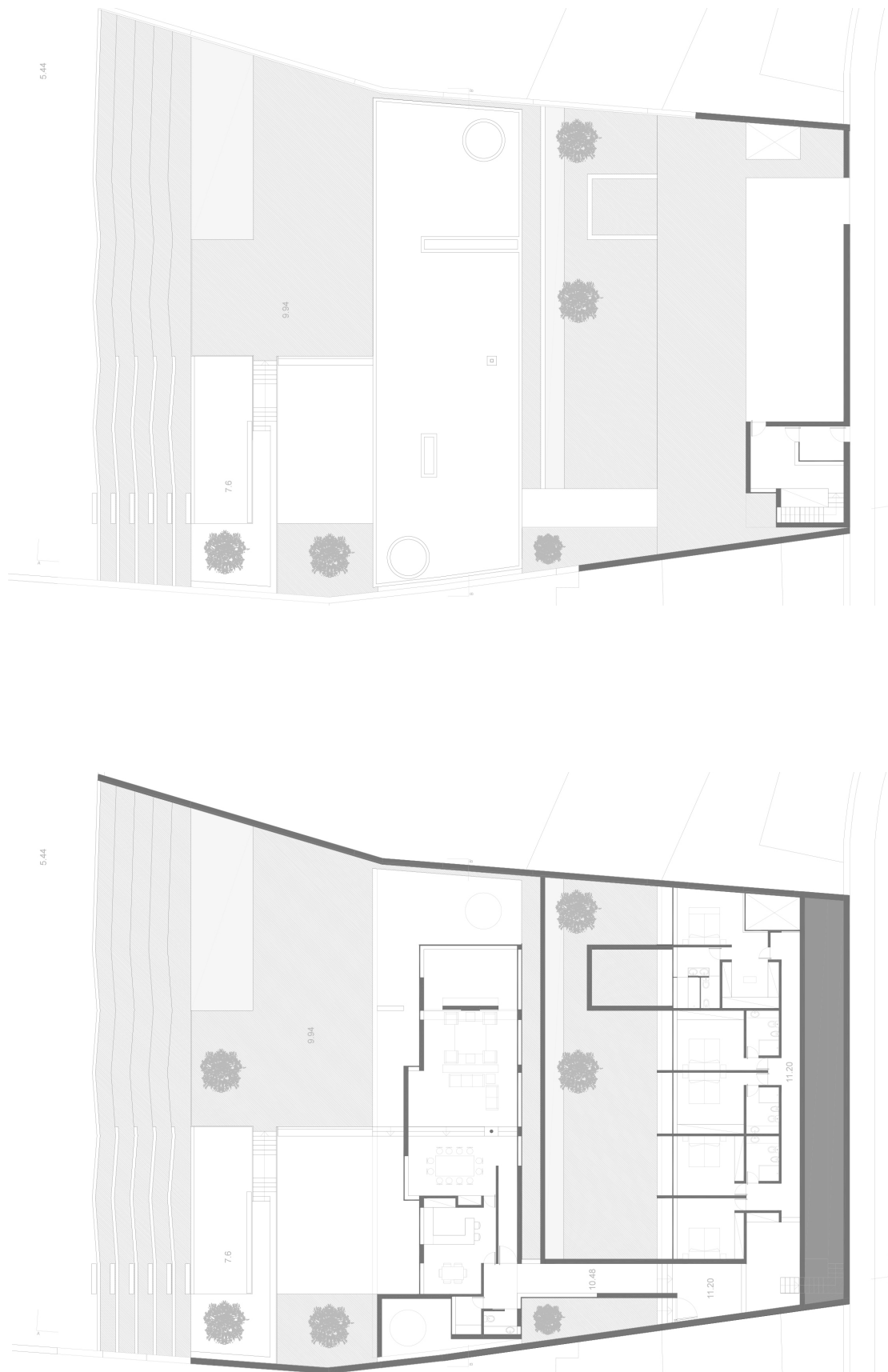


**Fig. 54 e 55** - Fotografias da maquete de estudo.

Deste modo, as áreas consolidaram-se de forma a ficarem bem distintas (zona social e íntima). O piso superior, consistia na chegada á casa. A ligação vertical com o piso inferior fazia-se pelo exterior, até chegar a uma outra entrada para a casa propriamente dita. Esta, seria uma desvantagem nos dias chuvosos, uma vez que, o lapso de tempo entre a entrada da rua e a entrada na casa fazia-se pelo exterior. De facto, embora se defenda a ideia do momento na arquitetura, em certas circunstâncias, tem que se medir qual o mais importante: se o percurso desde a entrada da rua até á casa, ou a proteção às intempéries.

Em resumo, o volume dos quartos ganha um pátio com maior dimensão, o que ajudava a desafogar o olhar e a que o habitante não se sentisse fechado, se bem que, o pretendido seria que a zona íntima ficasse mais recatada. O confronto com a zona de estacionamento foi resolvido com um plano vertical que se inicia no pátio dos quartos, seguindo até á cota superior e ganhando uma dimensão de 1,80m, com o objetivo de que não haja confronto visual. Com este dispositivo, conseguiu-se a resolução de um problema, identificado anteriormente, mas criou-se um outro, com a altura do muro de contenção para o pátio. O volume com as áreas sociais, distanciava dois metros dos quartos. A piscina situava-se em confronto direto com as zonas de estar.

Neste momento continuava a verificar-se bastante área de circulação. Logo, embora esta proposta surgisse como reação a muitos dos problemas que surgiram, ainda permanecia com questões, fulcrais por resolver.



**Fig. 56 e 57** - Planta piso 0 e planta piso -1.



Esta fase de projeto, fica marcada por uma mudança a nível formal. Verificou-se a possibilidade do volume dos quartos ficar sob o da entrada. O afastamento necessário relativamente ao eixo da rua, obriga à deslocação do volume. Após alguns esboços de estudo, percebe-se que fará todo sentido que assim aconteça. Este momento consiste então, na clara separação entre a zona de lazer e a de dormir, dando continuidade aos desenvolvimentos anteriores.

O primeiro piso, em termos funcionais permanece igual, embora a forma seja completamente diferente. Assume, assim, um volume fechado para o exterior e totalmente aberto para o interior. Na chegada pedonal, encontraremos um pátio interior, que nos permite entrar visualmente na zona da entrada, onde se encontra a escada de acesso ao piso inferior. O espaço contíguo ao volume, é acompanhado com uma pala, como acontecia anteriormente, permanecendo com a mesma função de estacionamento.

O piso inferior concentra o restante programa, estando assim definido por dois volumes paralelos ao rio, como no momento anterior. O dos quartos encontra-se semienterrado, com os acessos a nascente. O corredor de acesso fica totalmente enterrado, sendo que, é um espaço de penumbra, iluminado nas extremidades, onde também é possível ter contacto visual com o exterior. O pátio dos quartos ganha uma dimensão bastante mais forte na relação com os compartimentos interiores. Uma vez que dá a possibilidade de desafogar o olhar através do espaço contemplativo, mas controlado (em contraponto com as áreas sociais, que tem uma paisagem sem fim). Pretende-se que seja um local que transmita calma e inspire a sensação de intimidade.

O ponto de chegada ao piso inferior faz-se com um espaço de distribuição para as duas zonas da casa. Uma vez que a zona social se encontra mais afastada, a ligação é feita por uma galeria de acesso. Esta, para além de ligar os volumes, confere o tempo, o momento que é importante na arquitetura, para fazer a transição entre zonas. Uma das suas faces encontra-se completamente encerrada a outra abre-se, pontualmente, para um pátio que vai de encontro ao muro vizinho.

Segue-se a zona social que tem início com a cozinha, lavandaria e casa de banho,

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

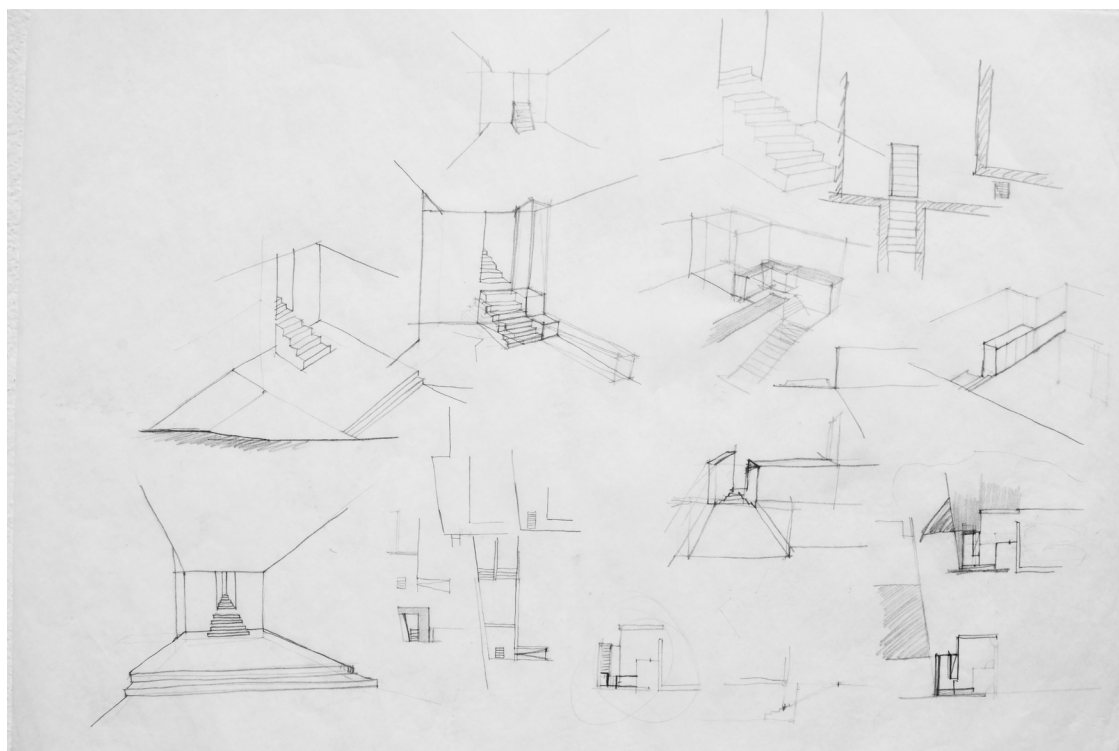
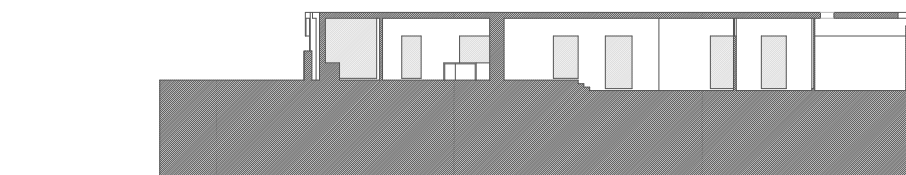
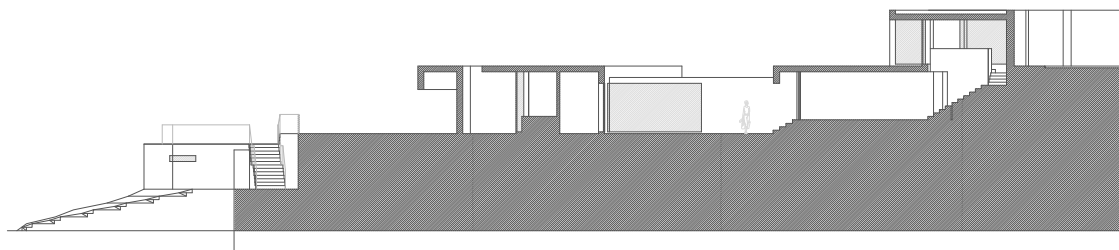


Fig. 58 e 59 - Perfil AA', Perfil BB' e esboços da escada de chegada ao piso inferior.

sucede-se a sala de jantar, que esta separada por três degraus da sala de estar. De seguida encontra-se a sala polivalente, que começa a adquirir um carácter cada vez mais cumplice com a sala de estar. A composição deste volume termina com uma zona exterior coberta, que se pretende que seja a extensão da última sala.

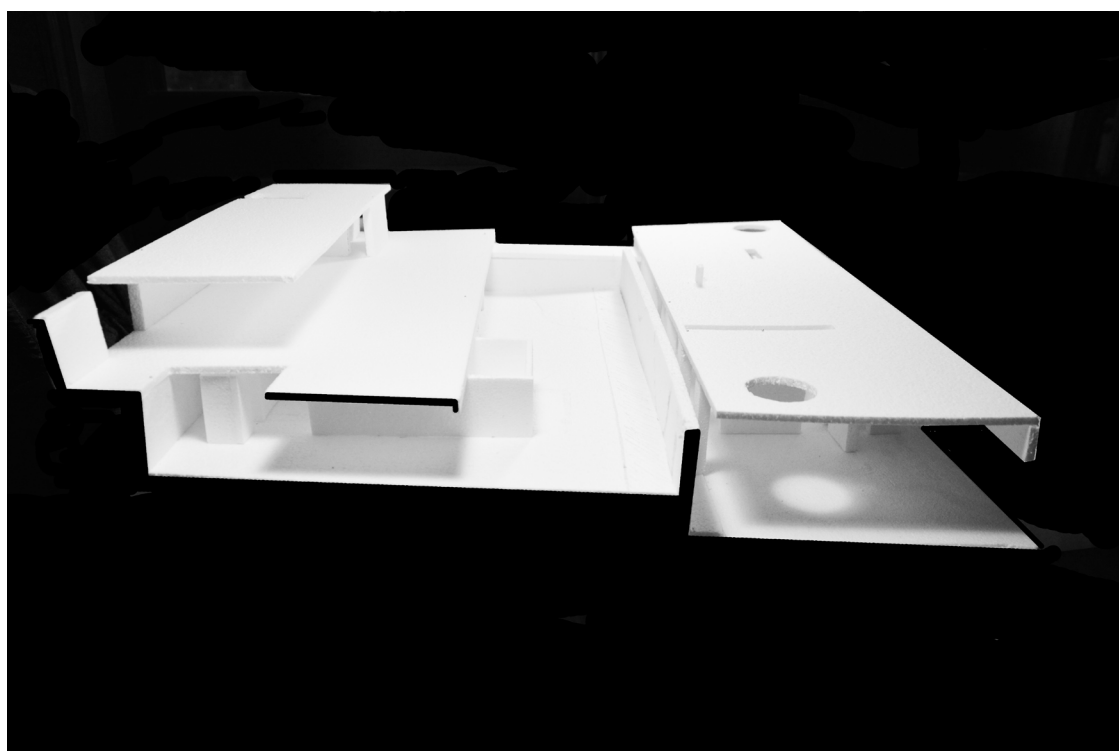
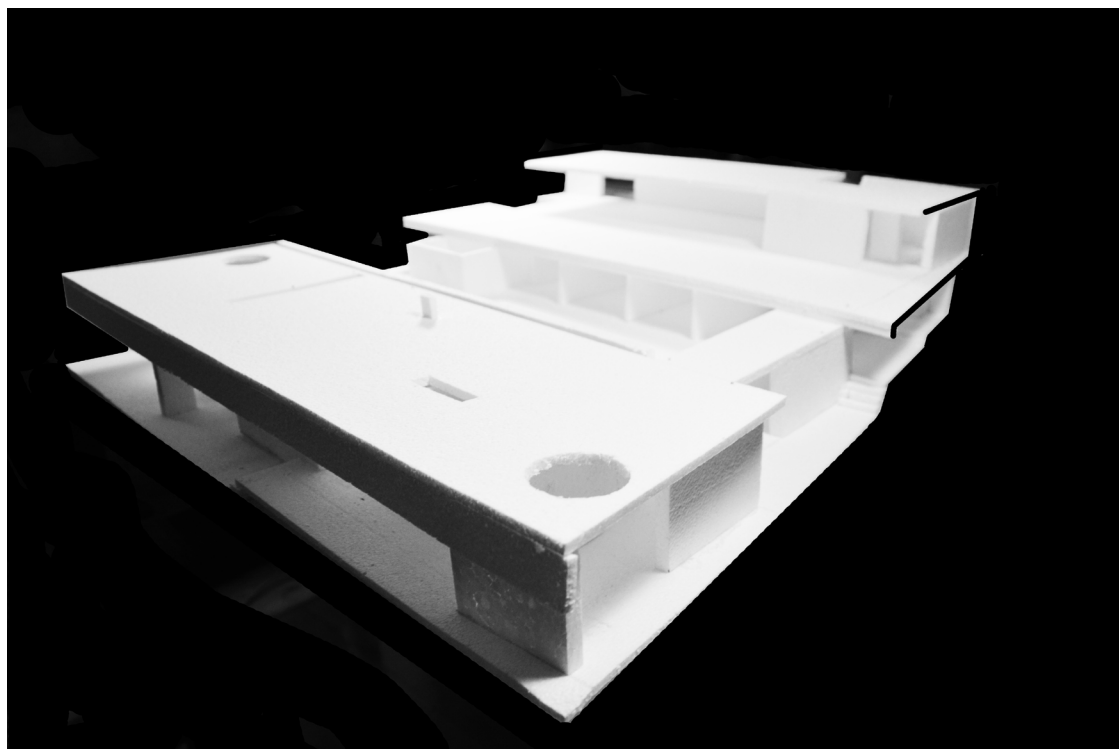
Relativamente aos espaços exteriores adjacentes a este volume, encontram-se divididos em duas zonas, separadas por três degraus que dão continuidade aos que separam as salas. A parte superior tem como função o prolongamento da cozinha, a restante, inferior, dará continuidade às zonas de estar. Aqui estará a piscina e o acesso á cota inferior. A ligação desta á cota mais baixa do terreno faz-se por degraus que emergem do declive.

Sintetizando, a grande mudança é o posicionamento do volume dos quartos, sendo que influência todo o curso do projeto. O pátio encerrado é também um novo elemento, que embora venha no seguimento da proposta anterior, nesta pretende afirmar-se em termos de dimensão e privacidade.

Esta fase, levou ao projeto uma melhor afirmação do que se veio a desenvolver. Havia quase que uma depuração formal e, conseqüentemente, uma “limpeza espacial”, que se traduzia em apenas dois volumes. Um enterrado e outro implantado sobre o terreno. Existia ainda, um terceiro, o da entrada, que fazia a ligação interna entre cotas.

Portanto, com os “grandes” problemas em vias de resolução, a proposta conseguiu avançar para outro nível, mais sensorial e pormenorizado. No sentido de encontrar uma solução que responda às pretensões do cliente, e às ambições do projetista, mas ao mesmo tempo, que a habitação se insira no terreno e na paisagem envolvente, de forma a que o habitante usufrua ao máximo da vivência espacial. A arquitetura é feita destas uniões. Por outras palavras, o arquiteto recebe os dados do cliente e juntamente com a compreensão do terreno e do lugar, ultrapassa-os na interpretação que faz e na procura de um cenário de vida qualificado.

Este é o momento em que a proposta está clara, isto é, o programa da casa encontra-se já de forma geral definido e começa a olhar-se para cada espaço com “olho clínico”, percebendo o que pode ser reajustado em termos de dimensionamento, definição



**Fig. 60 e 61** - Fotografias da maquete de estudo.

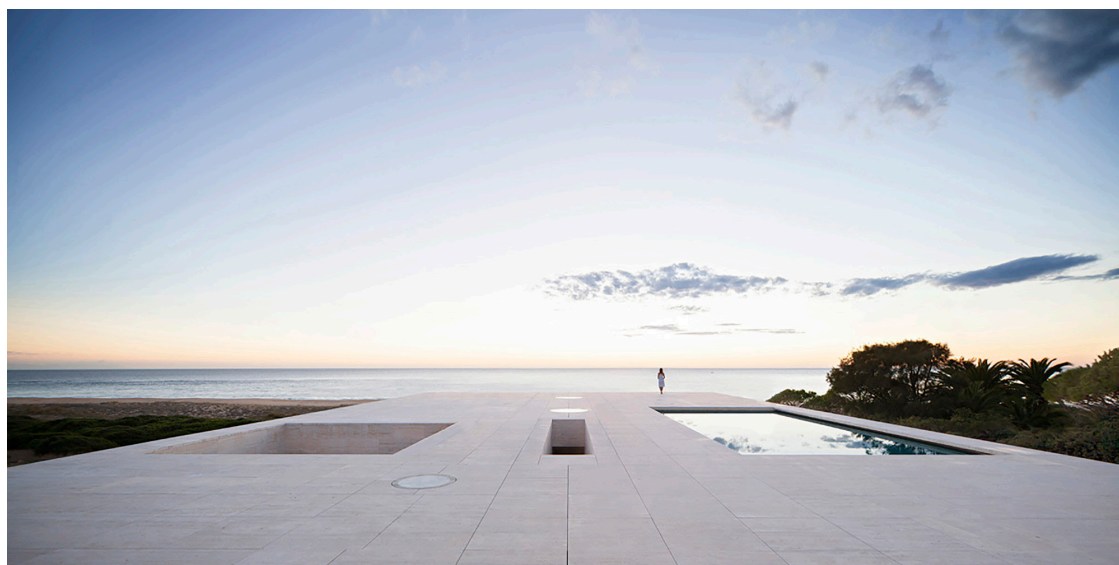
e caracterização mais particularizada. Esta fase, levou o pensamento dos espaços exteriores para outro patamar de exigências, começando a introduzir-se com mais seriedade a proporção dos espaços de circulação e acessos. Acima de tudo, surge a preocupação com o controlo das áreas dos diferentes espaços, de como se articulam entre si e como o mobiliário pode ser uma peça fulcral na composição dos mesmos.

A posição dos volumes está determinada, embora tudo fique em aberto até ao último momento. Pretende-se estabilizar a escala e a forma de todos os espaços, potenciar a relação interior/ exterior, trabalhando no sentido de clarificar a solução.

Deseja-se um estudo pormenorizado dos alçados, incluindo os interiores, de modo a harmonizar as fachadas, potenciando os espaços, e consequentemente, a vida dos habitantes.

Os princípios estão lançados. Neste momento sentiu-se necessidade de fazer uma reflexão sobre a solução geral, juntamente com o cliente. Analisar cada detalhe, no sentido de encontrar uma solução particularizada, que vá de encontro às premissas iniciais. O momento que se segue, dirigir-se-á no sentido da proposta final, que irá ser apresentada mais a frente.

Portanto, uma vez que a implantação e a distribuição do programa já se encontram definidas, é chegado o ponto de afinar os pormenores da casa. Após análise das diferentes fases, neste ponto condensa-se as fragilidades do projeto, para que se consiga resolvê-las. Pretende-se que a proposta final se torne mais esclarecedora, com uma melhor interpretação das premissas, do programa e das circunstâncias... Em suma, o projeto final resulta da capacidade do projetista resolver um conjunto de problemas, tomando as decisões que se vão revelando mais oportunas e ajustadas.



**Fig. 62** - Casa do Infinito, Alberto Campo Baeza, 2014.

## Referências do projeto

As referências do projeto tornam-se essenciais, ainda que, numa primeira fase se absorva bastante informação, vai-se selecionando com a tomada de decisões. De certo modo, as referências acompanham sempre o desenrolar do projeto, consciente ou inconscientemente. Servem para perceber como é que influenciaram a proposta, não sendo possível dizer-se o momento exato em que as mesmas se constituem como tal, mas que entraram gradualmente no projeto, a partir do momento em que, na primeira proposta, surgiram os problemas primordiais.

O que se pretende com as referências pesquisadas é a reflexão e reinterpretação do habitar. A par do processo de desenvolvimento do projeto e da exploração de soluções, há uma continuidade na pesquisa de referências que se dá em paralelo. Em baixo serão retratadas as referências que realmente tiveram influência nas diferentes fases de projeto. Estes exemplos mostram-se fulcrais para o desenvolvimento do mesmo, embora se saliente três temas principais, o contexto natural, o pátio e a organização formal e funcional.

A Casa do Infinito, do arquiteto Campo Baeza em Cádiz, foi uma referência que se identificou bastante com as primeiras abordagens. É uma casa que se insere num contexto natural, tal como a Casa do Minho, sendo que uma, está ladeada por construções e a outra nada tem ao seu redor. Estas circunstâncias, tanto da casa de Cádiz como da Casa do Minho, são o ponto de união entre as duas, isto é, encontram-se em ambientes naturais, que proporcionam ao utilizador, uma grande qualidade visual. Os elementos água, terra, céu, são também, denominadores comuns, fazendo parte do contexto.

O projeto de Campo Baeza trata de uma abordagem que usufrui ao máximo da envolvente e que consegue resolver a diferença de cotas de uma forma surpreendente. Um dos primeiros momentos inesperados, centra-se na cobertura/ pátio, onde se encontra a piscina e é possível, na cota mais elevada, contemplar a paisagem no seu expoente máximo de alcance. Assim sendo, estes foram alguns dos pontos de referência desta casa a serem tidos em conta nos primeiros desenhos da Casa do Minho.

Numa outra fase, em que a intenção era encontrar a escala da casa, surge a influ-



**A Casa do Minho**  
 Uma reflexão sobre o habitar

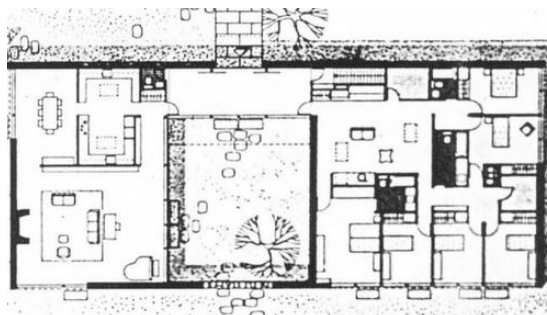
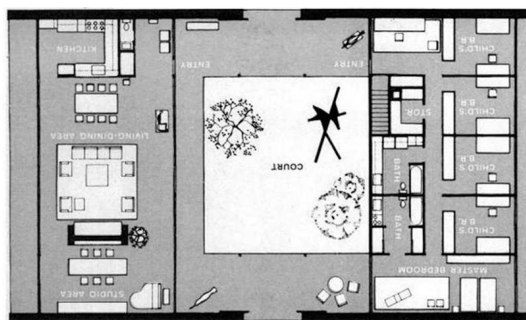


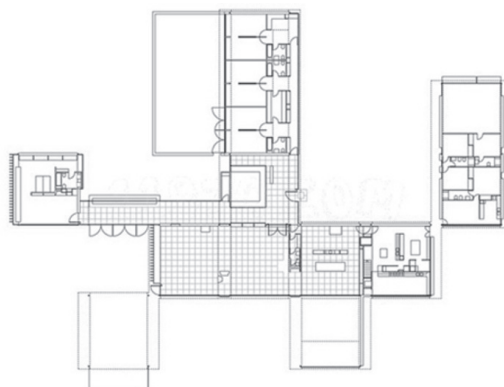
Fig. 63, 64 e 65- Casa em Llabià, Eduardo Souto Moura, 1996; Casa Noyes, Eliot Noyes, 1955; Casa Hooper II, Marcel Breuer, 1957



ência da casa em Llabiá, em Espanha, do arquiteto Eduardo Souto de Moura. A casa apresenta o pátio como instrumento para a desmaterialização volumétrica, apresenta-se com uma dimensão que resulta da manipulação da sua dimensão real. É constituída por cinco volumes encostados, abertos numa das suas faces, que variam em altura, e entre eles existem pátios que servem de prolongamentos da casa e para proteção dos ventos fortes que se fazem sentir na zona. Esta referência vem trazer, em certo momento, aos espaços interiores, a ampliação da sua dimensão e a continuidade para o exterior, sendo que o pátio tem um uso intensificado. Ou seja, os pátios ao permitirem desmaterializar a casa em vários volumes, dão uma outra saída, que é o que acaba por se passar, também na Casa do Minho.

A referência que acaba por se tornar a mais significativa e que de certo modo influencia o projeto num momento de transformação formal, acompanhando-o até à proposta final é a casa Noyes em New Canaan do arquiteto Eliot Noyes. Trata-se de uma habitação familiar, pertencente e projetada pelo arquiteto em 1955. A grande particularidade da casa prende-se com o fato de parecer contida entre dois muros, acessíveis pela sua zona central. Quanto à organização, desenvolve-se sobre a forma de duas zonas completamente separadas, a zona íntima e a zona social, articuladas por um pátio. A clareza e depuração da planta incita a que inicie um processo de simplificação da proposta.

A casa Hooper II, de Marcel Breuer, nos Estados Unidos, surge como referência no mesmo seguimento da anterior. Têm bastantes pontos em comum, uma vez que o arquiteto usou a casa do seu sócio Eliot Noyes, como modelo, que o seu cliente tanto apreciava. A casa organiza-se em duas zonas, íntima e social, divididas pelo pátio interno, tal como se deseja para a Casa do Minho. As aberturas estão estrategicamente pensadas. O pátio contém uma parede de pedra, onde se abre, ao centro, uma abertura do chão ao teto, que o relaciona com a paisagem exterior. A garagem e alguns pequenos compartimentos situam-se no piso de baixo, uma vez que o local está um pouco inclinado. Na Casa do Minho esta situação é idêntica, sendo que está invertida, devido ao declive.



**Fig. 66** - Casa La Ricarda, Antonio Bonet, 1949.

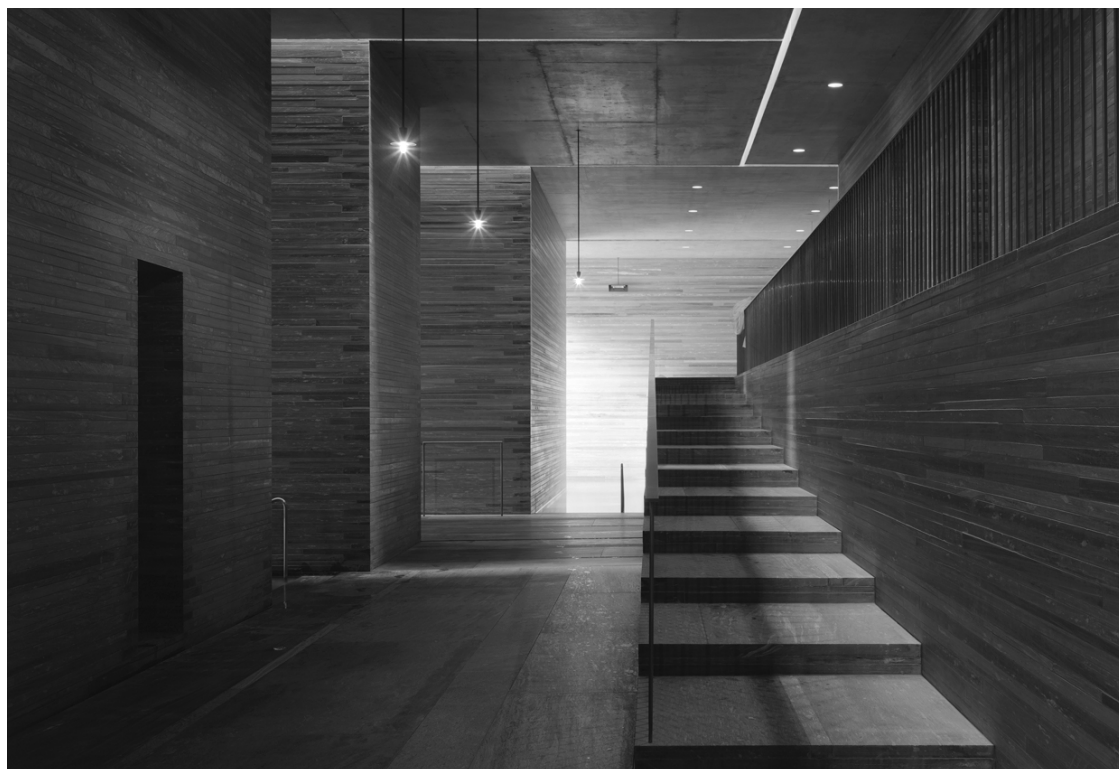
“Relativamente austera e abstrata na sua composição, a Casa Hooper adquire mais energia com a interação que existe entre espaços interiores e exteriores, assim como com as panorâmicas da paisagem (...).”<sup>39</sup>

Por fim, a casa La Ricarda do arquiteto Antonio Bonet, trata-se de uma casa que tem os quartos (com exceção do quarto dos donos) se localizam num pátio comum. De resto, todos os compartimentos internos têm uma relação forte com um exterior próprio. As salas têm também uma relação espacial com um exterior parcialmente limitado ou com uma sugestão de limite, que a prolonga, diretamente. Na parte da sala, mais afastada, encontra-se a piscina. É uma casa que estabelece contacto com um ambiente natural. Tem um desnível na frente, de modo a controlar as cotas e a defender-se do mar. Deste modo, a casa La Ricarda tem muito que ver com a Casa do Minho, na ocupação dos exteriores e no universo dos princípios adotados, mas não tem relação em termos formais.

Em suma, as referências tornam-se essenciais para qualquer projeto, facto que não se torna exclusivo da arquitetura. Apesar do contato permanente com exemplos arquitetónicos durante todo o processo, nem tudo é relevante o suficiente para ser considerado referência, no entanto estas obras têm no desenvolvimento do processo um papel fundamental, pois desencadearam os princípios da organização da casa, que se manteve muito semelhante até o fim, após estas últimas referências.

---

39 COBBERS, Arnt - **Breuer**. Alemanha: Taschen, 2009, p.68.



**Fig. 67** - Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.

## **Espaço, Forma e Função**

“Jean Braudillard dizia: «ser funcional é cumprir uma função específica e responder a outras na sua circunstância. (...) A arquitetura tem de ter essa energia e esse carácter transformador, porque senão é construção, o que não lhe tira o valor, mas é outra coisa, fica aquém»”<sup>40</sup>

**Eduardo Souto Moura**

A arquitetura tem de se tornar funcional, mas ao mesmo tempo contemplativa. Tem de ser passível de uso, mas ao mesmo tempo intangível. Tem de transformar, mas também tem de transmitir energia. Por outras palavras, a arquitetura resulta da perfeita união entre o funcional e o belo. Uma vez alcançada esta plenitude, pode então dizer-se que é arquitetura.

A função é distribuída pelos espaços, que por sua vez, são definidos pela forma. A relação destes três temas de arquitetura, retratam-na bem na dimensão física, embora que, a dimensão arquitetónica não é apenas física e racional, sendo também capaz de ser transcendente. Neste sentido, conceitos aplicados á temática do habitar, ajudam a definir esta dimensão, visando alcançar a beleza, como por exemplo:

Ritmo - Equilíbrio - Harmonia - Unidade - Cheio - Vazio -  
Espaço - Proporção - Contraste - Diversidade - Tensão - Tempo

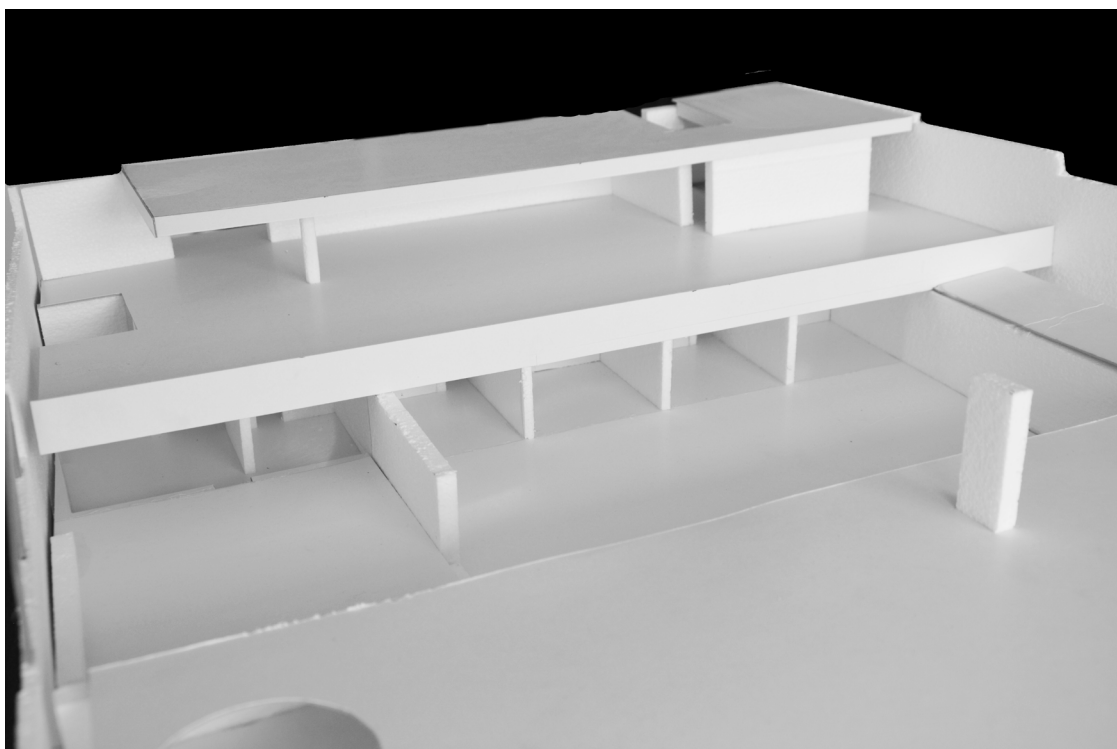
Estas, são palavras-chave quando se trata de arquitetura, e também o são na Casa do Minho. São conceitos que surgem no desenvolvimento do projeto. Cada uma delas é explorada e incorporada no desenho.

Deste modo, como diz Peter Zumthor, quando se desenha um edifício, deixa-se espaço, vazio. Na verdade, não se deixa, cria-se, determina-se ambientes para recebê-lo. O vazio e o corpo da arquitetura, uma vez que é no vazio, no espaço, que a vida se desenrola, que as emoções surgem.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> Apud ADRIÃO, José; CARVALHO, Ricardo – *Entrevista a Eduardo Souto Moura*. Lisboa, 24 Outubro de 2006, in *Jornal Arquitectos*, 225, p. 54

<sup>41</sup> Apud GONÇALVES, José Manuel – *Peter Zumthor, Um Estado de Graça Entre a Tectónica e a Poesia*. Prova Final de Licenciatura em Arquitetura, apresentado à Faculdade de Ciências e Tecnologias da UC. p. 112



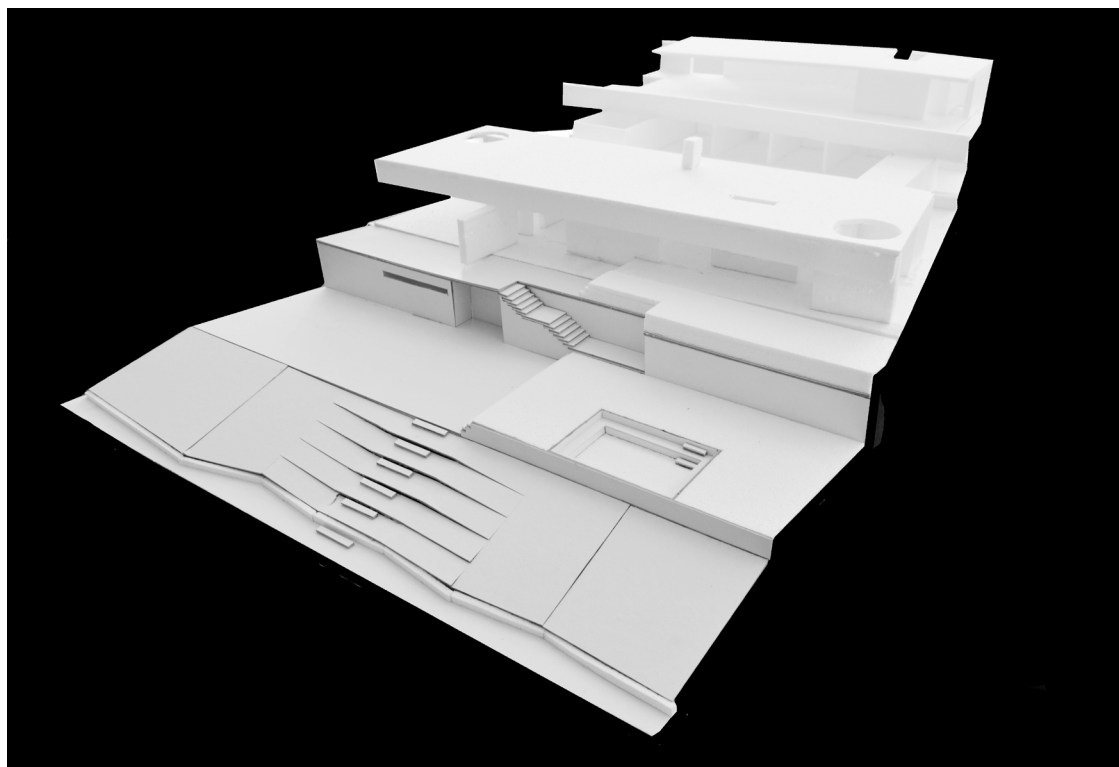
**Fig. 68** - Fotografia maquete de estudo, penúltima proposta.

Este momento surge com o objetivo de desenvolver uma reflexão sobre o espaço, a forma e função na evolução do projeto, tendo por base a última proposta. Com a implantação da casa definida, consegue-se perceber a forma dos volumes. Apesar da regularidade das plantas, começa a surgir nesta fase, uma intenção de diálogo entre a implantação e a geometria do terreno.

A unidade do conjunto é fundamental para conseguir a harmonia do projeto, uma vez que, os ritmos dos cheios e vazios são essenciais para que o conjunto seja lido de forma equilibrada e coesa. Na Casa do Minho, existe uma preocupação acrescida, uma vez que, a cobertura e os pátios serão o primeiro contato visual com a habitação, devido à cota de entrada ser a mais elevada. Pretende-se a par de um tratamento cuidado em termos formais, ter atenção ao tipo de material a utilizar nas coberturas e nos pátios. Esta questão é bastante importante, colocando preocupações acrescidas, uma vez que existe uma perceção imediata da forma, dos ritmos, dos cheios e vazios, em suma, do equilíbrio e da coesão das partes.

Pretende-se a exploração da volumetria, na procura da aparente desfragmentação da planta, sendo que também se deseja conseguir relações espaciais diferentes em altimetria. O volume da zona social corresponde ao pé direito maior, sendo que este se divide em duas alturas distintas. Em concreto, a sala de estar e a sala polivalente têm o de maior dimensão, a sala de jantar e a cozinha têm o pé direito intermédio; a zona íntima corresponde ao pé direito mais baixo, onde se localizam os quartos e as instalações sanitárias.

O volume da entrada e o estacionamento coberto encontram-se no piso superior, com o pé direito mais baixo. Este, foi sempre um tema que suscitou algumas questões relativamente á forma e volume que deveriam expressar. Inicialmente, confinavam-se, na cota mais alta, a uma pala que conferia a proteção das intempéries. Com o avançar do projeto, o ponto de chegada acaba por se confinar a um espaço fechado, passando a ser interior, no sentido de fazer a ligação direta entre cotas. Assim, ganha a forma de um volume único, que tem uma pala prolongada para conferir abrigo à zona de estacionamento. Pretende-se que função e forma se unam. Este volume, se foi criado para cumprimento



**Fig. 69** - Fotografia maquete de estudo, penúltima proposta.



da sua função, não deixa de estar enquadrado com os restantes elementos, tentando-se, assim, conseguir uma uniformidade volumétrica, que ajudará na leitura geral da casa.

A exploração geométrica trabalhada no projeto surge da distinção imposta pelo programa, optando-se por separar as diferentes zonas. O objetivo é que a casa não se imponha maciçamente para quem a observe, tanto do rio, a poente, como da rua, a nascente. Logo, concentra-se apenas em duas frentes volumétricas voltadas para o rio, correspondendo, respetivamente à área social e à entrada da casa.

Assim, resumidamente, os volumes acabam por ficar resolvidos com três paralelepípedos, e com o próprio tratamento do terreno, a poente. Os dois primeiros estão implantados na cota intermédia, o outro está sobreposto ao da área íntima e o restante encontra-se a vencer a diferença de cotas entre a intermédia e a mais baixa.

Os cheios ganham vida com os vazios. Este jogo de cheios e vazios é o tema central da casa. Deseja-se que os pátios tragam força aos volumes. Logo, o seu dimensionamento é relacional, isto é, os pátios assumem dimensões que têm relação direta com os volumes. À semelhança das casas gregas que procuravam relacionar a zona de refeições com o pátio, também as casas romanas reservavam especial importância para os compartimentos relacionados com esse espaço. Por paralelismo, é possível estabelecer uma relação entre a zona íntima e o pátio central, também na Casa do Minho. Num outro âmbito, mas igualmente procurando essa relação direta e de dependência entre espaço interior e exterior, a zona de refeições e preparação das mesmas, com a zona exterior que lhe é destinada; e por fim, a zona de estar e a extensão exterior. Pretende-se sempre a associação de uma zona exterior a qualquer compartimento, como extensão do mesmo.

A questão da perceção espacial, na relação com o projeto, surge do seu dinamismo e consequentemente do modo com o ser Humano vive os espaços, de forma ativa. A perceção espacial é ativa, pois está ligada à ação – “ao que pode ser realizado num dado espaço -, mais do que aquilo que pode ser visto por contemplação passiva.”<sup>42</sup>

A arquitetura deve dar resposta ao que se propõe. A forma resultante, deverá cum-

---

42 HALL, Edward T. - *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio D'água, 1986. p.135



**Fig. 70** - Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.

prir os critérios funcionais. Mas a forma não deve condicionar a arquitetura. Os espaços servem a vida e a vida não se esgota na função e na forma. Por conseguinte, a reflexão feita ultrapassa a função e a forma, tratando de ambientes, de composições, de beleza e da procura de harmonia.

Em conclusão, o sistema de composição da Casa do Minho tem em conta a preocupação do uso, ou seja, entende-se o conjunto do que pode ser realizado num determinado espaço, como tudo que nos é dado pela liberdade da vida e que, portanto, não pode ser previsto por um conjunto de funções predeterminado. Isto é, partindo das funções e dos desejos dos clientes, o projeto avançou no caminho de criar um suporte para a vida, para todas as vidas, para as imaginadas e as que estão por conhecer, e nesse caminho a composição, o espaço, a forma, a função, procuraram permitir abrir saídas, mais do que determinar chegadas.



## PARTE IV

### Reflexões em torno do projeto

#### Questionamento de temas e conceitos

“Conceito – Atualmente reduz-se o seu significado em vários espaços de debate e desenvolvimento de arquitetura. Vira-se o seu significado para uma mimetização imagética que, normalmente, descredibiliza o seu real significado. Conceito é toda a ideia abstrata que procura uma representação, que se exprime. Conceitos são todas as palavras que dizemos porque nos transmitem uma ideia. Conceito será o pensamento *à priori* do acto que cria a arquitectura. Conceito é portanto o critério regulador que orienta a acção seja qual for o método e portanto não devemos banir esta palavra da arquitectura, salvaguardando que com ela queremos dizer muito mais do que actual acanhamento de acção que parece representar.”<sup>43</sup>

**Marta Sofia Martins**

---

43 MARTINS, Marta Sofia Vara - *Pensar em arquitetura através da arquitetura: percepção do homem no e do espaço arquitetónico*; Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, apresentado à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. p.25



**Fig. 71** - Vista da cota baixa do terreno.

“(...) A casa é objeto sagrado, espaço de intimidade e de encontro, abrigo do corpo contra as intempéries que o fustigam e refúgio para o espírito após a luta diária que o assola e, neste sentido, a atitude inovadora de equacionar o projeto de dentro para fora releva algo mais profundo do que uma metodologia. É expressão, (...) de uma correspondência entre o interior e o exterior, entre a alma e o corpo, entre a casa e o mundo.”

É de extrema importância que o edifício se relacione com o lugar, mais ainda, quando se trata de uma zona rural, onde um “mau edifício”, isto é, um edifício mal relacionado com o sítio, poderá destruir uma parte da paisagem. Neste sentido, a responsabilidade de intervenção é maior do que em meios urbanizados. Embora o sítio predomine sobre o edifício em meio rural, a verdade é que o edifício, se bem que seja pequeno, relativamente ao seu contexto, pode destruí-lo totalmente.

O projeto está inserido num meio rural, onde necessariamente são reforçadas as referências tradicionais da zona - analisando quais os elementos que farão a ligação com o lugar e integrando a nova construção na malha já existente. No meio rural, a grande restrição na relação com a envolvente é o terreno e a sua orientação. O terreno e a envolvente, quando analisados de uma perspetiva mais alargada, são caracterizados por marcas de ruralidade, com hortas, pomares, caminhos estreitos e tortuosos, apesar de na zona de implantação, existirem edificações junto à rua de acesso.

O processo de conceção da Casa do Minho começa com o declive sem a casa, isto é, o confronto com o espaço (livre). A vontade foi sempre de respeitar a topografia local e conseguir que o habitante usufruísse ao máximo do terreno em questão. Objetivava-se um volume proporcional relativamente ao terreno.

“Nas nossas casa modernas, a relação com a paisagem é um elemento fundamental do projeto”<sup>44</sup>

---

44 Apud COBBERS, Arnt – Breuer. Colónia: Taschen, 2009. p. 47.



**Fig. 72** - Piscina das Marés, Álvaro Siza Vieira. Sobre a surpresa na arquitetura.



A casa encontra-se orientada para o rio e para as montanhas. Como se disse antes, sempre foi desejo do projeto que houvesse uma grande relação entre o interior e o exterior. Através do contacto visual, mas conseguindo entrelaçar a relação entre os diferentes lugares até chegar ao clímax da paisagem, situado na zona poente, onde se encontra exposta na sua plenitude. A natureza impõe-se e impõe respeito. Por isso, as aberturas são pensadas, por um lado, de forma a resultarem em momentos de contemplação, e por outro, para que a casa adquira mais energia.

Existem dois tipos de abordagem possível para estabelecer esta relação, que se tem vindo a falar, de interior-exterior. No caso da casa que assenta no chão, permite que o utilizador saia para onde quiser; por contrapartida, há a casa que assenta sobre estacas, elevada acima da paisagem, onde os vãos acabam por funcionar quase como uma máquina fotográfica em cima de um tripé. Esta última solução, permite que o campo visual seja maior, dando ao habitante uma sensação de flutuação acima da paisagem. Dá uma sensação de liberdade.<sup>45</sup> Portanto, a Casa do Minho pretende combinar estas duas soluções; no piso inferior, é possível que o habitante circule livremente no exterior, em contraponto, é possível visualizar, amplamente, a paisagem através das janelas dos compartimentos.

A noção de efeito surpresa, conseguida com a conquista sequencial dos espaços, até finalmente se alcançar tudo, surge desde cedo como princípio para esta casa. O objetivo das diferenças de cota, dos vãos estrategicamente rasgados nos planos verticais, são intenções que foram planeadas para que o utilizador percorra os diferentes espaços com sensações distintas. Que vá sentindo e absorvendo a casa e a paisagem de forma a perceber o todo. Assim, ficará com o registo total da habitação quando a percorrer, e sentirá a paisagem de forma gradual até chegar ao ponto onde tem a possibilidade de a absorver por inteiro.

O elemento surpresa contribui para estimular o observador e a sua perceção da relação entre o lugar e a casa. A experiência arquitetónica foi concebida na base de estímulos sensoriais, explorando as diferentes sensações do ser humano, através da perceção do espaço.

---

45 Apud COBBERS, Arnt – Breuer. Colónia: Taschen, 2009. p. 47.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



**Fig. 73** - Casa de Férias em Ofir, Fernando Távora, 1957.

“A casa é acima de tudo um produto do Homem, um facto de cultura, e será no próprio Homem e nas leis da sua criação cultural que se deve procurar a razão de ser e a explicação decisivas da casa que é a sua obra – a história e “correntes de civilização”, movimentos de difusão e influências, componentes sociais e conceitos de família, status económico e profissional, tradição e traços de psicologia de grupo e gosto pessoal, ect”<sup>46</sup>

A casa é um refúgio. O refúgio é essencial á sobrevivência do Homem. O Homem continua a precisar desse refúgio. Assim sendo, esta casa é exatamente isso, um refúgio para o corpo e a alma.

O tema habitar diz respeito a cada um de nós, estando presente no nosso dia a dia e relacionando-se com a qualidade de vida. O pensamento sobre este assunto extravasa bastante o estudo da distribuição do espaço interior da habitação, englobando a qualidade arquitetónica do edifício e a relação com o espaço exterior envolvente.

Em conclusão, a qualidade dos espaços exteriores acaba por ser um prolongamento dos interiores, e insere-os na envolvente. Não menos importante é, a boa distribuição dos espaços interiores e as boas condições de conforto, que fazem com que haja harmonia na vida dos utilizadores. O arquiteto tem a função de trabalhar com os valores do habitar, em redor de um conjunto de qualidades materiais, como a solidez, o isolamento, o ar, a luz e a comodidade e de qualidades espirituais, tais como a naturalidade, a verdade, a harmonia, o amor e o conforto. Enfim, procuraremos fazer uma reflexão sobre as matérias físicas e espirituais valorizadas neste projeto, que o influenciaram decisivamente. A sua ordem não é definitiva e determinista. Sabe-se que os diversos temas se cruzam, interpenetram e influenciam mutuamente.

---

<sup>46</sup> GALHANO, Fernando; OLIVEIRA, Ernesto Veiga de - *Arquitetura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 2003. p.14



Fig. 74 - Desenho sobre fotografia. Vista Nascente.

“A arte, a arquitetura, em última instância, a casa, adquirem, (...) um vínculo emocional com a paisagem, constituindo experiências similares.”<sup>47</sup>

**Iñaki Abalos**

A paisagem, para uma casa, sempre teve bastante importância. Não se trata de um princípio de natureza psíquica, mas de um princípio de carácter construtivo e técnico no sentido mais amplo. A posição da casa aparece quase como o resultado de um cálculo feito da relação com a paisagem, o jardim e a posição do sol, enquanto a sua forma deriva do desejo de habitar a casa. Nesse sentido, intervém também na paisagem.

“Através da observação/ percepção da natureza e da sua existência, o Homem entendeu que poderia exercer influência sobre o mundo que o rodeia, e que a arquitetura lhe possibilitava uma relação mais estreita com a Natureza.”<sup>48</sup>

A estratégia da Casa do Minho foca-se na valorização e contemplação da paisagem, sem deixar de considerar a autonomia e o carácter da casa em si. Esta, torna o desenho do edifício mais rico e ao mesmo tempo oferece um novo significado ao contexto.

A integração do edifício no sítio em que se insere tornou-se fundamental desde o primeiro momento. O muro fará a ligação visual com o exterior, a solução desenvolver-se-á no sentido de uma maior integração, neste caso com a aplicação do material usado nesta zona norte do país, reinterpretando o seu uso, o granito.

A casa adaptar-se-á ao terreno procurando uma sensibilidade singular para com o lugar. Nunca descorando o desenho contemporâneo. “Límpida e minimal concretiza um cenário sereno, deslumbrada pelas vistas que se obtêm a partir de amplas janelas.”<sup>49</sup> A serenidade na arquitetura é algo que se pretende conseguir concretizar na Casa do Minho. Sabendo desde logo que, a paisagem que envolve a casa será a grande responsável por este sentimento.

A particularidade desta habitação será a resolução do programa e a sua integração

---

47 ÁBALOS, Iñaki - *A Boa-Vida*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003. p.177.

48 FERNANDES, Laetitia Mendes - *Eduardo Souto Moura, Arquitetura e Paisagem*, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, apresentado à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 147.

49 PAWSON, John - *Em Conversa com John Pawson*. Disponível em: [www.barrocal.pt/pt/residences/pawson-house/]



**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



**Fig. 75** - Casa Pawson, John Pawson, 2016.

no sítio. A filosofia do projeto pretende-se desenvolvida num total equilíbrio ambiental e paisagístico, com uma expressão discreta, procurando minimizar a interferência com a envolvente. Como diz o poeta citado por Souto de Moura, “Só a palavra certa é de utilidade pública”<sup>50</sup>, mas também só a serenidade que afasta de um mundo de excessos, permite habitar e dormir.

A casa Pawson, em Monsaraz, do arquiteto John Pawson, é um exemplo do diálogo íntimo da arquitetura na paisagem, numa tentativa de continuidade entre matéria e natureza. A casa privilegia a paisagem no seu coração, revelando sensibilidade ao lugar. Consegue envolver, ainda que, enaltecendo e respeitando, as pré-existências naturais (antigos afloramentos rochosos).<sup>51</sup>

A solução proposta nesta dissertação, deverá também, utilizar o terreno como parte integrante da obra. Pretende-se que a paisagem seja pontuada, para que a arquitetura a potencie. A organização interna é determinada pela paisagem e pelo correr do rio, dando-lhe a frente única exposta ao exterior.

O diálogo entre o natural e o artificial faz com que a arquitetura se torne inseparável da paisagem, e que esta faça parte da mesma. Na Casa do Minho existe a indispensável procura do equilíbrio da casa com a paisagem, pois só assim conseguirá atingir o equilíbrio entre arquitetura e lugar.

#### Janelas

“Há qualquer coisa de especial na arquitetura que me fascina e de que gosto muito. A tensão entre interior e exterior. Na arquitetura retiramos um pedaço do globo terrestre e colocamo-lo numa pequena caixa. E de repente existe um interior e um exterior. Estar dentro e estar fora. Fantástico.”<sup>52</sup>

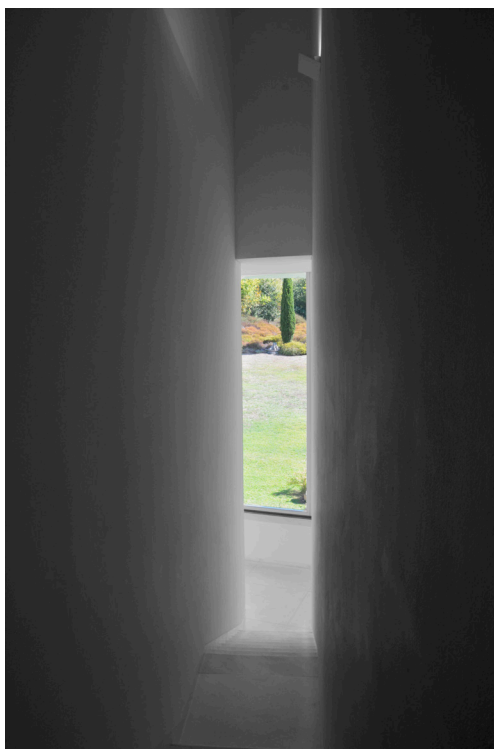
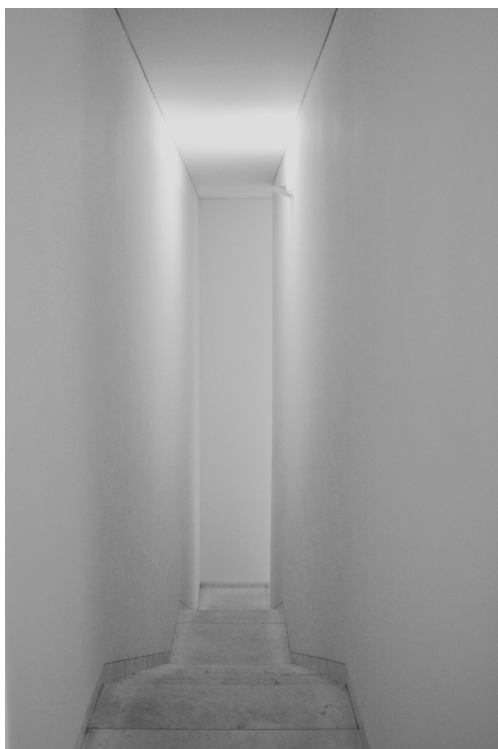
De acordo com a citação anterior, a relação interior exterior implica uma sensibilidade para com o lugar, pois é ele que vai estar a nossa volta, a unir-nos, quer seja uma ou mais pessoas. Ou seja, a interpretação que se faz deste tema é essencial para a relação

50 Eduardo Souto de Moura obra recente, 2G, vol. 1, N° 5 (1998), p. 122

51 PAWSON, John - *Em Conversa com John Pawson*. Disponível em: [www.barrocal.pt/pt/residences/pawson-house/].

52 ZUMTHOR, Peter – *Atmosferas*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006. p. 47

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



**Fig. 76 e 77** - Escadas do interior do Museu de Serralves, Álvaro Siza Vieira, 1996.



com o utilizador, quer no interior ou no exterior.

O muro e a janela são elementos essenciais quando se fala na relação entre dois mundos, interior e exterior. Serão analisadas as diferentes formas de entendimento com base na relação entre arquitetura e natureza, contra interior e exterior.

A transparência e a reflexão são dois outros conceitos que surgem ligados a este tema, como forma de abordar a relação da casa com o exterior. O primeiro, permite atravessar visualmente diversos espaços, externos e internos; o segundo, oferece a possibilidade de refletir a paisagem, resguardando o interior, sem que seja possível observá-lo.

A paisagem, bonita em todas as épocas do ano, deve para além da intimidade/privacidade, ser o ponto de partida para trabalhar estas questões, que se tornam tão sensíveis para os arquitetos. A janela tem como objetivo funcional trazer iluminação natural para os espaços interiores, serve também de ventilação e, em vários casos, de passagem para o exterior, aí já com carácter de porta. Na Casa do Minho sente-se necessidade de que as janelas fixem e registem os diferentes episódios protagonizados pela paisagem ao longo do ano.

A questão dos vãos é essencial para o projeto. Definem o que vai ser possível ver para lá dos mesmos. A dimensão, os posicionamentos terão que ser pensados criteriosamente. A intenção é que as janelas sejam molduras vivas. Álvaro Siza Vieira é exímio no trabalho sobre este tema, em todas as suas obras. Neste caso, convoca-se como exemplo o Museu de Serralves, ilustrando plenamente o assunto deste texto. Toma-se como referência a janela (moldura) que se encontra no final da escada interior, que faz a ligação vertical do museu, na zona de exposições. É uma escada com um carácter e uma escala bastante distintos, uma vez que a sua largura é reduzida ao essencial, para cumprir a sua função, tem um pé direito alto, faz a transição entre salas na área expositiva e termina numa janela vertical, voltada para a paisagem. Isto é, o utilizador percorre a exposição e chega à ligação com o piso inferior, onde continuará a exibição, encontrando esta escada estreita, em forma de L, completamente encerrada entre paredes, que termina na singular e forte janela.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



**Fig. 78 e 79** - Museu de Serralves, Álvaro Siza Vieira, 1996; Casa de Serralves Charles Siclis e José Marques da Silva, (1889 - 1944).

Assim sendo, o vão é de tal forma pensado e controlado que o utilizador é absorvido pelo momento e o espaço, ao viver o “quadro” que o arquiteto emoldurou, do qual passa a fazer parte integrante. Se se pensar no modo como se articulam os espaços entre si, de modo faseado, não direto, fazendo com que o exterior participe nesse momento, dir-se-á que não é possível atingir maior complexidade, beleza e perfeição, como acontece neste exemplo acima descrito. A arquitetura deve ambicionar essa perfeição, que nos serve de referência.

Como em Serralves, a posição e a distribuição dos espaços da casa serão inimagináveis sem o jardim. Não se trata do desenho do espaço, mas sim da acentuação do mesmo. Com o jardim adjacente, bem como com os modestos cultivos, a casa estende-se ao seu ambiente mais próximo. A janela reflete o espetáculo da vegetação que cresce livremente e oferece a sua permanente beleza. Quando a casa, vive integrada na paisagem, então, nunca haverá “mau tempo”, isto é, a natureza é sempre bela, seja em que condições atmosféricas se encontrar.<sup>53</sup>

Sintetizando, a relação entre arquitetura e lugar pode ser diversificada. Logo, o lugar pode ter mais ou menos presença, pode ser apenas elemento contemplativo ou elemento que contém memória ou que proporciona forma. O caminho, aqui, será de contextualização, unindo o contexto e a paisagem, dignificando, assim, o sítio e os elementos que já o constituíam. Pretende-se que a arquitetura potencie a paisagem existente e que dela se sirva para ganhar forma, criando uma relação direta entre interior (intimidade) e exterior (natureza). Portanto, a arquitetura e a Casa do Minho em particular, complementa-se com a paisagem, permitindo ao utilizador visualizar as mudanças que o tempo trás.

---

53 TAUT, Bruno - *Una Casa para Habitar*. Pamplona: T SEIS, 2015. p. 106

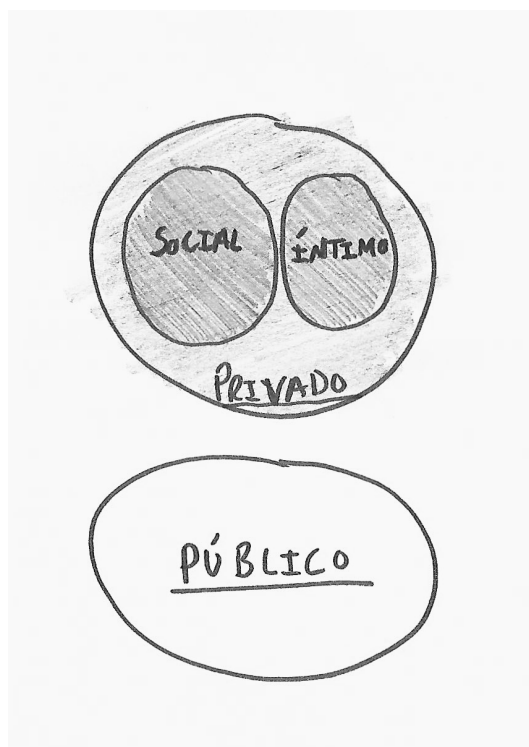


Fig. 80 - Diagrama - estudo de privacidade da Casa do Minho

“A escolha de uma determinada implantação e ocupação do solo é sempre fruto de uma reflexão sobre o habitar, consequência de uma certa estratégia de ocupação de um espaço interior, feito de intimidade e de conforto. O interior define-se através de uma separação, da elaboração de um certo conceito de limite, de relação entre interior e exterior.”<sup>54</sup>

**Sergio Fernandez**

Pensar em privacidade, é pensar em espaço e essencialmente para quem se destina esse espaço. Cada pessoa contém, um determinado número de “personalidades situacionais aprendidas”<sup>55</sup>, identificados pelos comportamentos no confronto com os diferentes tipos de relações, sejam íntimas, pessoais, sociais ou públicas.

A questão da privacidade e do modo como é entendida por cada indivíduo, vai ao encontro do que se pretende que seja a reflexão deste trabalho de Dissertação de Mestrado e com o desenvolvimento deste projeto. Existem diferentes modos de idealização da casa com vários tipos de entendimento sobre a questão da privacidade, pensadas por diferentes arquitetos em diferentes correntes. Isto significará que a privacidade não muda apenas de indivíduo para indivíduo e de situação para situação, como já referido, mas tem também outros fatores que a influenciam, como por exemplo as diferentes correntes do pensamento contemporâneo.

Neste contexto o que é valorizado reporta-se às formas de apropriação do espaço privado e consequentemente, do espaço público ou menos íntimo. Pretende-se uma reflexão sobre a cultura doméstica contemporânea. Neste tema, existe uma necessidade de definir o que é revelar e o que é esconder - a dimensão espacial vai, também, ter grande influência no nível de privacidade.

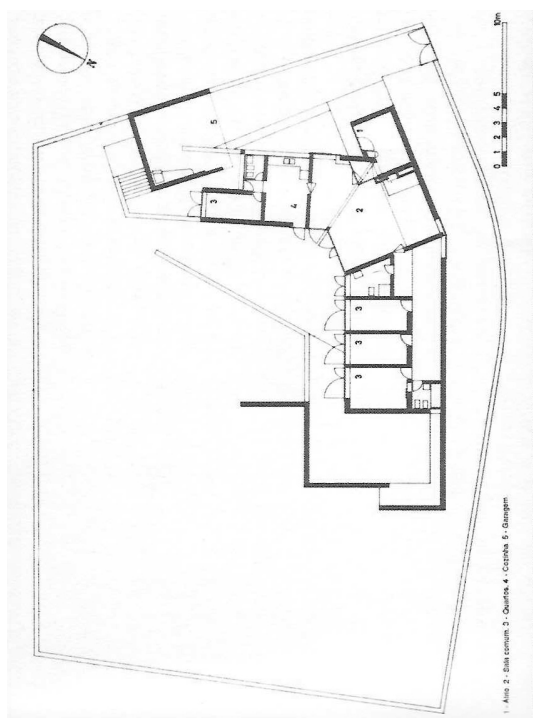
“Desenrola-se então o jogo entre o indivíduo e o público, entre a privacidade e o público. É com isto que a arquitetura trabalha. (...) A fachada diz: sou, posso, quero, seja o que for que queriam dizer o dono de obra e o arquiteto em conjunto. E a fachada diz também: mas eu não vos mostro tudo. Certas coisas estão lá dentro e não vos dizem respeito. (...) Marcamos posição. Observamos. (...) Orgulha-me o facto de nós os arquitetos podermos fazer coisas como estas.”<sup>56</sup>

54 CREMASCOLI, Roberto; MILANO, Maria – Sergio Fernandez. *Um Espaço de Liberdade*. A Casa de Quem Faz as Casas. Cardume Editores, Lda, 2016. p. 9.

55 HALL, Edward T. - *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio D'água, 1986. p. 135.

56 ZUMTHOR, Peter – *Atmosferas*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006. p. 47 e 49

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



**Fig. 81** - Casa Alves Costa, Álvaro Siza Vieira, 1964.

De fato, a privacidade tem tudo que ver com esta questão de revelar e esconder. Está nas “mãos” do arquiteto deixar que os espaços se exponham ou sejam mais contidos. Define o que quer que se veja de fora para dentro e vice-versa. Deve enquadrar cada rasgo, de forma a perceber o que deixa ver e o que quer que se veja ou não veja.

Quando se pensa na transição do espaço público para o espaço doméstico, surge de imediato a definição dos limites. Estes, juntamente com a posição dos acessos determina o tipo de relação com o espaço público e o grau de privacidade daí resultante, condicionando ainda a própria organização e distribuição do interior da casa. Os muros vêm propiciar privacidade, ocultando quem habita, permitindo que, dentro da casa, flua uma vida intimamente livre.

“A casa é o lugar do autêntico, é o refúgio que protege do exterior, da inclemência do tempo e dos agentes naturais, mas também do mundano e do superficial, dessa exterioridade sempre concebida como nociva.”<sup>57</sup>

A casa acaba por ser a fuga e proteção do espaço público, da exterioridade. É o espaço onde o utilizador se sente protegido. Precisa deste sentido de proteção, mas também precisa de ter momentos em que possa projetar-se para o horizonte, para fora, e sentir que não está limitado. Esta noção da dimensão é importante, no sentido que, um espaço não pode ser nem excessivamente contido e protetor, nem excessivamente extenso.

Um excelente exemplo será a casa de Moledo de Álvaro Siza, projetada para a família de Henrique Alves Costa, parcialmente fechada para o exterior, do lado da rua. Este aspeto contribui para a criação da dimensão de casa-refúgio, reservada e íntima. O espaço é fechado em si próprio, mas é possível entrar livremente, isto é, existe um mundo dentro de outro, onde a rua deixa de existir. A forma como o arquiteto leva o utilizador a conquistar o interior da casa ou do jardim é composto com vários filtros e passagens, nunca diretas, que têm que ver com o ímpeto do refúgio. Logo, este torna-se

---

57 PALLASMAA, Juhani – *Os Olhos da Pele, A arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011 p. 52.



**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



**Fig. 82** - Casa Alves Costa, Álvaro Siza Vieira, 1964.



um exemplo que ilustra bem o tema abordado, conseguindo também, tratar grande parte dos assuntos desta terceira fase.

“A casa dá ao homem que sonha ‘por trás da janela’ (...) o sentido de um exterior que se diferencia mais do interior quanto maior for a intimidade da sua sala.”<sup>58</sup>

Na Casa do Minho o que se pretende é a oferta da simplicidade de um retiro ideal, com total privacidade e com vista estendida para lá dos montes. A janela ganha aqui grande sentido, libertando a vista para a paisagem, pontualmente e estrategicamente colocada, criará, juntamente com o jardim a ligação pública dentro do âmbito privado.

“Nos dias atuais, a luz se tornou [sic] uma mera matéria quantitativa, e a janela perdeu sua [sic] importância como mediadora de dois mundos, entre fechado e aberto, interioridade e exterioridade, privado e público, sombra e luz. Uma vez que perdeu seu significado ontológico, a janela se [sic] transformou em uma mera ausência de parede.”<sup>59</sup>

Esta crítica ao mundo contemporâneo, onde se esgota a paisagem com janelas de grandes dimensões, onde se expõe a vida privada, se anula o sentido de interioridade, e onde a privacidade deixa de ter sentido. Muitas vezes, espaços que necessitam de intimidade, são expostos para o exterior, perdendo a sua essência.

O excerto vem descrever o puro significado da janela e justificar a importância que tem a sua dimensão num edifício, seja habitacional ou não. Uma janela quando bem enquadrada e dimensionada, dará todo o sentido ao espaço essencialmente interior, mas também exterior, potenciando a qualidade espacial. A janela tem o poder de limitar ou expandir o campo visual do utilizador. Tem o poder de interferir ou eliminar a noção

58 Apud CREMASCOLI, Roberto; MILANO, Maria – Sergio Fernandez. *Um Espaço de Liberdade*. A Casa de Quem Faz as Casas. Cardume Editores, Lda, 2016. p. 9.

59 PALLASMAA, Juhani – *Os Olhos da Pele, A arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011 p. 46.



**Fig. 83** - Vista frontal para a paisagem. (cota intermédia do Terreno)

de intimidade, uma vez que podemos perder a vida íntima, tornando-a pública através de uma má dimensão da escala e orientação da janela. Mas não apenas pela dimensão pública. A anulação do sentido de interioridade invalida também a noção de limite e este, por sua vez, elimina a noção de refúgio e de aconchego.

As janelas existem ou não existem, ou são dimensionadas em função da noção de intimidade, como estão profundamente articuladas com a estruturação, articulação e definição dos espaços, segundo um conjunto de interdependências pensadas para a privacidade e o conforto domésticos. Assim, a membrana que cria fronteira entre o espaço exterior e o interior, incorpora o conceito de privacidade, revelando mais ou menos da intimidade da casa. Se a porta é o lugar que articula, fisicamente, as esferas do público e do privado, a janela também o faz. O forte significado da mesma, vem trazer a este tema uma grande importância no sentido que, não só limita como transcende.

Em conclusão, as janelas juntamente com as portas tornam-se essenciais nestas questões físicas da privacidade. Logo, na Casa do Minho este tema tem continuidade, quando os elementos que fazem esta distinção revelam cenários naturais do jardim, marcado pelo limite da paisagem que se estende até às montanhas. As aberturas vão pontuando a paisagem de forma a que o habitante a “domine”, à medida que percorre a casa.

## **Conforto**

“Nos nossos lares temos esconderijos e cantinhos nos quais gostamos de nos aconchegar com conforto. Aconchegar pertence à fenomenologia do verbo habitar, e somente aqueles que aprenderam a fazê-lo conseguem habitar com intensidade.”<sup>60</sup>

**Gaston Bachelard**

O conforto é algo fundamental quando se fala na habitação, como matéria primordial da arquitetura. Contudo, seja na vivência quotidiana ou na sazonal, tem de ser

---

60 Apud PALLASMAA, Juhani – *Os Olhos da Pele, A arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011 p. 55.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



Fig. 84 - Ambiente criado na casa de férias dos clientes. (sala de jantar e de estar)

o mais confortável possível. Qualquer indivíduo tem os seus parâmetros de conforto, podendo divergir de pessoa para pessoa. É essencial conseguir perceber o objetivo do conforto físico de quem vai usar o espaço.

Boa iluminação natural e ventilação tornam-se exigências fundamentais para que haja conforto. A parte térmica tem bastante relevância, uma vez que a casa deve estar bem protegida. Os ambientes criados pelos objetos do quotidiano, bem como os pertences com os quais se estabelece uma relação empática ou afetiva - como tapetes, objetos de viagens, bibelot's, sofás, cortinas que permitam mediar a luz que entra no espaço, candeeiros que possibilitam que á noite haja diferentes pontos de luz com intensidades reguláveis - configuram um conjunto de parâmetros relativos ao conforto de uma casa. Por outras palavras, o conforto tem uma dimensão imaterial, emocional, tão importante quanto a sua dimensão física. Procurá-las, a ambas, a essas duas dimensões, é tarefa de Arquitetura. Sabe-se que a arquitetura não pode, nem deve controlar tudo o que nela se passa ou vem a passar, mas deve dar pistas, criar cenários favoráveis para os ambientes, também emocionais, de conforto.

A disposição da casa no espaço e dos espaços na casa, condiciona o seu desenvolvimento e a decisão de como fazer chegar mais luz, ou pelo contrário de retrain a entrada da mesma. A criação de diferentes ambientes juntamente com o curso da vida, contribuem, também, para a ideia de conforto. O arquiteto tem instrumentos necessários para dar ao utilizador todas as condições do ambiente pretendido. Isto é, deve fazer com que a forma, o espaço, o tratamento de luz, das relações espaciais, do tratamento dos materiais, ect., criem a sensação de conforto. Trabalhando assim, com a orientação, com a abertura de vãos e a sua direção, com a utilização de claraboias, de pátios interiores...

“(...) uma arquitetura que seja capaz de explorar ao máximo os estímulos sensoriais que provoca no homem, seja de uma forma mais serena ou mais excitante, possibilita uma maior relação entre este e o espaço, contribuindo benéficamente para a experiência corporizada do espaço e consequentemente para a qualidade da vida do homem.”<sup>61</sup>

---

61 MARTINS, Marta Sofia Vara - *Pensar em arquitetura através da arquitetura: percepção do homem no e do espaço arquitetónico*; Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, apresentado à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. p.168

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



**Fig. 85** - Casa em Cascais, Eduardo Souto de Moura, 1994.



Esta transcrição, aborda e dá destaque ao espaço na sua experiência corpórea. Demonstra, como uma dimensão tátil é tão importante como a experiência emotiva ou espiritual, embora advenha da mesma. A arquitetura deve acolher o Homem, deixando-o habitar, absorvendo os espaços e deixando absorver-se por eles. Deve ser simultaneamente um agente externo ao mesmo e um agente ativador das suas propriedades. É nessa relação dialética que a Arquitetura ganha pleno significado.

A qualidade de vida que todo o ser humano deseja alcançar, em grande parte está relacionada com a ideia de conforto que cada um tem, sendo que os materiais podem ter grande responsabilidade na transmissão dessa mesma ideia.

A materialidade é essencial na arquitetura, tornando-se marcante do ponto de vista de estabelecer a ligação entre o utilizador e o objeto arquitetónico. A arquitetura é constituída pelo material, pela construção, pela terra e pelo céu, pelos espaços nos quais se cuida do revestimento, da materialidade que o distingue, do cheio, do vazio, da luz, do ar, do cheiro,...<sup>62</sup>

“Não é suficiente ver arquitetura; devemos vivenciá-la. Devemos observar como foi projetada para um fim especial (...). Devemos residir nos aposentos, sentir como nos circundam, devemos estar conscientes dos efeitos texturais, ...”<sup>63</sup>

A textura da realidade dos materiais, possui a tarefa arquitetónica concreta, a que o habitar se propõe. Assim sendo, uma obra só será capaz de dar habitação aos homens se conseguir alcançar a massa e o espaço. “A realidade da arquitetura é o concreto, o que se tornou forma, massa e espaço, o seu corpo. Não existe nenhuma ideia, exceto nas coisas.”<sup>64</sup>

A forma define e sente-se a nível espacial. O material sente-se a nível visual e sensorial. Por vezes, indica o caminho do percurso a seguir, mas é sempre um transmissor de maior ou menor conforto espacial. Por exemplo, a casa em Cascais de Eduardo Souto Moura, é um bom caso para se perceber, como o material e a sua cor pode resolver

---

62 ZUMTHOR, Peter - *Pensar a Arquitetura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2009. p. 28 e 30.

63 RASMUSSEN, Stein Eller - *Arquitetura vivenciada*. São Paulo: Mil Fontes, 1998. p.32

64 ZUMTHOR, Peter - *Pensar a Arquitetura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2009. p.32

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

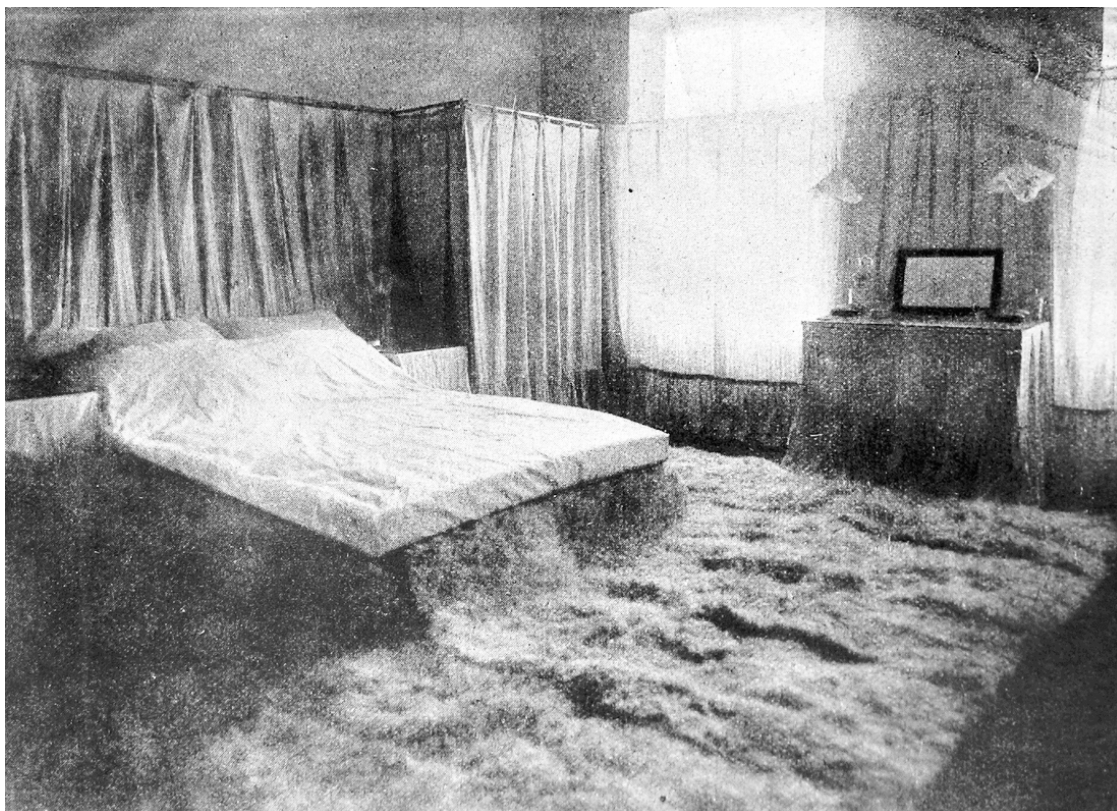


Fig. 86 e 87 - Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996; quarto de Lina Loos, de Adolf Loos, 1903.



a questão da transição entre os espaços e do conforto que pode transmitir. Neste caso o arquiteto utiliza o revestimento do azulejo artesanal amarelo, na cozinha e zonas de serviço do piso inferior, com o intuito de estabelecer a continuidade visual entre os dois pisos e entre o interior e o exterior.<sup>65</sup>

Os materiais criam conforto e caracterizam o espaço. Dois exemplos antagónicos, mas igualmente confortáveis são as Termas de Vals, de Peter Zumthor e o Quarto de Lina Loos, de Adolf Loos. No primeiro caso, a textura da pedra torna-se fundamental até na manipulação dos efeitos de luz, sendo muito interessante o efeito de contraste entre a percepção visual e a temperatura que é transmitida, ao utilizador, pelo piso radiante, aquecido. Em síntese, o material físico transparece, ao olhar, uma sensação de frio e de “desconforto”, mas a sensação térmica, sentida pela pele, manifesta exatamente o contrário, mostrando-se quente e confortável. No extremo oposto, temos o exemplo do Quarto de Lina Loos, que é contruído numa lógica construtiva a partir da necessidade de conceção de um espaço de proteção, utilizando elementos simples, e que possam ter relação próxima com o corpo, como por exemplo o cobertor. Uma vez que está associado ao conforto desde os primitivos, para além de proteger o corpo, também permitia usá-lo sob um pequeno espaço, criando pontos de abrigo.<sup>66</sup> Assim, Loos reveste o quarto com cobertores, com a intenção de trazer um maior conforto, a nível visual e sensitivo.

“Uma arquitetura que toca tanto os nossos olhos quanto o nosso

sentido de movimento e tato, cria um ambiente doméstico e acolhedor.”<sup>67</sup>

Se a arquitetura perder a ligação com a linguagem e o conhecimento do corpo humano, reduzindo-se apenas á visão, então podemos descrevê-la como mero objeto plano, sem alma, imaterial e irreal.<sup>68</sup> A arquitetura deve despertar todos os nossos sentidos.

---

65 SANTOS, André; SILVA, Helena Sofia - *Souto de Moura*. Vila do Conde: QN, 2011. p.51

66 PEREIRA DA SILVA, Ana Sofia – *La intimidad de la casa*. Espanha: Diseño Editorial, 2015. p. 44.

67 Apud PALLASMAA, Juhani – *Os Olhos da Pele, A arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011 p. 66.

68 PALLASMAA, Juhani – *Os Olhos da Pele, A arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011 p. 30.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



Fig. 88 - Casa Hooper II, Marcel Breuer, 1957.

A vivência de um espaço só se torna plena se os sentidos forem estimulados. Um espaço de arquitetura deve enquadrar, deter e reforçar, para que o nosso pensamento, apesar de poder estar fora dele, se sinta confortável através da geometria da arquitetura.

“A geometria do pensamento reflete a geometria do cômodo.”<sup>69</sup>

O pensamento busca a sensação de um lar, sendo esta experiência essencialmente a experiência do calor doméstico. O espaço do conforto e da intimidade pode estar relacionado com o simples espaço do aconchego em volta de uma lareira. Mas, sobretudo, as memórias que são trazidas com o amadurecimento pessoal e as referências que o lugar nos traz à ideia, são fatores essenciais ao procedimento do pensamento de projeto. A memória do conforto influencia o seu conceito para cada indivíduo. Sendo este tema tão subjetivo, é difícil trazer uma definição concreta do mesmo. O conforto existe no sentido do funcionamento das coisas. Um espaço é confortável quando existe uma apropriação fácil e intuitiva pelo utilizador. O projeto da Casa do Minho, tenta ser o reflexo desta ideia. “A tarefa mental essencial da arquitetura é acomodar e integrar.”<sup>70</sup>

## **Tempo | Momento | Surpresa**

“Uma obra de arquitetura não deve tornar-se transparente nos seus motivos utilitários e racionais; deve manter o seu segredo impenetrável e mistério, para que possa provocar a nossa imaginação e as nossas emoções.”<sup>71</sup>

**Juhani Pallasmaa**

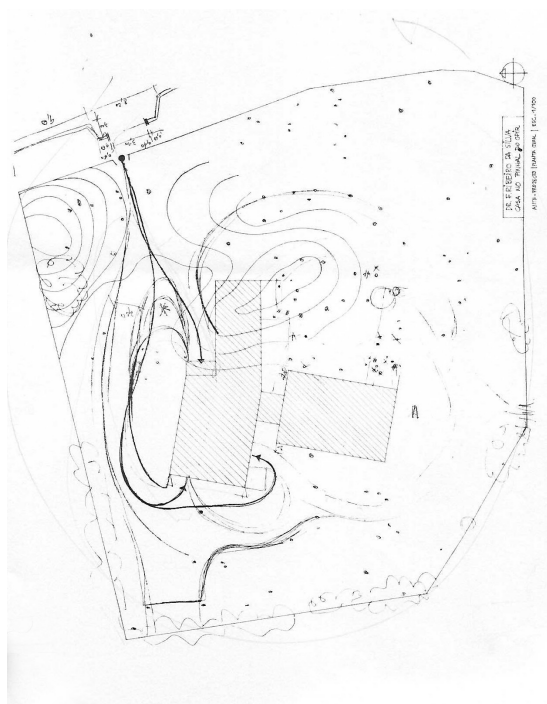
---

69 PALLASMAA, Juhani – *Os Olhos da Pele, A arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011 p. 42.

70 Idem p. 11.

71 Idem p. 59.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



**Fig. 89, 90 e 91** - Tempo na acção de percorrer os espaços. Planta de percursos, Casa de Ofir, Fernando Távora, 1957; Tempo na passagem pelos materiais. Fotografias do antes e depois da FAUP, Álvaro Siza Vieira, 1985.

O lugar está para o espaço, como a memória está para o tempo. Na arquitetura o momento e a surpresa são essenciais para que o utilizador sinta o espaço de forma marcante e não se tornem espaços vulgares e vazios. A alma do edifício transmite-se através dos diferentes momentos, mas também da pele da casa, ou seja, do seu aspeto físico. Podemos comparar a casa e o que a envolve, ao corpo humano, talvez, até, afirmando que as suas complexidades andam lado a lado. Com o passar do tempo, a casa ganha a maturidade que se tornará na sua personalidade.

Com efeito, toda a matéria existe em continuidade temporal. A experiência enriquecedora do tempo é levada aos materiais de construção através da patina do desgaste. A matéria existe na continuidade do tempo, uma vez que o desgaste transporta o tempo para os materiais, a arquitetura é “materialidade e tatilidade, textura e peso, densidade do espaço e da luz materializada”.<sup>72</sup> Logo, o tempo passa a ser entendido como um material de construção. Mas também há o tempo que se toma a experienciar e a descobrir os espaços.

Por outro lado, na Casa do Minho, pretende-se que o espaço coletivo se torne amplo e relacionado, pela visualização dos sucessivos planos, dominando visualmente o espaço envolvente, sem desmerecer o efeito surpresa que a arquitetura deve provocar no utilizador. A surpresa está ligada ao tempo.

O tempo torna-se essencial na ação de percorrer os espaços, ou na passagem do mesmo, e com ele, os espaços modificam-se, com as mudanças de luz e de cor, ao longo do ano e dos anos.

Portanto, torna-se essencial a vivência dos espaços, nos próprios espaços, usando o corpo, para que mais tarde, nos lembremos dessa experiência, que ficou registada no nosso cérebro, através da projeção do nosso corpo.

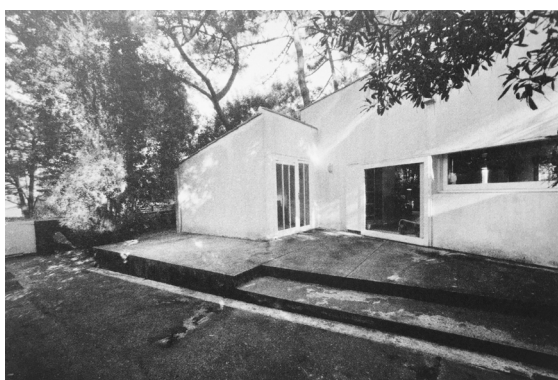
O Homem na arquitetura existe de duas formas distintas, como autor, representado pelo arquiteto e como intérprete, representado pelo utilizador. Ao autor, cabe o conhecimento, já ao intérprete cabe a vivência, exploração e experiência dos espaços.

---

72 PALLASMAA, Juhani – *Os Olhos da Pele, A arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011 p. 36.



**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



**Fig. 92** - Casa Alves Costa, Álvaro Siza Vieira, 1964. Entrada.

“A arquitetura é o nosso principal instrumento de relação com o espaço e o tempo, e para dar uma medida humana a essas dimensões. Ela domestica o espaço ilimitado e o tempo infinito, tornando-o tolerável, habitável e compreensível para a humanidade. Como consequência dessa interdependência entre o espaço e o tempo, a dialética do espaço externo e interno, do físico e do espiritual, do material e do mental, das prioridades inconscientes e conscientes em termos de sentidos e das suas funções e interações relativas, têm um papel essencial na natureza das artes e da arquitetura.”<sup>73</sup>

Em suma, a Arquitetura domina o espaço e permite-nos habitá-lo, mas também domesticar o tempo ao permitir habitá-lo (a este mesmo tempo).

A casa Alves Costa é, mais uma vez, paradigmática de temas-chave de Arquitetura. Não possui uma entrada direta. Há sempre um percurso sinuoso, onde o utilizador se vai apercebendo da casa, vai sentindo-a aos poucos. A entrada é feita por um portão que está no sentido oposto à porta de entrada. Tem que se fazer uma “viragem” para entrar em casa. Entra-se e ainda não se chega à sala. Há um espaço intermédio, que é um percurso tortuoso. Não se sabe o que se vai ver nem aonde vamos ser conduzidos e de repente entra-se na sala, uma sala grande, totalmente aberta. Esta sala é uma verdadeira surpresa.

Assim, a Arquitetura não deve ser um instrumento de funcionalidade, deve manter, sim, os seus segredos e mistérios, no sentido de ativar a nossa imaginação e emoções. Precisa de ser surpreendente e criar sucessivos momentos, encadeados ou de tempo mais longo, que farão, juntamente com o “envelhecimento”, com que o utilizador se sinta na sua plenitude e tenha uma vida rica.

A Casa do Minho procura esta relação surpreendente entre a habitação e o utilizador, que acontecerá de espaço para espaço. Vê-se, deixa de se ver, para voltar a ver, sendo o tempo um fator fundamental neste processo. A descoberta de espaços e sensações que se vão ativando com a descoberta da casa, é um dos modos de entender o tempo. O outro materializa-se com a ambição de que a passagem das estações e dos anos se apodere do betão e da vegetação que o recobre. Pretende-se que a Casa do Minho seja ativada pelo tempo. Ao serviço do Homem. Da vida.

---

73 PALLASMAA, Juhani – *Os Olhos da Pele, A arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011 p. 17.



**Fig. 93** - Perfil geral pelo vale do Rio Minho.



## **PARTE V**

### **O Projeto**

“Projetar significa, em grande parte, compreender e ordenar. Mas a verdadeira substância essencial da arquitetura é originada, no meu entender, pela emoção e inspiração. Os momentos valiosos da inspiração aparecem com o trabalho paciente. Através de uma imagem interior que surge de repente, de um novo traço num desenho, toda a construção do projeto parece alterar-se e reconstituir-se numa fração de segundo. É como se, de repente, sentisse o efeito de uma droga estranha. Tudo o que ainda agora sabia sobre o objeto a criar aparece sob uma clara e nova luz. Sinto então alegria e paixão e algo em mim parece dizer: Quero construir esta casa.”<sup>74</sup>

**Peter Zumthor**

---

74 ZUMTHOR, Peter. **Pensar a Arquitetura**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009. p. 19.



O projeto é feito de avanços e recuos sistemáticos, até se conseguir alcançar o resultado final. A Casa do Minho não fugiu á regra, uma vez que várias soluções foram abandonadas e outras consolidadas. Neste contexto da casa, Álvaro Siza Vieira, escreve um texto que define a essência de todo o processo de construção e das várias influências que a condicionam, mas ao mesmo tempo que lhe dão vida.

“construir uma casa tornou-se uma aventura.

É preciso paciência, coragem e entusiasmo.

O projeto de uma casa surge de formas diferentes.

Subitamente, por vezes, às vezes lenta e penosamente.

Tudo depende da possibilidade e da capacidade de encontrar estímulos – bengala difícil e definitiva do arquiteto.

O projeto de uma casa é quase igual ao de qualquer outra: paredes, janelas, portas e telhado. E contudo é único. Cada elemento se vai transformando, ao relacionar-se.

Em certos momentos, o projeto ganha vida própria. Transforma-se então num animal volúvel, de patas inquietas e de olhos inseguros.

Se as transfigurações não são compreendidas, ou se os seus desejos, são satisfeitos mais do que o essencial, torna-se um monstro. Se tudo quanto nele parece evidente e belo se fixa, torna-se ridículo. Se é demasiadamente contido, deixa de respirar e morre.

O projeto está para o arquiteto como o personagem de um romance está para o autor: ultrapassa-o constantemente. É preciso não o perder. O desenho persegue-o.

Mas o projeto é um personagem com muitos autores e faz-se inteligente apenas quando assim é assumido, é obsessivo e impertinente em caso contrário.

O desenho é o desejo de inteligência.”<sup>75</sup>



**Fig. 94** - Vista para poente. (cota baixa)

Neste sentido, o arquiteto contém todas as ferramentas de trabalho para aplicar no projeto, relacionando todas as condicionantes proporcionadas pelo o sítio e pelo cliente.

“(...) o arquiteto garante a escala e a proporção, a fluidez e a domesticidade, as efetivas relações interior-exterior e um controlo consciente da luz e da sombra dos e nos diversos lugares da casa. (...)”<sup>76</sup>

Na Casa do Minho, explorou-se estes temas que o arquiteto deve garantir na habitação, trazendo para o utilizador uma mistura de diferentes sensações, conforme percorre e vive os espaços que a constituem. Deseja-se que haja uma ligação entre o lugar e a habitação, na “procura de um sentido de cumplicidade com o lugar”<sup>77</sup>.

A localização e a distribuição espacial da habitação, afirma-se nos momentos de contemplação do Rio Minho e dos Montes que a envolvem, isto é, pretende-se a articulação com a paisagem através dos diferentes espaços. Tenciona-se criar um espaço com bastante significado e simbolismo da identidade dos habitantes, através da leitura do sítio e da vontade de responder aos seus desejos.

A sensação que o utilizador tem da sucessão dos espaços, está presente com as diferenças (embora possam ser mínimas), de cotas, com a dimensão de cada espaço e pela organização funcional da casa. Entrar, passar, parar, descer, apoiar, deitar, segurar, são algumas funções que o edifício possibilita ler e fazer.<sup>78</sup>

Logo, valorizar um lugar é também negá-lo, para que quando se conquista e dele se usufrui a sua intensidade saia reforçada. A Casa do Minho assume esta verdade e quer promovê-la. Os espaços encerrados, e só com vista para o céu ou só se adivinha o exterior pela luz que vem de cima, constrói um dispositivo essencial na relação da casa com o lugar.

---

76 SANTOS, Joana - **Raul Lino**. Vila do Conde: QN, 2011. p.56.

77 Apud MILANO, Maria – **José Gigante**. Vila do Conde: QN, 2011. p.64.

78 SANTOS, Joana - **Raul Lino**. Vila do Conde: QN, 2011. p.56.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

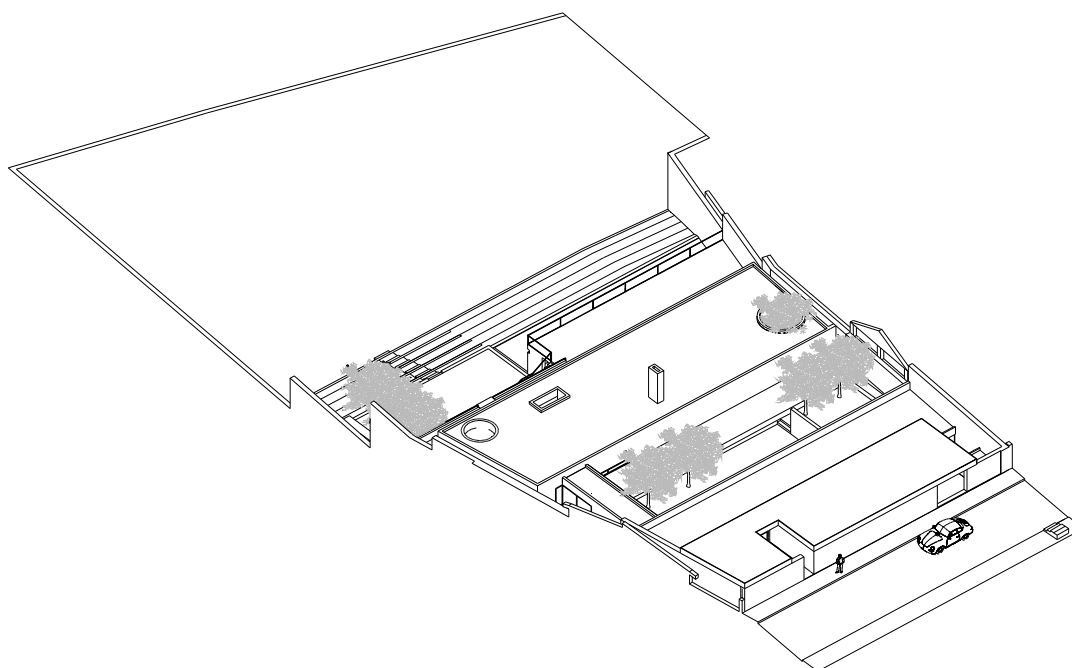
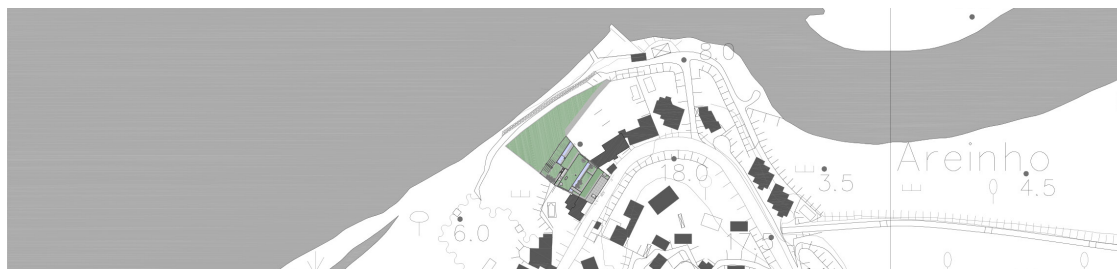


Fig. 95, 96 e 97 - Planta da intervenção com a envolvente; Planta de coberturas sobre ortofotomapa; Axonometria.

## Descrição e apresentação sensorial

A habitação está inserida num lote de terreno com cerca de 3500m<sup>2</sup>, embora, a área de implantação possível seja de 1300m<sup>2</sup>. Esta, desenvolve-se em função da marcante paisagem, orientada a Poente, constituída pelo rio e pelas montanhas. Com base nestes pressupostos, reinventa-se a topografia, para que se consiga cumprir as condicionantes. Assim sendo, o maior desnível existente no terreno é reproduzido uns metros mais á frente, para que se consiga, de certo modo, “desafogar” a área de implantação. Esta tem origem nas características do lote e da topografia.

A casa desenvolve-se em dois níveis, de forma a melhor adaptar-se à sua morfologia, sendo que em termos funcionais o primeiro serve apenas de ponto de chegada, conferindo o acesso à cota interior.

Chega-se pela cota mais alta do terreno, da rua, nada se consegue ver, apenas um muro de pedra granítica, conferindo a ligação com os materiais das construções envolventes, que é tão característico da zona Norte do país. Existem duas possíveis entradas, uma pedonal outra para veículos.

Quando se entra de carro o confronto com a paisagem é imediato, contrariamente à entrada pedonal, onde a paisagem se sente apenas através de um pequeno rasgo, que surge na continuidade da porta que liga à zona de estacionamento. Esta encontra-se coberta, parcialmente, por uma pala que acompanha o volume da entrada pedonal. Sente-se a paisagem, como também a habitação no seu contexto geral.

Entra-se, agora pela porta de entrada pedonal, consegue-se visualizar a totalidade do espaço interior, embora ainda estejamos no exterior. Esta pequena antecâmara serve para criar uma maior distância relativamente á rua. Cria-se um espaço de tempo entre as duas portas que fazem a transição interior-exterior. A continuidade entre os espaços e esta ideia de diferentes camadas, que revelam a zona sem a expor na sua totalidade, são noções que serão aplicadas em diferentes zonas da casa.

A entrada pedonal é o ponto de chegada, mas contém em si a intenção de filtrar e revelar apenas o suficiente, para que se vá descobrindo a casa e a paisagem. Sente-se a presença da luz no espaço, que abunda, compensando a “falta” de horizonte. Aqui a



**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

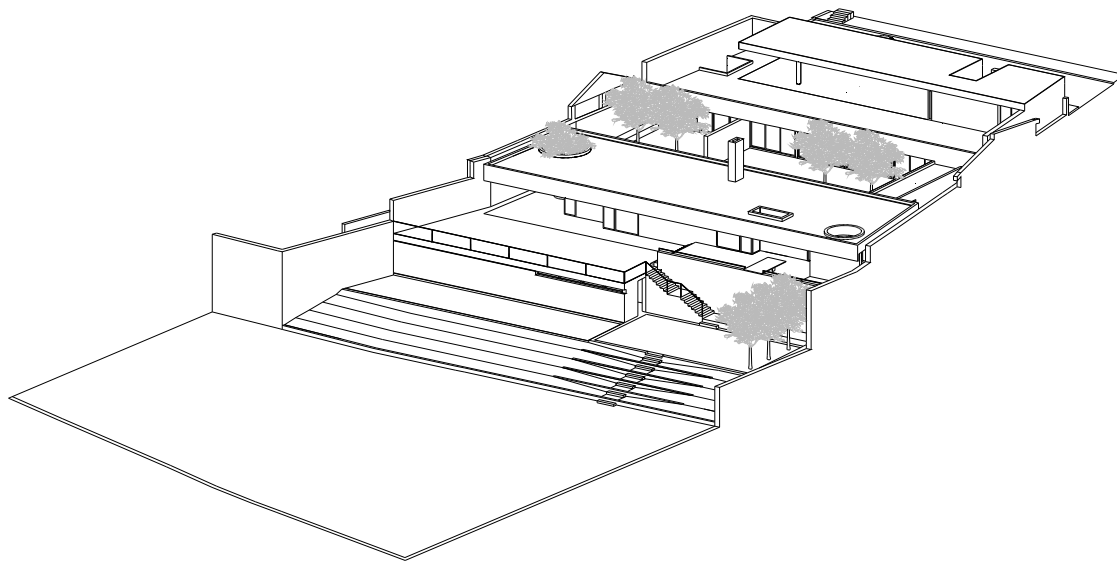


Fig. 98 e 99 - Axonometria; Enquadramento geral visto da cota baixa.



ideia é que o utilizador chegue e se “prepare” para a experiência sensorial que vai ter ao percorrer os diferentes espaços.

Entramos. O plano vertical paralelo á porta de entrada indica-nos o caminho a seguir. Contornamos, a zona de entrada e chegamos ao primeiro ponto de ligação vertical. Estende-se em torno de um móvel de arrumação. Descemos. O elemento vertical vai, não só garantir a sua função, como também irá revelar um pouco mais da paisagem, e no seu término, revelar uma parte importante da casa, do ponto de vista da ligação entre as zonas maiores (social e íntima).

Chega-se á cota intermédia do terreno, onde o espaço de habitar se desenvolve, com pequenos apontamentos de alterações de cota, para ajudar a perceber e a definir os diferentes espaços. O espaço adjacente ás escadas serve de “rótula” de distribuição entre as diferentes zonas, assumindo extrema importância. Sente-se a luz em penumbra, embora a maior densidade se encontre no caminho da zona social. Consequentemente, no final das escadas o utilizador é incentivado, pela luz, a seguir em frente. Esta ideia surge para criar um ponto de separação entre as diferentes zonas.

Contornando o elemento vertical, a escada, o utilizador depara-se com um espaço de arrumação, que antecede o corredor dos quartos. Este tem um carácter bastante marcado, não só pelo seu ritmo de cheios e vazios, como também pela sua penumbra, criada pelo único ponto de luz ao fundo do corredor, que lhe trás algum conforto e acolhimento e deixa adivinhar a passagem do tempo no exterior.

Desenvolvem-se os cinco quartos. Os dois primeiros usufruem de uma casa de banho exterior, os três seguintes, são suites, sendo que o último do corredor é pensado de forma distinta. Trata-se de um quarto com mais valências do que os restantes, para se destacar e ser o quarto principal, que será ocupado pelos donos da casa. É um quarto que dispõe de uma casa de banho de maior dimensão, de um quarto de vestir, de um pequeno pátio junto á entrada do quarto e ao corredor. Este pátio confere a iluminação do espaço e a privacidade imprescindível, conseguindo-se que o pátio do lado oposto também tenha as mesmas características, embora com maior dimensão. Consegue-se assim uma

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



**Fig. 100 e 101** - Zona do pátio dos quartos; Enquadramento da zona que sucede a cozinha e a sala de jantar.

boa iluminação, ainda que controlada, e um alcance visual que acaba por ampliar a área total do quarto.

Todos os quartos estão voltados a poente. A luz da manhã é garantida através do reflexo da luz solar na parede que sucede a vista dos quartos e é ampliada pelo efeito de reflexão reforçado pelo tanque de água aí localizado. O pátio onde se insere, encerrado, serve única e exclusivamente para usufruto dos quartos. Trata-se de um pátio de contemplação todo ajardinado com alguns apontamentos arbóreos, e no comprimento total, junto da parede oposta aos quartos dispõe-se um espelho de água com o objetivo, como se disse, de lhe trazer maior qualidade espacial, com reforço da iluminação e um ambiente singular. Deseja-se que o habitante sinta o som da água, a transição da luz e da sombra pelo reflexo solar na superfície da mesma, o som da vegetação e o seu cheiro. Na zona que sucede o quarto distinto, o plano vertical que o separa dos restantes, estende-se para o exterior de forma a conseguir maior privacidade. É também elevado, dois degraus, relativamente ao restante pátio. Estas particularidades reforçam-lhe o carácter distinto e a diversidade espacial da casa.

Voltando à “rótula” de distribuição, seguimos em frente, no sentido da zona social. Sente-se a luz de dois pontos, do vão que leva o nosso olhar para um pequeno jardim, resultante do limite do terreno e da passagem. Esta passagem caracteriza-se pela diferença de cota (dois degraus), pela da largura, e pelo vão lateral que amplia o nosso olhar e o espaço, para o pátio exterior que tem as mesmas particularidades dos quartos, sendo que, através do enaltecimento do papel da água, da vegetação e da luz que vem de cima, gera ampliação espacial. Portanto, quando se percorre o corredor sente-se a luz a surgir aos poucos, até conseguirmos contemplar o pátio e percecionar o local de distribuição da zona social. Este articula a casa de banho de serviço, a cozinha e a passagem para a sala de jantar.

O corpo da zona social prolonga a cobertura, que termina num plano vertical que sombreia e que proporciona intimidade e conforto aos espaços interiores. Consegue, também, que a linha do horizonte ganhe mais força. Objetiva-se que a entrada de luz



**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



Fig. 102 e 103 - Enquadramento do corpo da zona social; Atmosfera da sala de jantar, estar e polivalente.

seja controlada e ténue, criando diferentes ambientes em cada espaço. É a partir deste momento que a paisagem vai surgindo nos diferentes vãos de forma a captar os distintos momentos, consoante os espaços.

Na cozinha existe um vão que permite a passagem para o exterior, junto á zona de refeições rápidas, e um outro, que se estende horizontalmente, iluminando a bancada. Para este, abriu-se a cobertura, junto ao lado de fora, para que a luz incida em maior quantidade sobre a bancada de serviço. É aqui o terceiro momento de contacto com a paisagem, ainda que comedido. Junto dos moveis da cozinha, há uma ligação direta para a zona de refeições.

A lavandaria encontra-se ligada com a cozinha (ainda que seja uma solução que será trabalhada de futuro para conseguir uma melhor integração deste elemento na habitação). Usufrui de espaço exterior de secagem, e é bastante iluminado e ventilado, tanto pela separação da fachada e cobertura dos limites laterais, como pelo círculo que se abre na cobertura. O espaço interior é bastante exposto, uma vez que os vãos usufruem, na totalidade do pé direito. É um espaço que acaba por estar encerrado em si mesmo. Não vê nem se deixa ver. É um espaço introvertido, mas não desvalorizado. A qualidade do seu ambiente foi também tratada, quer pela luz que o invade a partir de cima, quer pela cortina verde que cobre o muro que lhe serve de limite.

O espaço de passagem para a sala de jantar assume um carácter distinto. É o único ponto de ligação, ainda que comedido, com o pátio dos quartos. Não se pretende fragilizar a privacidade da zona íntima, mas intensificar a zona de passagem. Abre-se um vão de pequena dimensão, a 0,70 m do chão, junto á linha da água, com o objetivo que os reflexos tragam um ambiente distinto a esta passagem, ampliando-a e conseguindo fazer a transição, de modo singular, com um apelo distinto dos sentidos. Deseja-se que a penumbra desta zona de passagem, só seja quebrada pelos reflexos que a água faz, que ultrapassam a parede ao nível do espelho de água.

Chegamos á zona de refeições, abre-se para a sala de estar, estando elevada três degraus. Constitui-se como uma área aberta, podendo relacionar-se e dando continuidade



**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



**Fig. 104 e 105** - Atmosfera da zona que sucede a sala polivalente; Relação entre o piso intermédio e a zona da piscina.

aos sucessivos espaços. Está conectada, diretamente, com a cozinha. Do lado oposto, a separar as zonas, está a lareira, elemento vertical, e um banco corrido fixo, introduzido na diferença de alturas.

A sala de estar, está localizada logo de seguida, com ligação á sala multifuncional que é separada pela estante e por duas portas, que têm como objetivo ligar estes espaços, conseguindo separá-los assim que desejado. O vão encontra-se posicionado no lado oposto ao da sala de jantar, contudo apresenta o mesmo princípio. São vãos com altura mínima de passagem, enquadrados no plano vertical de forma a pontuar a paisagem.

A sala multifuncional abre-se para o exterior, no sentido do limite lateral e não da paisagem como os restantes espaços. Usufrui de um pátio coberto, interrompido com uma abertura circular, que dá espaço para o crescimento de uma árvore. Esta intenção vem, de certo modo, simbolizar a árvore existente naquele local, que não foi possível manter por questões fitossanitárias. De um modo geral, trabalhou-se as zonas de penumbra e luz das salas, como um ambiente procurado.

As zonas exteriores que sucedem toda a parte social estão pensadas para usufruto do utilizador, consoante a função dos espaços interiores. A cozinha e a sala de refeições estendem-se para o exterior na cota alta, onde se pode encontrar uma mesa fixa que se apoia no muro de proteção, trazendo ao espaço um maior conforto e a possibilidade de o estender para o exterior em dias de veraneio. É complementado por uma pequena horta, junto ao plano vertical que separa a lavandaria do espaço exterior, de plantas aromáticas para uso da prática da cozinha, que traz ao espaço o cheiro característico deste tipo de vegetação.

A pala traz sempre a possibilidade de estar resguardado na zona de sombra, onde se pode contemplar calmamente a paisagem que só então se consegue absorver. É apenas no exterior que esse momento se realiza. O contacto visual com a paisagem.

Na cota das salas de estar, encontra-se um jardim voltado a poente, com o dobro da dimensão do da zona de refeições, onde se pode prolongar a vivência do interior. Na zona central do jardim, surge uma escada que faz a ligação à cota da piscina, e consecutivamente à escada que leva à cota mais baixa do terreno. Consegue-se, portanto, um afas-



**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



Fig. 106 e 107 - Enquadramento da zona da piscina; Atmosfera criada no pátio dos quartos, despertar dos sentidos.

tamento relativamente a estas duas zonas de estar exterior: a piscina relacionada com mais movimentação e ruído, na cota baixa; na alta, um jardim que usufrui igualmente da vista panorâmica, mas que consegue que a vivência seja menos movimentada e ruidosa.

A piscina encontra-se junto ao muro de contenção localizado na cota superior. Esta zona usufrui também de um pequeno balneário de apoio (bem como uma sala de máquinas e arrumação). O limite da piscina permite que os utilizadores consigam desfrutar de uma panorâmica para a paisagem. Nesse limite inicia-se o declive, que surge como forma de representar o anteriormente existente. Serve como passagem entre cotas, bem como de contemplação. O desenho da escada está pensado para que o utilizador consiga sentar-se a observar a paisagem.

A materialidade da Casa do Minho é de betão (à vista) texturado, realizada com inertes locais (pedra granítica). A textura tem uma dimensão háptica muito forte para o contato da mão, contrastando com a carpintaria de madeira (de carvalho), que visualmente transmite ao habitante uma sensação quente, e o toque torna-se mais suave. A criar contraste com a textura do betão está a vegetação que toma conta dos muros, trazendo aos espaços uma sensação de leveza visual, enriquecendo-os.

Por conseguinte, deseja-se que o tato seja desperto através dos materiais utilizados e através dos elementos naturais exteriores. Aspira-se que o som, não só da natureza circundante, como também de cada detalhe da casa, se sinta e complete a construção da habitação e da sua envolvente, na mente do utilizador. Que o cheiro do sítio e das plantas seja uma referência para a memória do lugar. Que o paladar seja o último dos sentidos a por em prática, já quando todos os outros estiverem despertos e absorvidos por terem sido estimulados.

Em síntese, o utilizador na Casa do Minho usufrui de uma experiência do habitar, onde põe todos os sentidos à prova. Pretende-se que vá absorvendo visualmente a paisagem ao longo dos espaços, que a luz seja indicadora de direções e que a escala da habitação se demonstre confortável e seja reveladora de intimidade. Efetivamente, a procura de todo o conjunto de sensações, que têm vindo a ser exploradas, tem como principal objetivo, intensificar as características espaciais.



## **PARTE VI**

### **Conclusão**

“Quando tento identificar as intenções estéticas que me motivam no processo de projetar edifícios, percebo que os meus pensamentos variam entre temas como o lugar, material, energia, presença, recolha, memórias, imagens, densidade, atmosfera, permanência e concentração. Durante o decurso do meu trabalho, tento dar a estes termos abstratos os conteúdos concretos relevantes para o contexto real, tendo em mente que o que eu estou a projetar será parte de um lugar, parte da sua envolvente, que será usado e amado, descoberto e legado, cedido, abandonado e, talvez até odiado - em suma, que seja vivido, no sentido mais amplo.”<sup>79</sup>

**Peter Zumthor**

---

79 ZUMTHOR, Peter - **Peter Zumthor Works : Buildings and Projects 1979-1997**. Baden: Lars MÜller Publishers, 1998. p. 7



É chegado o momento de fazer uma retrospectiva do percurso deste trabalho. A sua realização enquadrou-se no contexto de fase final da formação académica, possibilitando uma aproximação à realidade profissional. As preocupações iniciais tornaram-se pertinentes para o desenvolvimento desta reflexão, traduzindo-se em respostas fundamentais para as particularidades do tema.

Com o desenvolvimento do processo, entra-se em contacto, pela primeira vez, com um cliente real, e, conseqüentemente, com todas as condicionantes associadas. O processo desenvolve-se na relação entre os desejos do “arquiteto”, do cliente e as condicionantes, sendo que, é o “arquiteto” que tem a obrigação de compreender e ordenar todas as premissas, de modo a resolvê-las no projeto.

Aliando convicções pessoais, influências e o conhecimento teórico-prático, constrói uma ideia, surge a criação, transmitindo-se para o papel uma atitude, uma forma de ver e fazer arquitetura. Os objetivos propostos tornam-se cumpridos quando o “arquiteto” consegue dar resposta aos problemas e questões suscitadas e materializar as ideias (os conceitos) que o motivam. Aí surge a casa. Um ambiente. Um mundo dentro do mundo, que recria o mundo para conforto do Homem.

“A relação do homem para com os lugares e através dos lugares  
para com os espaços baseia-se no habitar.”<sup>80</sup>

O tema da habitação implica uma série de conceitos que são essenciais à Arquitetura, na relação do lugar com o utilizador. Inicialmente, os conceitos definidos para a presente reflexão, eram os elementares no que toca a este tema, mas, com o avançar do projeto, outros se impuseram. Os temas que vieram a merecer destaque e os quais estiveram subjacentes ao pensamento que posteriormente deu existência ao projeto, estão intrinsecamente ligados à vivência do Homem no espaço. O pensamento na Casa do Minho, incidiu sobre o espaço físico, mas também, em conseguir transcendê-lo, alcançando a relação sentimental com os diferentes espaços para que se fixem na memória do habitante, à medida que vai percorrendo a habitação.

---

80 Apud ZUMTHOR, Peter. *Pensar a Arquitetura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2009. p. 31.





“Fisicamente, habitamos um espaço, mas sentimentalmente, somos habitados por uma memória.”

Conclui-se assim, adaptando o que escreve Peter Zumthor, na citação que precede estas páginas. Os temas que motivaram o processo de projetar este edifício variaram entre o conforto, a privacidade, a paisagem, o tempo, o momento, a surpresa, o lugar, a materialidade, os limites, a proporção e a escala. Pretendeu-se dar a estes temas abstratos, capacidade concreta, para que formem um lugar. Lugar esse que será usado, que será vivido, que será sentido.

Conforme o projeto se foi desenvolvendo, existiu a necessidade de aproximação e afastamento do desenho, conseguindo-se, nas diferentes fases, ter uma atitude crítica e desejavelmente rigorosa. Este método de trabalho contribuiu para a reflexão e a avaliação do projeto à medida que as fases surgiam, reestruturando-o, na procura do resultado final.

A Arquitetura é muito mais do que apenas função. Arquitetura não existe a partir de uma resposta técnica, mas sim de um pensamento artístico que a envolve e se une ao Homem, resultando num espaço para ser vivido. Procura-se, então, através de elementos essenciais na Arquitetura, como a luz, as sombras, a cor, a água e os materiais, uma relação pura entre a arte, o espaço poético e a exploração dos sentidos do Homem.<sup>81</sup> Foi essa a via procurada neste trabalho.

Este trabalho possibilitou a reflexão sobre o tema da habitação unifamiliar, que embora trate de questões universais da Arquitetura e, segundo a proposta aqui desenvolvida, até de uma resposta que aponta possibilidades de saída num contexto onde é difícil garantir privacidade e intimidade, entende-se que a resposta dada não é generalizável, as circunstâncias de partida são irrepetíveis. Mas os princípios são generalizáveis. Essa é a grande conquista pessoal. E se algum contributo este trabalho der a outrem, a reflexão em torno destes princípios, é o que se pode transmitir com a leitura deste trabalho a quem dele se aproprie.

---

81 GUARDADO, Mariana Marques - Steven Holl, A poética do concreto, Dissertação de Mestrado em Arquitetura, apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. p. 115



Em síntese, a Dissertação de Mestrado revelou-se uma experiência bastante enriquecedora, através da procura e interiorização de novos conhecimentos, como também contribuiu para a valorização e desenvolvimento a nível pessoal. Pretende-se que o trabalho desenvolvido tenha continuidade num futuro próximo, com noção de que um projeto de arquitetura é composto por diferentes fases.

[É um processo contínuo], “(...) gerando, assim, lugares habitáveis onde se constrói a relação com os diversos mundos e se apre(e)nde a dar sentido à existência humana.”<sup>82</sup>

Esta fase foi tão-só a construção e reflexão de uma ideia e o seu registo. Ambiciona-se a sua posterior concretização.

---

82 GUARDADO, Mariana Marques - **Steven Holl**, A poética do concreto, Dissertação de Mestrado em Arquitetura, apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. p. 116

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

## **PARTE VI**

### **Referências Bibliográficas**



## Bibliografia

- A.A.V.V. - **Arquitetura Popular em Portugal**. 2º ed. Lisboa: Edição da Associação dos Arquitetos Portugueses, 1980.
- ÁBALOS, Iñaki - **A Boa-Vida**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.
- ADRIÃO, José; CARVALHO, Ricardo – **Entrevista a Eduardo Souto Moura**. Lisboa, 24 Outubro de 2006, in *Jornal Arquitetos*, 225.
- COBBERS, Arnt – **Breuer**. Colónia: Taschen, 2009.
- CREMASCOLI, Roberto; MILANO, Maria - **Eduardo Souto de Moura**. Gosto de Chegar a Casa. A Casa de Quem Faz as Casas. Lisboa, Cardume Editores, Lda, 2016.
- CREMASCOLI, Roberto; MILANO, Maria – **Sergio Fernandez**. Um Espaço de Liberdade. A Casa de Quem Faz as Casas. Lisboa, Cardume Editores, Lda, 2016.
- DAVEAU, Suzanne; MATTOSOS, José - **Portugal: O Sabor da Terra**: um retrato histórico e geográfico por regiões. Maia: Circulo de leitores, 2013.
- ESPOSITO, António; LEONI, Giovani - **Eduardo Souto de Moura**. Barcelona: GG, 2003.
- GALHANO, Fernando; OLIVEIRA, Ernesto Veiga de - **Arquitetura Tradicional Portuguesa**. Lisboa: Dom Quixote, 2003.
- HALL, Edward T. - **A Dimensão Oculta**. Lisboa: Relógio D'água.
- HOLL, Steven – **Questions of perception**: phenomenology of architecture. San Francisco: William Stout Publishers, 2006.
- MILANO, Maria – **José Gigante**. Vila do Conde: QN, 2011.
- MOURA, Eduardo Souto de - **Vinte e Duas Casas**, VI bienal internacional de arquitetura de São Paulo. Lisboa: Ordem dos Arquitetos, 2006.
- MURO, Carles – **Álvaro Siza: Escritos**. Barcelona: U.P.C., 1994.
- NETO, Pedro Leão [coord]; SILVA, Olívia Marques da 2013 - **Topografias a Norte**. Porto: Scopio Editorial Line, 2003.
- PALLASMAA, Juhani – **Habitar**. Barcelona: Editoria, Gustavo Gili, 2016.



PALLASMAA, Juhani – **Os Olhos da Pele, A arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PEREIRA DA SILVA, Ana Sofia – **La intimidad de la casa**. Espanha: Diseño Editorial, 2015.

RASMUSSEN, Stein Eller - **Arquitetura vivenciada**. São Paulo: Mil Fontes, 1998.

RODRIGUES, António Jacinto - **Álvaro Siza / Obra e Método**. Porto: Civilização, 1992.

ROSSI, Aldo – **A Arquitetura da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 2016.

ROTH, Leland M. - **Entender a arquitetura**, seus elementos, história e significado. Brasil: GG, 2016.

SANTOS, André; SILVA, Helena Sofia - **Souto de Moura**. Vila do Conde: QN, 2011.

SANTOS, Joana - **Raul Lino**. Vila do Conde: QN, 2011.

TAUT, Bruno - **Una Casa para Habitar**. Pamplona: T SEIS, 2015.

ZUMTHOR, Peter – **Atmosferas**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

ZUMTHOR, Peter - **Pensar a Arquitetura**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

ZUMTHOR, Peter - **Peter Zumthor Works : Buildings and Projects 1979-1997**. Baden: Lars Müller Publishers, 1998.

## Publicações académicas

FERNANDES, Laetitia Mendes - **Eduardo Souto Moura, Arquitetura e Paisagem**, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, apresentado à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

GONÇALVES, José Manuel – Peter Zumthor, **Um Estado de Graça Entre a Tectónica e a Poesia**. Prova Final de Licenciatura em Arquitetura, apresentado à Faculdade de Ciências e Tecnologias da UC.

GUARDADO, Mariana Marques - **Steven Holl**, A poética do concreto, Dissertação de Mestrado em Arquitetura, apresentado à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

MARTINS, Marta Sofia Vara - **Pensar em Arquitetura através da Arquitetura: perceção do homem no [e do] espaço arquitetónico**; Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, apresentado à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

## web

Freguesia de Gondarém - **[www.jf-gondarem.pt](http://www.jf-gondarem.pt)**

Entrevista a Juan Domingo - **[www.publico.pt](http://www.publico.pt)**

Em Conversa com John Pawson - **[www.barrocal.pt](http://www.barrocal.pt)**

## Publicações periódicas

Eduardo Souto de Moura obra recente, **2G**, vol. 1, Nº 5 (1998).

Publicado em **Diário da República**, 2ª série – Nº126 – 2 de Julho de 2012.

## **Créditos de imagens**

**Fig.1** The Woven Child, Louise Bourgeois, 2002.

PEREIRA DA SILVA, Ana Sofia – La intimidad de la casa. Espanha: Diseño Editorial, 2015. P.37.

**Fig.2** Diagram, Aldo Van Eyck. (Architectural Design, 12, 1962, p.601)

RAMO, Rui Jorge Garcia – A casa unifamiliar Burguesa na Arquitetura Portuguesa. Porto: FAUP, 2004.  
Dissertação de Doutoramento.

**Fig.3 e 4** Fotografia da casa de férias dos Clientes; Ortofotomapa: Terreno de estudo e Casa de férias dos clientes.

Gondarém, Julho, 2017; Imagem obtida a partir da plataforma Google Maps.

**Fig.5** Chegada ao terreno a nascente.

Gondarém, Março, 2016.

**Fig.6** Chegada ao terreno a poente.

Gondarém, Janeiro, 2016.

**Fig.7** - Ortofotomapas da zona do Minho.

Imagem obtida a partir da plataforma Google Maps.

**Fig.8** Típica Casa Minhota

[www.folclore-online.com/porta/arquitetura\\_popular/planta-casa-soajo-minho.JPG](http://www.folclore-online.com/porta/arquitetura_popular/planta-casa-soajo-minho.JPG)

**Fig. 9, 10, 11** - Ortofotomapas da aproximação ao Lugar de Gondarém.

Imagens obtidas a partir da plataforma Google Maps.

**Fig. 12, 13, 14** - Ortofotomapas da aproximação ao Terreno de estudo.

Imagens obtidas a partir da plataforma Google Maps.

**Fig. 15** - Vista do terreno, Poente-Nascente.

Gondarém, Janeiro, 2016.

**Fig. 16** - Vista do terreno, Nascente-Poente.

Gondarém, Janeiro, 2016.

**Fig. 17** - Planta de Condicionantes

[www.cm-vncerveira.pt](http://www.cm-vncerveira.pt)

**Fig. 18 e 19** - Zona dedicada a fins agrícolas (cota baixa do terreno); Zona dedicada ao acolhimento de

animais (cota alta do terreno).

Gondarém, Agosto, 2016; Gondarém, Janeiro, 2016.

**Fig. 20** - Tabela estimativa das áreas do programa.

**Fig. 21, 22, 23** - Entrada a Nascente; primeiros esquiços do terreno, a nascente e poente; Experiência em modelo 3D do terreno.

Gondarém, Janeiro, 2016; Imagem da folha de processo de trabalho.

**Fig. 24** - Vista do caminho da “Casa Mãe” para o Terreno.

Gondarém, Julho, 2017.

**Fig. 25** - Vista de Nascente para Poente (cota alta).

Gondarém, Janeiro, 2016.

**Fig. 26** - Vista do final de tarde, no extremo do terreno (cota baixa)

Gondarém, Janeiro, 2016.

**Fig. 27** - Primeiro contato com a planta existente, geometria do Terreno.

Imagem do processo de trabalho.

**Fig. 28** - Esquema geral da evolução do Terreno.

Imagem do processo de trabalho.

**Fig. 29 e 30** - Esquissos do início de duas das fases do processo.

Imagem do processo de trabalho.

**Fig. 31 e 32** - Esquissos do início de duas das fases do processo.

Imagem do processo de trabalho.

**Fig. 33** - Primeiros esquissos.

Imagem do processo de trabalho.

**Fig. 34** - Esquisso das primeiras intenções de implantação e forma.

Imagem do processo de trabalho.

**Fig. 35 e 36** - Planta piso 0 e Planta piso -1.

Desenhos técnicos da primeira fase.

**Fig. 37, 38 e 39** - Perfil AA', Perfil BB' e fotografia da maquete de estudo.

Desenhos técnicos da primeira fase.

**Fig. 40 e 41** - Planta piso 0 e Planta piso -1.

Desenhos técnicos da segunda fase.

**Fig. 42 e 43** - Fotografias da maquete de estudo.

Imagem do processo de trabalho.

**Fig. 44 e 45** - Planta piso 0 e Planta piso -1.

Desenhos técnicos da terceira fase.

**Fig. 46 e 47** - Estudo dos espaços exteriores; esboços do terceiro momento.

Imagem do processo de trabalho.

**Fig. 48, 49 e 50** - Fotografias da maquete de estudo.

Imagem do processo de trabalho.

**Fig. 51** - Plantas sobrepostas, piso 0 e piso -1.

Desenhos técnicos da quarta fase.

**Fig. 52 e 53** - Estudo das áreas de circulação, Esboços do pátio dos quartos.

Imagem do processo de trabalho.

**Fig. 54 e 55** - Fotografias da maquete de estudo.

Imagem do processo de trabalho.

**Fig. 56 e 57** - Planta piso 0 e planta piso -1.

Desenhos técnicos da quinta fase.

**Fig. 58 e 59** - Perfil AA', Perfil BB' e esboços da escada de chegada ao piso inferior.

Desenhos técnicos da quinta fase; Imagem do processo de trabalho.

**Fig. 60 e 61** - Fotografias da maquete de estudo.

Imagem do processo de trabalho.

**Fig. 62** - Casa do Infinito, Alberto Campo Baeza, 2014.

Fotografia de Javier Callejas Sevilla.

[www.archdaily.com/529098/the-house-of-the-infinite-alberto-campo-baeza](http://www.archdaily.com/529098/the-house-of-the-infinite-alberto-campo-baeza)

**Fig. 63, 64 e 65**- Casa em Llabià, Eduardo Souto Moura, 1996;

Fotografia de Luis Ferreira Alves

TC Cuadernos, Eduardo Souto Moura, Arquitetura 2005-2016, Habitar, N° 124-**125**.

Casa Noyes, Eliot Noyes, 1955;

Pesquisa Google, imagens retiradas do Pinterest.

Casa Hooper II, Marcel Breuer, 1957

Pesquisa Google, imagens retiradas do Pinterest.

**Fig. 66** - Casa La Ricarda, Antonio Bonet, 1949.

Pesquisa Google, imagens retiradas do Pinterest.

**Fig. 67** - Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.

Pesquisa Google, imagens retiradas do Pinterest.

**Fig. 68** - Fotografia maquete de estudo, penúltima proposta.

Imagem do processo de trabalho.

**Fig. 69** - Fotografia maquete de estudo, penúltima proposta.

Imagem do processo de trabalho.

**Fig. 70** - Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.

Fotografia de Fernando Guerra.

[www.ultimasreportagens.com/ultimas.php](http://www.ultimasreportagens.com/ultimas.php)

**Fig. 71** - Vista da cota baixa do terreno.

Gondarém, Janeiro, 2016.

**Fig. 72** - Piscina das Marés, Alvaro Siza Vieira. Sobre a surpresa na arquitetura.

Fotografia de Fernando Guerra.

[www.ultimasreportagens.com/ultimas.php](http://www.ultimasreportagens.com/ultimas.php)

**Fig. 73** - Casa de Férias em Ofir, Fernando Távora, 1957.

[www.acidadebranca.tumblr.com/post/108250573180/1957-1958-fernando-tavora-casa-de-férias-em](http://www.acidadebranca.tumblr.com/post/108250573180/1957-1958-fernando-tavora-casa-de-férias-em)

**Fig. 74** - Desenho sobre fotografia. Vista Nascente.

Imagem do processo de trabalho.

**Fig. 75** - Casa Pawson, John Pawson, 2016.

[www.simplicitylove.com/2013/12/sao-lourenco-do-barrocal-portugal.html](http://www.simplicitylove.com/2013/12/sao-lourenco-do-barrocal-portugal.html)

**Fig. 76 e 77** – Escadas do interior do Museu de Serralves, Álvaro Siza Vieira, 1996.

Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Fotos Filipe Braga, Fundação de Serralves, Porto.

**Fig. 78 e 79** - Museu de Serralves, Álvaro Siza Vieira, 1996; Casa de Serralves, Charles Siclis e José Marques da Silva, (1889-1944).

Fotografias de autor.

**Fig. 80** - Diagrama - estudo de privacidade da Casa do Minho

Imagem do processo de trabalho.

**Fig. 81** - Casa Alves Costa, Álvaro Siza Vieira, 1964.

CREMASCOLI, Roberto; MILANO, Maria – Alexandre Alves Costa. Os Verdes Anos. A Casa de Quem Faz as Casas. Lisboa, Cardume Editores, Lda, 2016.

**Fig. 82** - Casa Alves Costa, Álvaro Siza Vieira, 1964.

CREMASCOLI, Roberto; MILANO, Maria – Alexandre Alves Costa. Os Verdes Anos. A Casa de Quem Faz as Casas. Lisboa, Cardume Editores, Lda, 2016.

**Fig. 83** - Vista frontal para a paisagem. (cota intermédia do Terreno)

Gondarém, Janeiro, 2016.

**Fig. 84** - Ambiente criado na casa de férias dos clientes. (sala de jantar e de estar)

Gondarém, Julho, 2016.

**Fig. 85** - Casa em Cascais, Eduardo Souto de Moura, 1994.

[www.divisare.com/projects/308095-eduardo-souto-de-moura-luis-ferreira-alves-house-in-cascais](http://www.divisare.com/projects/308095-eduardo-souto-de-moura-luis-ferreira-alves-house-in-cascais)

**Fig. 86 e 87** - Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996; Quarto de Lina Loos, de Adolf Loos, 1903.

Fotografia de Fernando Guerra.

[www.ultimasreportagens.com/ultimas.php](http://www.ultimasreportagens.com/ultimas.php)

[http://www.daniellaondesign.com/uploads/7/3/9/7/7397659/2378019\\_orig.gif](http://www.daniellaondesign.com/uploads/7/3/9/7/7397659/2378019_orig.gif)

**Fig. 88** - Casa Hooper II, Marcel Breuer, 1957.

COBBERS, Arnt – Breuer. Colónia: Taschen, 2009.

**Fig. 89, 90 e 91** - Tempo na acção de percorrer os espaços. Planta de percursos, Casa de Ofir, Fernando Távora, 1957; Tempo na passagem pelos materiais. Fotografias do antes e depois da FAUP, Álvaro Siza Vieira, 1985.

TÁVORA, Fernando - Casa de férias em Ofir: 1957-1958. Lisboa : Blau, 1992.

FAUP, Setembro, 2016.

**Fig. 92** - Casa Alves Costa, Álvaro Siza Vieira, 1964. Entrada.

CREMASCOLI, Roberto; MILANO, Maria – Alexandre Alves Costa. Os Verdes Anos. A Casa de Quem Faz as Casas. Lisboa, Cardume Editores, Lda, 2016.

**Fig. 93** - Perfil geral pelo vale do Rio Minho.

**Fig. 94** - Vista para poente. (cota baixa)



**Fig. 95, 96 e 97** - Planta da intervenção com a envolvente; Planta de coberturas sobre ortofotomapa; Axonometria.

**Fig. 98 e 99** - Axonometria; Enquadramento geral visto da cota baixa.

**Fig. 100 e 101** - Zona do pátio dos quartos; Enquadramento da zona que sucede a cozinha e a sala de jantar.

**Fig. 102 e 103** - Enquadramento do corpo da zona social; Atmosfera da zona social, sala de jantar, estar e polivalente.

**Fig. 104 e 105** - Atmosfera da zona que sucede a sala polivalente; Relação entre o piso intermédio e a zona da piscina.

**Fig. 106 e 107** - Enquadramento da zona da piscina; Atmosfera criada no pátio dos quartos, despertar dos sentidos.

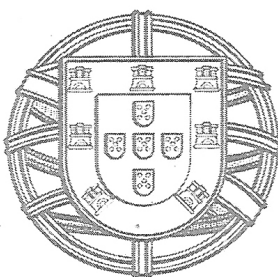


## Parte VIII

### Anexos

Segunda-feira, 17 de Agosto de 1998

Número 188/98



III  
S É R I E

# DIÁRIO DA REPÚBLICA

## SUMÁRIO

### PARTE A

#### 1. Concursos públicos

Órgãos de soberania .....	17 385
Organismos autónomos .....	17 392
Autarquias .....	17 394
Entidades particulares .....	17 402
Rectificações .....	17 405

#### 2. Despachos, Éditos, Avisos e Declarações

Órgãos de soberania .....	17 407
Tribunais .....	17 410
Organismos autónomos .....	17 412
Autarquias .....	17 412
Rectificações .....	17 434

### PARTE B

#### 4. Empresas — Registo comercial

Aveiro .....	17 437
Beja .....	17 437
Braga .....	17 437
Bragança .....	17 447
Coimbra .....	17 447

Évora .....	17 447
Guarda .....	17 450
Leiria .....	17 450
Lisboa .....	17 455
Portalegre .....	17 477
Porto .....	17 478
Vila Real .....	17 493

## 2. Despachos, Éditos, Avisos e Declarações

### ÓRGÃOS DE SOBERANIA

#### MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL

##### MARINHA

#### Comissão do Domínio Público Marítimo

Nos termos do n.º 4 do artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 468/71, de 5 de Novembro, o Parecer n.º 5808, de 14 de Maio de 1998, referente ao processo n.º 3843/86, da Comissão do Domínio Público Marítimo, sobre a delimitação do domínio público marítimo com um prédio rústico situado no lugar da Mota, freguesia de Gondarém, concelho de Vila Nova de Cerveira, em que é requerente Eduardo Manuel de Freitas Neves, foi homologado por despacho de 28 de Maio de 1998, do almirante-Chefe do Estado-Maior da Armada, por delegação do Ministro da Defesa Nacional e de 9 de Junho de 1998, do Ministro da Justiça, aprovado o seguinte:

#### Auto de delimitação

Aos 14 dias do mês de Abril de 1997, na Capitania do Porto de Caminha, reuniu a Comissão de Delimitação nomeada no *Diário da República*, 3.ª série, n.º 86, de 11 de Abril de 1992, constituída pelo capitão-de-mar-e-guerra res. José Manuel Monteiro Fiadeiro, presidente, em representação da Marinha, pelo engenheiro Artur da Silva Carvalho, vogal, representante do Instituto da Água, e por

Eduardo Manuel de Freitas Neves, que substitui a anterior requerente Maria da Conceição Araújo Rodrigues de Azevedo e Silva, a fim de lavrar auto de delimitação do domínio público marítimo com um prédio rústico situado no lugar da Mota, Gondarém, Vila Nova de Cerveira, que a requerente diz pertencer-lhe.

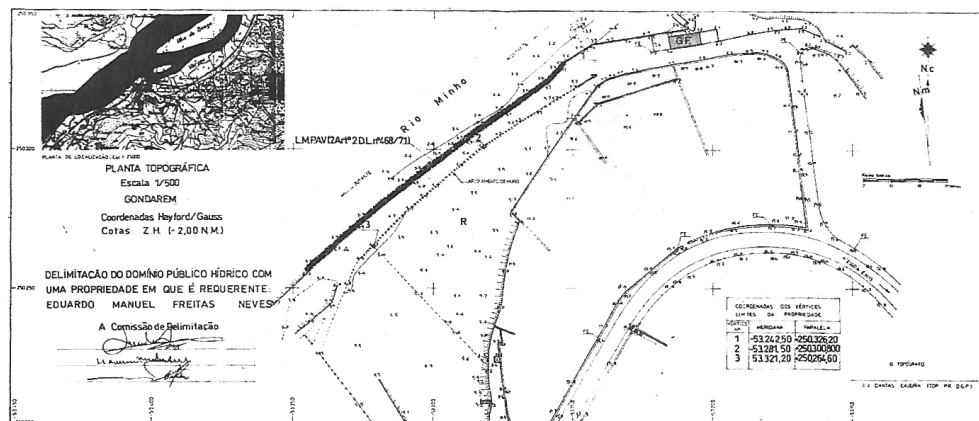
A Comissão, dando cumprimento ao parecer n.º 4965, da Comissão do Domínio Público Marítimo, homologado pelo Almirante-Chefe do Estado-Maior da Armada, em face dos estudos a que procedeu, tanto no gabinete como no campo, e de acordo com os termos constantes na acta n.º 3, de 28 de Fevereiro de 1997, fixou a delimitação segundo a linha poligonal que, partindo do vértice n.º 1, termina no vértice n.º 3, a que corresponde as coordenadas (Sistema Hayford-Gauss) indicadas no quadro que se segue e conforme consta de uma planta de delimitação anexa a este auto, mas não sem antes ter sido recordado ao requerente as disposições aplicáveis do Decreto-Lei n.º 468/71, de 5 de Novembro, designadamente as dos artigos 9.º e 12.º:

DPM 1	M = - 53 242,50	P = + 250 326,20
DPM 2	M = - 53 281,50	P = + 250 300,80
DPM 3	M = - 53 321,20	P = + 250 264,60

E mais não havendo a tratar, a Comissão deu por findos os seus trabalhos e elaborou, em duplicado, o presente auto o qual, depois de rectificado, vai assinado pelo presidente e pelos vogais.

José Manuel Monteiro Fiadeiro — Manuel Artur da Silva Carvalho — Eduardo Manuel de Freitas Neves.

Comissão de Domínio Público Marítimo, 3 de Julho de 1998. — O Presidente, Fausto Morais de Brito e Abreu, vice-alm.



#### MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

##### Direcção-Geral do Património

#### Aviso

Para conhecimento das entidades referidas no artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 55/95, de 29 de Março, e devidos efeitos se publica que, nos termos do n.º 7 da Portaria n.º 853/97 (2.ª série, de 30 de Outubro), foram alteradas as condições de aprovisionamento público de serviços de telecomunicações móveis terrestres acordadas com a empresa TELECEL — Comunicações Pessoais, S. A., as quais vão ser difundidas pelos serviços.

Direcção-Geral do Património, 27 de Julho de 1998. — Pelo Director-Geral, o Subdirector-Geral, (Assinatura ilegível.)

3-2-35 136

#### MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO, DO PLANEAMENTO E DA ADMINISTRAÇÃO DO TERRITÓRIO

##### Direcção-Geral de Transportes Terrestres

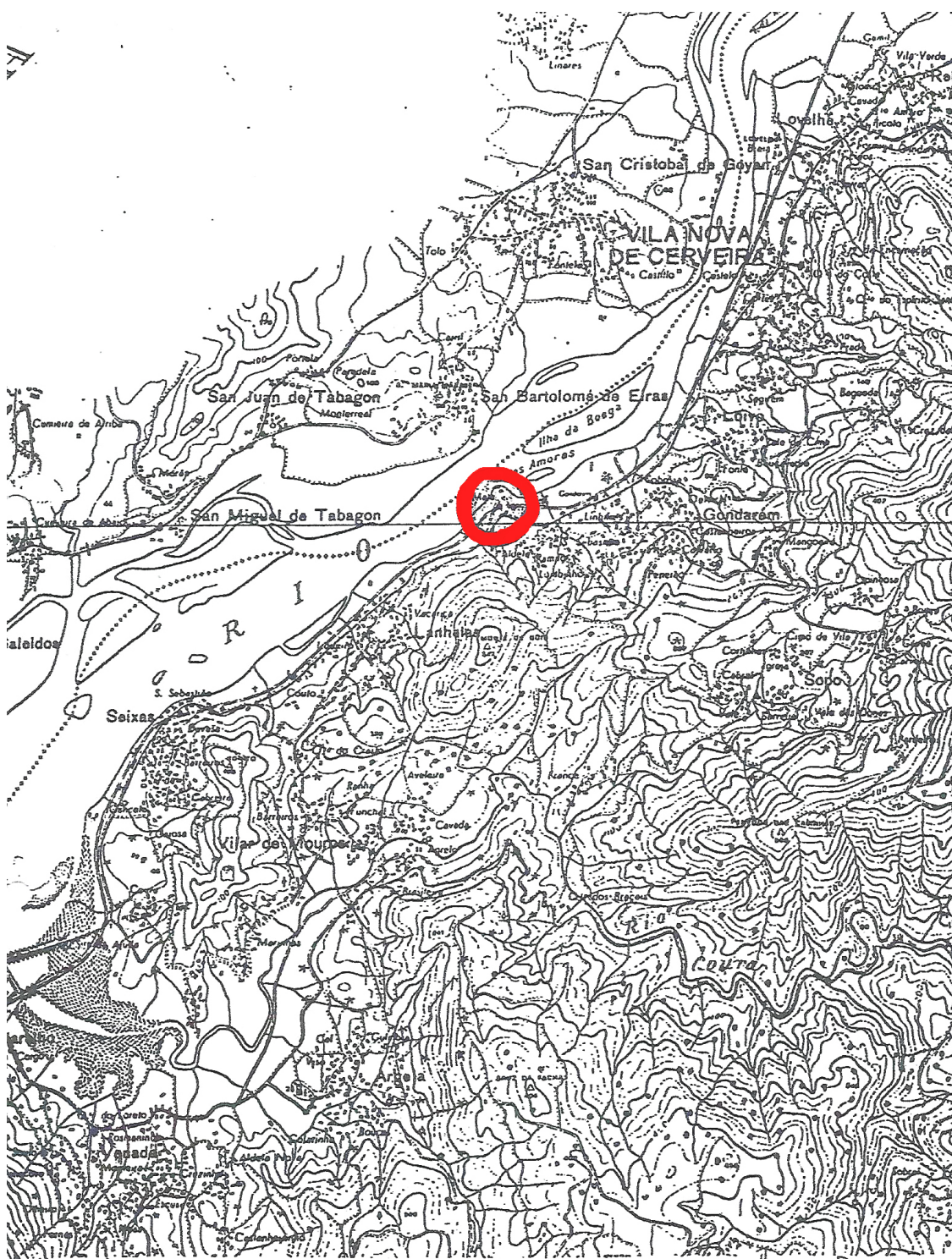
#### Despacho

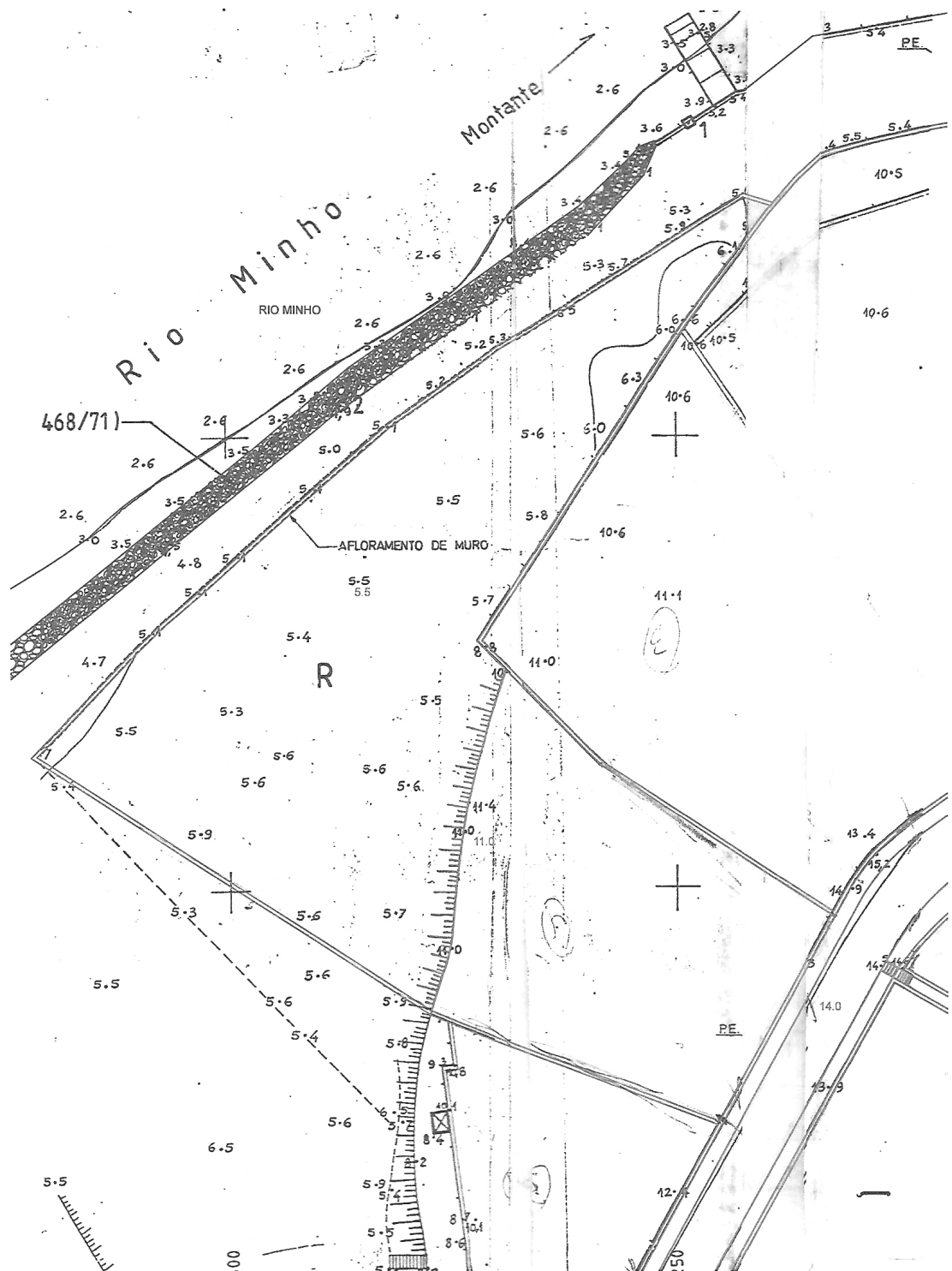
Por despacho de 13 de Fevereiro de 1997, do subdirector-geral de Transportes Terrestres, exarado ao abrigo do n.º 1.3 do Despacho n.º 2-DG/97, de 16 de Janeiro de 1997, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 29, de 4 de Fevereiro de 1997:

Outorgada, até 30 de Setembro de 2000, a carreira de serviço público a seguir indicada:

Regular de passageiros Espinho-Vilar do Paraíso, requerida pela empresa Auto Viação Espinho, L.ª, com sede em Espinho,









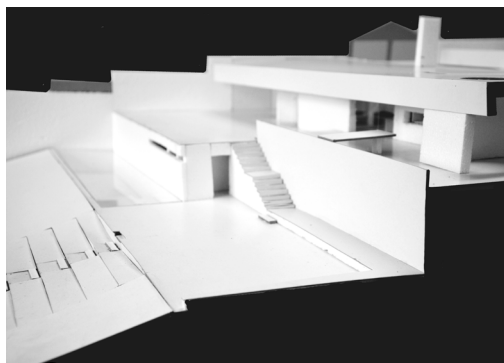
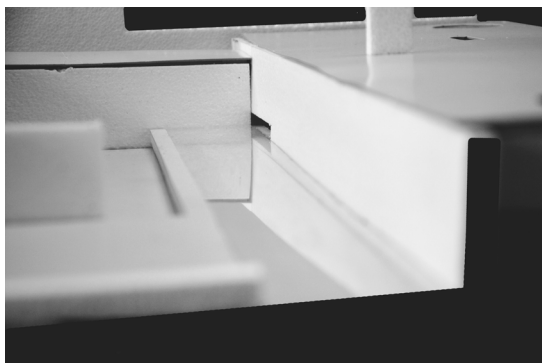
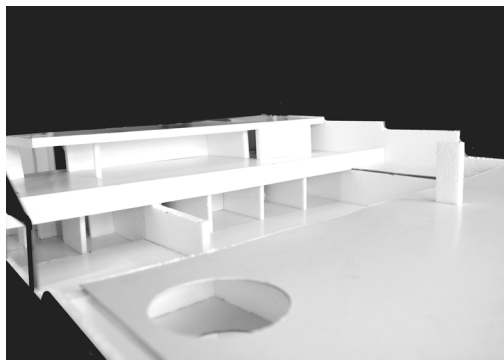
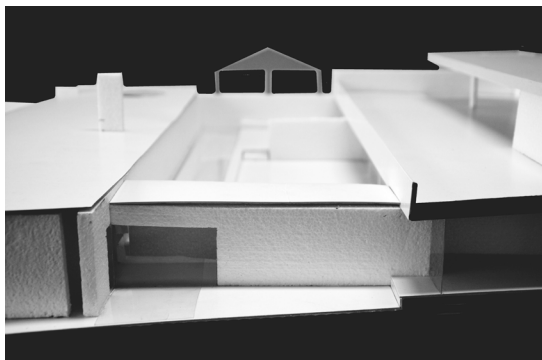
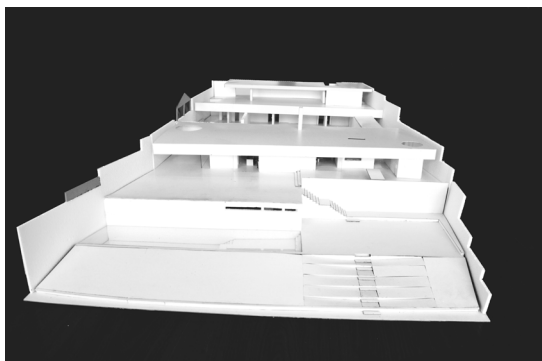
**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar



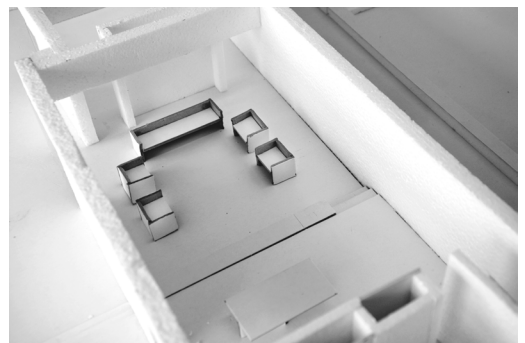
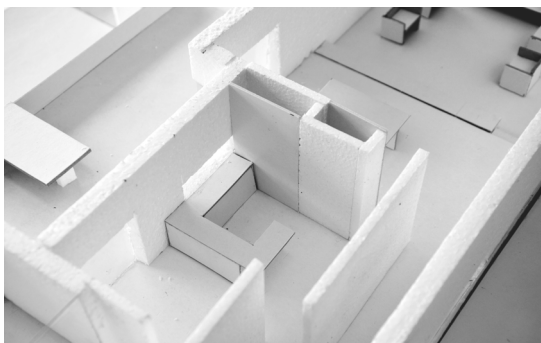
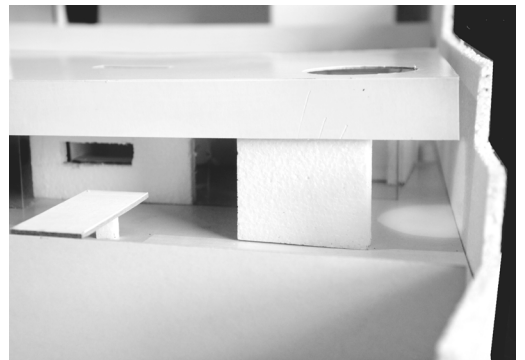
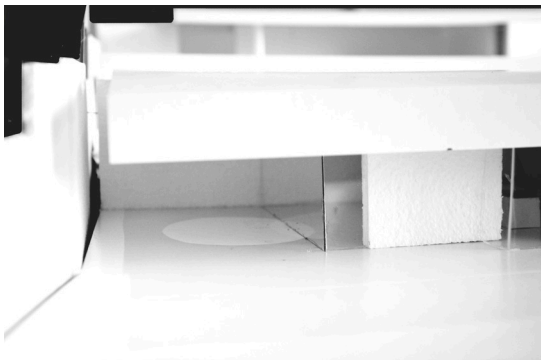
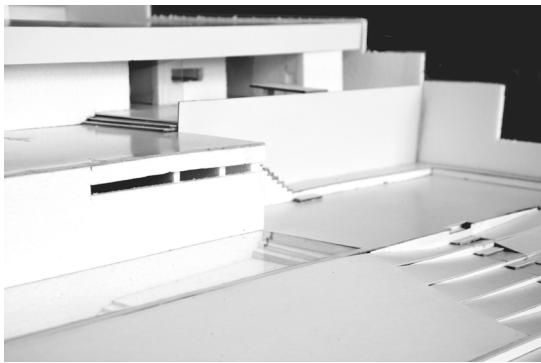
A Villa Tugendhat de Mies Van Der Rohe, surge como referência para a Casa do Minho, na abordagem que o arquiteto faz na resolução da questão dos muros e dos limites do terreno, bem como na relação simbiótica que estabelece com a paisagem envolvente. O edifício relaciona-se com a variação de inclinação do terreno, ajudando a vencer as cotas e integrando-se na paisagem que o envolve. Assim, na Casa do Minho estes temas foram também equacionados e estudados de forma a conseguir uma maior integração da habitação.



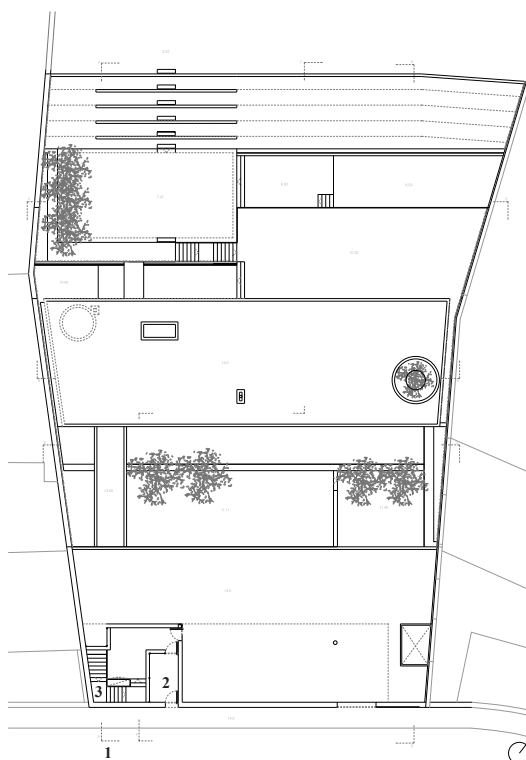
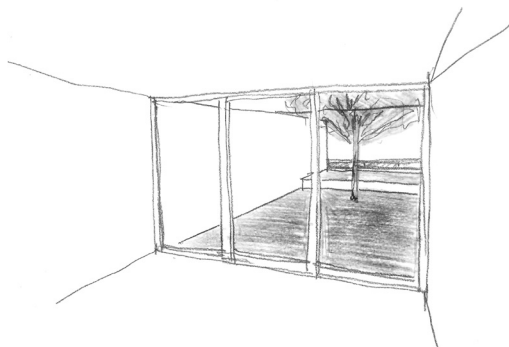
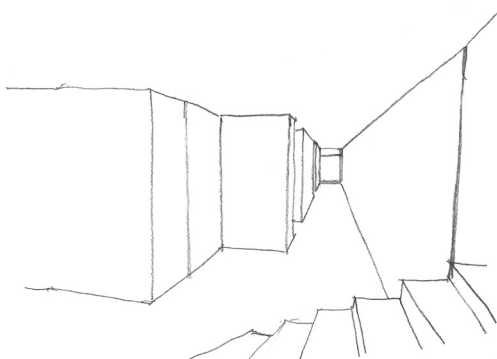
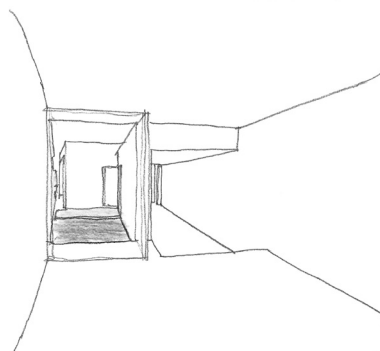
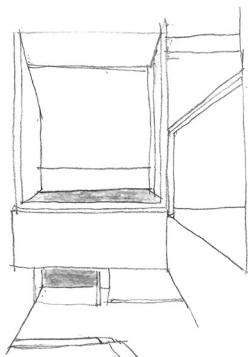
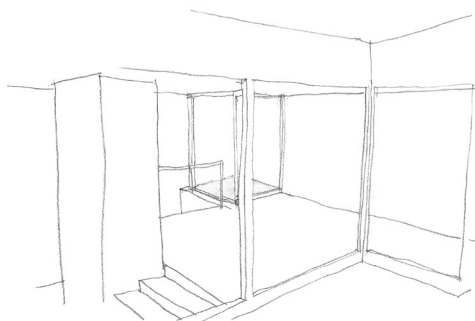
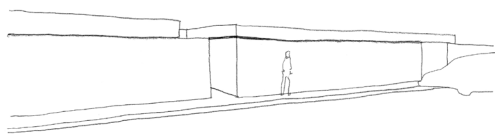
**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

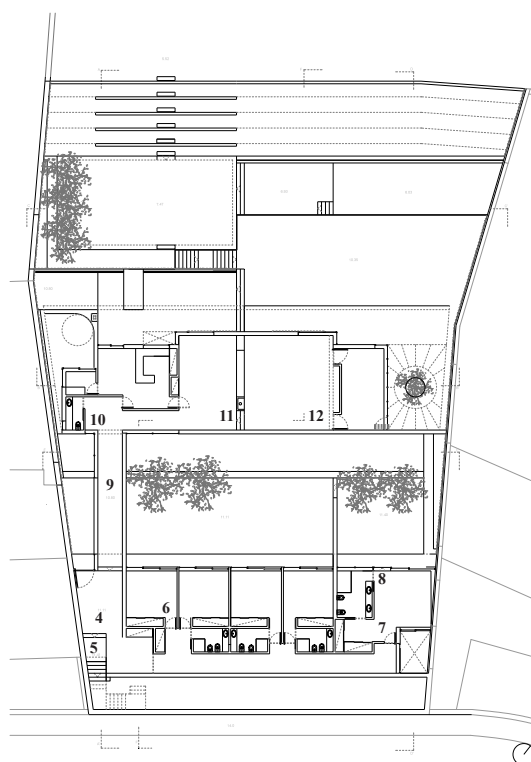
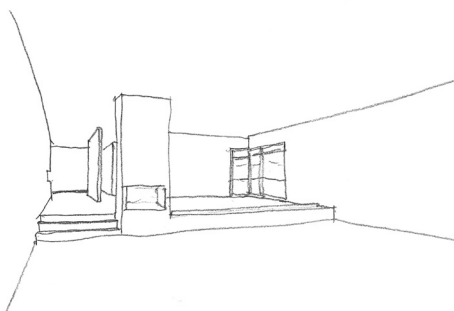
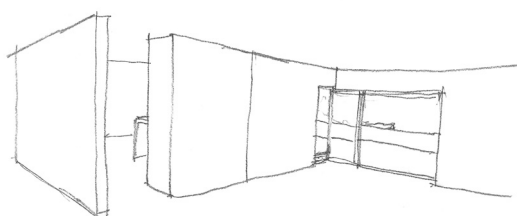
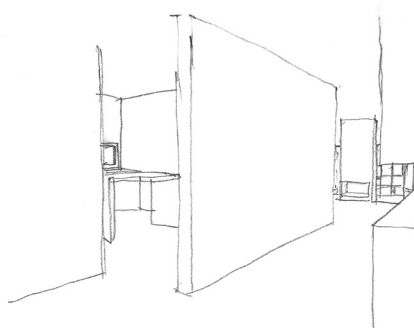
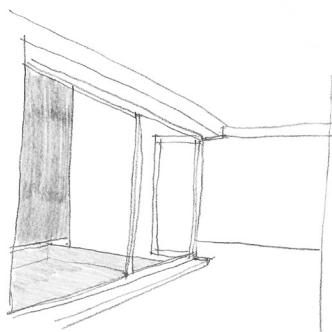
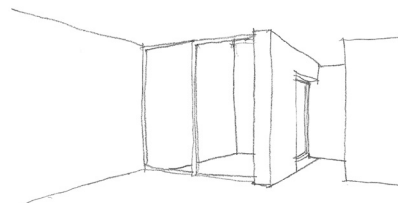
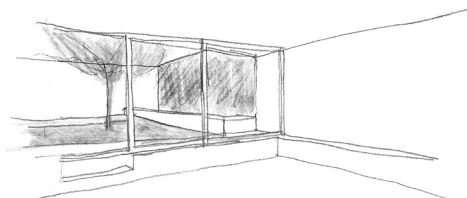






**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar





Desenhos 7, 8, 9, 10, 11, 12.

**A Casa do Minho**  
Uma reflexão sobre o habitar

